

NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

LEITURA DE HISTÓRIAS DE LEITURA

**CAMPINAS
1994**

Inipl.
mar. 65

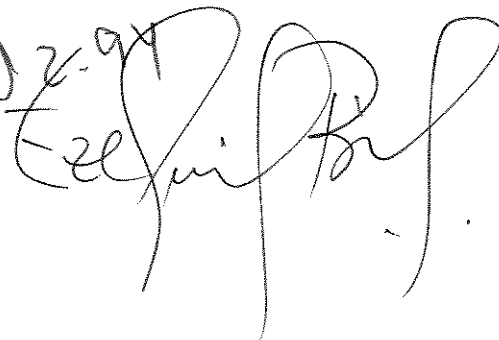
NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À REDAÇÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA POR NORMA SANDRA
DE ALMEIDA FERREIRA E APROVADA PELA
COMISSÃO JULGADORA**

LEITURA DE HISTÓRIAS DE LEITURA

DATA:

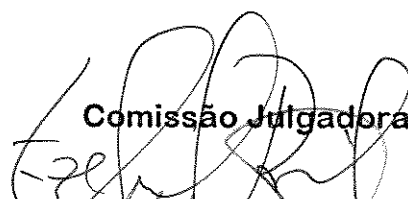
ASSINATURA

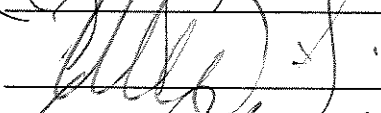
12.12.94


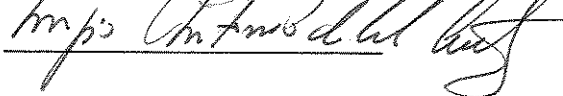
1994

**Dissertação apresentada como exigência parcial para
obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na Área
de Concentração: Metodologia de Ensino à Comissão
Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, sob orientação do Prof.
Ezequiel Theodoro da Silva.**

Comissão Julgadora:







mp's Introdutória

Aos bisnetos de Torquato. Especialmente Lígia, Rafael e Samuel.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Ezequiel Theodoro da Silva, pelas leituras exigentes e pelos bilhetes encorajadores no final de cada encontro;

Aos mestres da banca examinadora do exame de qualificação, Marisa Lajolo e Sérgio Leite, que muito contribuíram com seus questionamentos e sugestões para o encaminhamento dessa pesquisa;

A Amélia Pires Palermo que em sua história de vida reúne em si mesma a clareza política, a convicção de certos sonhos e a paixão de formar educadores e alunos;

Aos meus alunos de 5ª e 6ª séries, especialmente as turmas de 89/90 e 92/93, da Escola Comunitária de Campinas, pelas histórias de leituras compartilhadas comigo;

A Nylsa P. Franceschi Guerra pela competência no uso do computador e sensibilidade na leitura dos textos, e Beth por sua atuação nos “bastidores”.

Aos meus amigos, bons amigos, que foram “convocados” a participar da feitura desse trabalho: Ana Lúcia, Gabriel, Guto e Leda;

Aos meus irmãos, gêmeos de alma, embora não de corpo, cúmplices na escritura da minha história, de nossas histórias;

Aos meus pais, Geraldo e Adélia, pelas histórias contadas, experimentadas, sonhadas e convividas...

Resumo

Este trabalho procurou centralizar nossa reflexão sobre o ato concreto da leitura na sala de aula.

Algumas questões nortearam esta pesquisa sobre o processo constitutivo da leitura na perspectiva do próprio educando: Quem é esse aluno-leitor constituído em seus discursos? Que marcas contraditórias e/ou conservadoras esse leitor constrói quando nos fala sobre sua relação com a leitura na escola? Que marcas neutralizadoras e/ou transformadoras podem ser lidas na formação do leitor em seus próprios discursos?

Alunos de 5ª série, e posteriormente, os mesmos no ano seguinte na 6ª série, construíram através de suas Histórias de Leituras uma produtividade em relação à leitura manifestada em diferentes campos: concepções do ato de ler, socialização da leitura, circulação de livros, escolarização da leitura, formação do leitor.

Ao lermos o modo pelo qual as idéias se constituíram, buscamos recuperar a relação do autor com sua história, com outros textos, com outras histórias alteradas a cada leitura e escrita, a cada tempo.

Por esse eixo ensino-aprendizagem, talvez, consigamos aprofundar um pouco o nosso entendimento sobre o que ocorre na sala de aula, tentando desvendar a trama do cotidiano, as (in)certezas, os óbvios do dia-a-dia e colaborar com a escola para que ela desempenhe de maneira mais competente e crítica o seu papel na formação do leitor.

SUMÁRIO

1. ORIGENS DA INQUIETAÇÃO.....	1
1.1. Leitura da história profissional.....	1
1.2. Importância de se ler na sociedade (o porquê, o para quê)	9
2. OBJETO DE INVESTIGAÇÃO: O QUE LER?.....	24
3. COMO LER AS HISTÓRIAS DE LEITURA?	30
4. LEITURA DAS HISTÓRIAS DE LEITURA.....	35
4.1. Motivações: ler? para quê? por quê?	37
4.1.1. Ler: ampliar conhecimentos.....	37
4.1.1.1. Ler: aprender a língua	38
4.1.2. Ler: prazer.....	39
4.1.3. Ler: viver uma fantasia	42
4.1.4. Ler: uma paixão	43
4.1.5. Ler: obrigação	44
4.1.6. Ler: socialização.....	46
4.1.7. Ler: magia, descoberta ou herança genética	47
4.1.8. Não gostar de ler	49
4.2. Ritual de passagem.....	52
4.3. Socialização do leitor.....	56
4.3.1. O outro: influências	56
4.3.1.1. Família.....	56
4.3.1.2. Colegas	60
4.3.1.3. Professor	61
4.3.2. Ambiente requintado	62
4.4. O que se lê ou ler?	63
4.4.1. Na (pré) adolescência	65
4.4.2. Nos primeiros passos.....	72
4.5. Identidade do leitor	76
4.6. Ler na aula de biblioteca de classe: metodologia, avanços, tropeços.....	79
4.7. Algumas histórias de leitura	82
4.7.1. Narrador: o contador de histórias	83
4.7.2. Narrador: o intimista.....	85
4.7.3. Narrador: o distante.....	85
4.7.4. Narrador: o lírico.....	86
4.8. Linguagem do texto.....	87
5. ENFIM... FINAL (MENTE).....	88
5.1. Personagem - professor	88
5.2. Personagem - pesquisador	93
ANEXOS	96
TABELAS	102
BIBLIOGRAFIA.....	137

1. ORIGENS DA INQUIETAÇÃO

1.1. Leitura da história profissional

“À força de tanto ler e imaginar foi se distanciando da realidade a ponto de já não poder distinguir em que dimensão vivia. Varando noites e noites, à luz do candeeiro lia, relia e reconstruía, à sua maneira, o desenrolar de todas as aventuras.”

MIGUEL DE CERVANTES. *Dom Quixote*.

O meu envolvimento com escola pública começou quando freqüentei os primeiros bancos escolares.

Nos meus olhos de criança, ficou a imagem de uma escola sólida, prédio imenso, grandes escadarias de madeira, professores bonitos e bem vestidos, transmitindo, para mim, os mesmos (?) conhecimentos com ar de sabedoria e segurança, como já havia sido ensinado para os meus irmãos mais velhos.

Não existiam questionamentos, dúvidas. Eu ia à escola para aprender e lá era o lugar de ensinamento.

Fui sendo formada através de metodologias de localização datada na história da educação brasileira, que respondiam às exigências da sociedade que se industrializara e que impunham uma mentalidade pragmática voltada antes à técnica do que à especulação, a um racionalismo científico deflagrado do novo e do progresso.

Por outro lado, uma outra veia me alimentava. Pertencendo a uma família numerosa, fui criada ouvindo de meu pai histórias de assombrações que arrastavam correntes, à meia noite, enquanto minha mãe me contava histórias de fazendeiros que tratavam mal suas escravas. Era a época também de rádio, das matinês dominicais no cinema (chanchadas brasileiras), de gibis (Pato Donald), da revista “Nosso Amiguinho”.

Um pouco depois de alfabetizada, lembro-me de uma estante com alguns livros: coleção de Monteiro Lobato, edição 1957, capa verde-musgo; *Robson Crusóé* de Daniel Defoe, *Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift e outros.

Anos mais tarde, percebi que minha geração havia sido marcada pelo autor de *Reinações de Narizinho*, para o resto da vida. No entanto, hoje, poucas crianças, com a idade que eu tinha naquela época, raramente lêem Lobato e me pergunto o porquê. Ele não atrai mais? Sua linguagem é difícil? Há uma diversidade maior de livros e ele se dilui entre outros autores? Os adultos não sabem ou não querem criar um fio que ligue autores antigos aos contemporâneos?

No ginásio freqüentei com sofreguidão a biblioteca da escola. Passei por várias “chamadas orais” da bibliotecária, que não acreditava que eu tivesse lido *Guarani* em apenas dois dias ou qualquer outro livro que quisesse devolver antes do prazo. Nunca pude escolher meus livros, era sempre ela (a bibliotecária) que o fazia, entrando para uma sala cheia de “paredes-livros”. Li todos do José de Alencar, Joaquim Manuel Macedo, Bernardo Guimarães, alguns de Machado de Assis. Mas li também M. Delly como todos adolescentes de então.

Não me lembro de uma interferência ou uma preocupação formalizada com a minha leitura por parte de meus pais ou professores. Havia um clima de que ler era importante para ser alguém na vida e de que através da leitura aprendia-se muito. No entanto, eu não me envolvia com este valor sócio-cultural da leitura. Eu julgava, então, que lia por uma necessidade minha, pessoal: queria conhecer mais uma história.. A seriedade do “aprender para” não me tocava, aliás não sei bem o que me tocava ou tocava minhas leituras, mas eu lia. Com olhos de professor, tempos depois, me perguntava: o gostar de ler é pessoal? A família, a escola, o grupo social interferem diretamente na formação de um leitor? Torna-se leitor livremente numa relação apenas entre o indivíduo e o livro?

No magistério (antigo normal) não devo ter lido muito. Marcante foi para mim *Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry. Daí, aproveitei e li outros livros deste mesmo autor, grifando as passagens que mais me marcavam. Nesta época, a professora de

português nos falou sobre a literatura brasileira e eu me deparei com *Vidas Secas*. Fizemos um debate sobre o livro e eu exigi que prevalecesse minha leitura, acreditando naquele momento, que existia uma única (mais verdadeira) interpretação de uma obra. Por muito tempo procurei em diferentes leituras, a melhor interpretação diante delas.

Esta minha trajetória, ainda no curso normal, se fazia numa escola que discutia as preocupações metodológicas implementadas pela Escola Nova: desenvolvimento de uma postura crítica, enfatizando o pensamento indutivo e experimental. Vivi nesta escola, ao mesmo tempo, com professores fiéis aos métodos tradicionais (principalmente os de português, que ficaram “descobertos” pela Escola Nova) e os professores que incorporavam o novo pensamento valorizando as técnicas de pesquisa empírica e o trabalho de grupo.

A faculdade, também pública, proporcionou-me um ambiente maior de pesquisa, de diálogo, de reflexão, de exigências. Mesmo assim, as teorias lingüísticas, as abordagens literárias das obras, o estudo da língua encantavam-me mais como uma descoberta pessoal do que como instrumento crítico para enfrentar um mundo, principalmente uma sala de aula repleta de alunos. Estamos, aqui, falando dos anos 70: ditadura, professores exilados, alunos calados, ensino programado, programas educacionais importados, proliferação de faculdades particulares (Pedagogia e Letras), reformas de ensino, resistência.

No furor destes anos universitários, li tudo que me caiu às mãos, ora por indicação de colegas, ora de irmãos também universitários e até de professores. Assim atirei-me na literatura latino-americana: Júlio Cortazar, Miguel Astúrias, Gabriel Garcia Marques, Jorge Luis Borges; na literatura brasileira: Jorge Amado, Graciliano Ramos, Lima Barreto, Lygia Fagundes Telles, Guimarães Rosa, Machado, Alencar e alguns clássicos: Dostoievsky, Leon Tolstói. Líamos para discutir em bares, em festas, as idéias de determinados autores e suas influências na sociedade. Ler para fazer parte de um grupo. Será que os leitores buscavam seus pares, formando verdadeiras comunidades (parece que a quantidade era tão grande!)

ou era o momento histórico (em) que vivíamos, que exigia e estimulava mais as leituras dos jovens?

Não me lembro de ler poesia. Ela sempre foi para mim atividade didática, declamação na escola e, mais tarde, análise de sua “forma” e “conteúdo”. Que pena!

Assim, formada, optei por trabalhar em escolas estaduais de 1º grau, como professora de português, levando os modelos de ensino e conteúdos aprendidos na escola, que logo foram sendo “modificados” através das experiências de outras colegas, de algumas leituras, cursos feitos e muitas reflexões, num sentimento de que algo não estava bem, de que o ensino não era tão pronto e acabado, como julgava na minha infância.

Para fugir do ensino tradicional (transmitir o domínio do padrão culto através de leitura e imitação dos clássicos com aulas expositivas) seduzi-me pela Teoria da Informação que inundava os guias curriculares (propostas de ensino da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo), os livros didáticos e os cursos de atualização. O namoro, entretanto, foi curto, pois logo percebi que, embaixo da aparência de novidade, a Teoria da Informação não trazia consigo uma prática transformadora, vendo os professores como peças de engrenagem que funcionavam por mecanismos auto-reguláveis.

Além da Teoria da Informação, a escola era bombardeada pelo Estruturalismo - que via na desmontagem da forma (significante) da língua e na transformação de determinados recursos linguísticos a partir de modelos - o caminho para se aprender a língua materna. As obras eram estudadas através de suas estruturas, reduzindo-as a esqueletos formais, jamais interpretados e contextualizados.

A luta na sala-de-aula era corpo-a-corpo: uma busca incessante. Eu alternava o conteúdo dividido em leitura, redação e gramática. Talvez, por gostar muito de ler e “consciente” dos objetivos que pudessem ser alcançados através da leitura, fazia da leitura o meu carro-chefe, nas aulas. Líamos livros indicados por mim, que eram debatidos com a classe tentando levantar as idéias constitutivas da obra, os recursos

lingüísticos usados pelo autor e, em seguida, os alunos apresentavam o livro em outra linguagem: histórias em quadrinhos, dramatização, júri simulado, jornal. Eu julgava que através destas atividades mais “descontraídas”, os alunos se interessariam melhor pela leitura de livros. Passei a escolher livros da “Coleção Jovem do Mundo Todo” e da “Coleção do Pinto”, por acreditar que eles pudessem ser mais atraentes aos meus alunos pelos seus temas próximos à realidade do adolescente e mais atuais, sua linguagem sem muitas descrições, com “gírias”, mais “televisiva”.

O meu prazer, a minha necessidade com a leitura continuava enquanto ser humano, e no entanto, meus alunos liam pouco. Liam apenas o livro bimestral indicado por mim. Eu não conseguia formar um ambiente rico de leitura. Como formar um ambiente propício de leitura? Seria possível através de um outro tipo de interferência do professor ou se deveria apenas dar acesso aos livros e deixar que a sua magia contagiasse nossos adolescentes?

Os meus olhos de adulto foram enxergando, cada vez mais, uma nova escola pública - não tão grande, não tão sólida, não tão limpa, com professores insatisfeitos, mal formados (eu também, por que não?), faltando serventes, diretor, carteiras escolares... tudo - a inquietação me tomou toda e continuei a buscar outra concepção de educação.

A lousa verde da sala de aula virava quadro-negro. A realidade “cutucava”, assustava, exigia. Os dados estatísticos confirmavam: 26% de nossas crianças não têm acesso aos bancos escolares, 20% são analfabetos, metade dos alunos (que ingressam na escola de 1º grau) repete de ano, o índice de evasão se encontra em torno de 80%, segundo dados de pesquisa do Banco Mundial e do Instituto de Pesquisa Educacional, do Ministério da Educação.

Este quadro remetia a um outro, não menos triste: 85% de nossa população pertencem às famílias cuja renda per capita não ultrapassa dois salários mínimos, onde 30% das crianças de zero a sete anos já integram o mercado de trabalho,

dividindo seu tempo de estudo com emprego para colaborar na própria sobrevivência.

Não se tratava mais de (re)pensar a metodologia para se ensinar melhor a língua materna, para despertar o gosto pela leitura, para levar à produção de textos com coerência, coesão e criatividade. Tratava-se de saber quais as minhas condições, enquanto professora, de contribuir (tentar interferir nas “brechas” possíveis) com mudanças neste quadro. Como continuar trabalhando sem tentar fazer uma crítica histórica do saber construído com os alunos? Como, nesta sociedade, onde a discriminação está presente, onde as oportunidades de acesso ao saber não são iguais, tentar reverter esta marginalidade?

Os anos 80 trouxeram os sonhos de uma educação emancipatória que apontava para professores e alunos enquanto sujeitos críticos, que constroem seus conhecimentos e buscam superação dos impasse sociais. Estes anos reuniram a luta pela democratização, o anseio pela mudança, foram tempos de luta, de “voz gritada”, de eleições diretas.

No ano de 1984, saio temporariamente da sala de aula e assumo as funções como monitora de Língua Portuguesa na 1ª Delegacia de Ensino de Campinas. Por três anos, junto com monitores de outras disciplinas e de Português de outras Delegacias de Ensino, intensificamos nossa reflexão sobre o ensino da língua materna nas escolas públicas e buscamos soluções para as dificuldades encontradas.

Os problemas giravam ora em torno de leitura, ora produção ou até mesmo gramática, exigindo de nós respostas concretas.

Num comprometimento político conjunto, as Universidades, principalmente estaduais começaram a oferecer cursos de atualização ou projetos de assessoramento para os professores da rede pública.

Campinas foi acompanhada mais de perto pelo projeto “Desenvolvimento das Práticas de Leitura, Produção e Análise Lingüística de textos”, sob a orientação dos professores: João Wanderley Geraldi, Raquel Salek Fiad do I.E.L., UNICAMP e

Lilian Lopes M. da Silva da Faculdade de Educação, UNICAMP, do qual professores interessados junto com a monitoria de Língua Portuguesa (1ª, 2ª, 3ª Delegacias de Ensino) poderiam participar voluntariamente. Foi formado um grupo bastante interessado no exercício de teorizar a prática, ou melhor, praticar a teoria da prática. Neste momento, encontros com outros professores de português e outros livros teóricos complicaram e enriqueceram nossas inquietações: “os alunos, de hoje, leem pouco”, “não gostam de ler”, “a televisão prejudica a leitura”, “deve-se ou não obrigar a ler”, “a escola é capaz de formar leitores...” Discutindo sobre leitura, como monitora, eu pedia que os professores fizessem os seus depoimentos sobre suas história de leituras: o que liam, se havia, (houve) interferência de alguém em suas leituras, os livros mais marcantes, situação de prazer/desprazer com a leitura em sua infância. Os diferentes relatos apontavam para diferentes caminhadas e ficava a questão: existe um único caminho para se formar leitor? Muito já tinha sido discutido entre nós, professores, mas tínhamos ouvido a fala do aluno? Não seria uma boa proposta conhecer o processo de formação do leitor, sob o enfoque dele (do aluno)? Tentar conhecer, no momento de formação desse leitor, como ele está se vendo?

Em 1987, voltei para a sala de aula, agora, escola particular, onde me encontro até hoje.

Afastada temporariamente da escola estadual, escolhi uma da rede particular, num determinado momento da minha vida pessoal, conservando comigo a minha opção pela escola pública, por ela conter a maioria das crianças brasileiras.

Longe do ensino público, a constatação: o ensino vai mal, não importa se público ou particular: há muito por fazer.

A dicotomia público e particular parece esbarrar na falta de existir - em realidade e não no papel - uma política educacional em nível nacional, que abarque uma concepção de “educação que não venha separada do processo de conscientização, ou seja, o desenvolvimento de instrumentos conceituais e de pensamentos devem permitir a transformação da realidade em que se

vive”. (Foucambert, 1993a, p.51). E, do ponto que nos cabe, a leitura, parece faltar também no país, uma política de leitura definida e conjunta (não programas isolados) que envolva governo, editores, gráficas, distribuidores, livreiros, bibliotecárias, professores, leitores na busca de soluções práticas, concretas, não-imediatistas e nem enganosas (ilusórias).

Havia uma continuidade muito forte a ligar meu trabalho e meu prazer pessoal: a leitura. Revendo minha trajetória de vida vi que, guiada pela curiosidade e por acaso, não por objetivos pré-determinados, tinha recuperado um pouco de minha formação como leitora, um pouco da formação de outros professores. Talvez, estes acasos não tenham sido tão gratuitos e fortuitos. Eles acabaram por servir como pano de fundo para pesquisas com meus alunos e para que eu pretendesse colaborar na formação de meus leitores: precisava ouvi-los, conhecê-los melhor, registrar a sua caminhada, à medida que se faz, como leitores.

Com dezessete anos de experiência como professora de Língua Portuguesa, de 5ª a 8ª séries do 1º grau, resolvi voltar à universidade, pelas portas do mestrado da Faculdade de Educação da UNICAMP. Tendo mais claro, dentro de mim, a vontade de teorizar minha prática, vi na área da Metodologia de Ensino, um dos caminhos para que isso ocorresse. O projeto redigido para a seleção do Mestrado registrava um pouco de minha caminhada, procurando centralizar minha reflexão sobre o ato concreto da leitura planejada e limitada no tempo e espaço escolar. Eu pretendia discutir e problematizar o processo construtivo da leitura através da perspectiva do educando: como ele vê este processo, como está a leitura para ele na escola, como se forma um leitor, que condições provocam esta formação, qual a sua história de leitura?

Entre o dia-a-dia da sala de aula no 1º grau e a sala de aula literalmente (encalorada, abafada e escura) na UNICAMP, continuo ora como professora, ora como aluna, procurando soluções e respostas às minhas interrogações vividas durante a minha trajetória profissional, buscando modificar pensamento, momento histórico.

1.2. Importância de se ler na sociedade (o porquê, o para quê)

“Estava lendo um livro que tinha apanhado por engano na biblioteca. Me deram o livro errado e só notei quando já estava de volta no quarto. Haviam me dado *Fora da África*, de Isak Dinesen. Pensei que ia ser uma droga, mas não era não. Até que era um livro bom. Sou bastante ignorante, mas leio um bocado. Meu autor preferido é o meu irmão DB e, em segundo lugar, Ring Laidner. O que eu gosto mesmo é de um livro que seja engraçado, pelo menos de vez em quando. Li uma porção de livros clássicos, como *A Volta do Nativo*, e tudo, e gostei deles; li também vários livros de guerra e de mistério, mas nenhum desses me deixou maluco. Bom mesmo é o livro que quando a gente acaba de ler fica querendo ser um grande amigo do autor, para se poder telefonar para ele toda vez que der vontade.”

J.D.SALINGER. *O Apanhador no Campo de Centeio*.

Discutir, repensar, falar sobre leitura, hoje, exige, que se estude a bibliografia especializada no assunto, que aponta as relações íntimas e históricas entre a leitura e a sociedade.

Se olharmos para a época da colonização, vemos que os portugueses consideravam a população brasileira apenas como responsável por cultivar, coletar, comercializar e exportar matéria-prima para a metrópole. Para esta população não havia interesse por parte de Portugal em implantar um sistema educacional aqui, ficando esta tarefa a cargo, principalmente, dos jesuítas. Além disso, os portugueses impediam que o ambiente cultural se expandisse, através de restrições à importação de livros, ausência de livreiros, proibição de qualquer tipo de imprensa, depauperação das escolas e falta de uma metodologia de leitura eficiente e de qualidade.

Com a conquista da autonomia política em 1822, a organização educacional passou a exigir alterações: um projeto de emancipação cultural amplo, uma escola pública popular e acessível a todos os segmentos da população. A leitura aparece, então, como tema, ainda que timidamente, na primeira Constituição, do período monárquico após a Independência - alfabetização para a grande maioria dos brasileiros. No entanto, as reivindicações não saíram do papel pela falta de escolas, de pessoal preparado para o Magistério, de organização administrativa, de recursos disponíveis.

De lá, passando pelos anos impetuosos da implantação da República, cada vez mais grupos pressionados por fatores externos de natureza econômica, tais como, urbanização do país, configuração de uma classe média, necessidade de formação da mão-de-obra, estimulam o consumo do material impresso, para que se possa concretizar as mudanças sócio-políticas desejadas. A educação torna-se bandeira de luta no período pós-republicano, e desse modo, surgem campanhas pelo combate ao analfabetismo - que atingia 70% da população - que trazem consigo as exigências de aprendizagem de técnicas de leitura e escrita, como essenciais à integração do novo contexto social. A leitura na escola torna-se instrumento para a difusão de idéias nacionalistas, para transmissão de valores, tais como caridade, obediência, amor à família, constância no trabalho, para reforço de certos conteúdos curriculares e para a defesa de modelos de língua nacional. Mantém-se o modelo tradicional de ensino elitista porque acessível a poucos e negligenciado pelo governo.

Trinta anos depois de proclamada a República, a burguesia urbana, fortalecida numérica e economicamente, principalmente nas regiões mais ricas e mais industrializadas do país (centro e sul) exige uma reforma de ensino que se desdobre em trabalho manual e intelectual e que dê acesso à população de baixa renda à escola.

Essa sociedade institui a ideologia da leitura baseada na crença de que a educação, a que se tem acesso para aquisição do saber acumulado em livros, é uma condição essencial para uma bem-sucedida escalada social. E ao mesmo tempo que a burguesia estimula o consumo do material escrito para transmitir poderes políticos e financeiros, se afirma paralelamente o crescimento da literatura dirigida ao público escolar e adequada a ele.

A literatura, principalmente infantil, deste período de (1920 a 1945) sobrevive e expande-se como consequência de seu atrelamento aos interesses do Estado e às instituições que o servem. O mercado escolar solicita dos escritores certa criatividade, isto é, o Estado “controla” a produção literária circulada na escola.

A partir dos anos 30, de um lado, temos a implantação do capitalismo industrial e desenvolvimentista do Brasil que insiste mais na área editorial, consolidando-se a indústria local dos livros, com uma produção mais ágil de textos nacionais, ao mesmo tempo que a difusão das criações artísticas é facilitada com o aparecimento do rádio, com a expansão do cinema, com o início da tecnologia das comunicações. De outro lado, vemos que, para uma sociedade industrial que se instala diante de sua forma de divisão social, não havia a necessidade de que a grande maioria dos indivíduos possuísse dispositivos de recepção diferenciados e sofisticados para receber instruções e informações que a minoria dirigente estabelecia. Neste momento, a leitura e a escrita são impostos como qualificação necessárias ao próprio mecanismo produtivo; como uma necessidade pragmática.

Na década de 40, o nosso mercado é invadido e usurpado pelo capitalismo norte-americano com seus produtos industrializados e culturais, principalmente com os veículos de massa, tais como o cinema e a história em quadrinhos. A política editorial sofre significativas alterações quando envereda pela tradução não só da literatura mais intelectualizada anglo-saxônica, mas também da literatura massificada. A consolidação da leitura no mercado nacional se faz pelo lançamento de coleções “pasteurizadas” e estereotipadas, com esquemas narrativos padronizados, envolvendo os personagens em aventuras e histórias de detetives. Este gênero passará a ser o grande “filão” da literatura infanto-juvenil, nos anos 80, indicada como a preferida pelos adolescentes, como a Série Vaga-Lume.

O modelo econômico, que visava a inserção do Brasil no capitalismo internacional, reivindica mudanças estruturais a serem operacionalizadas pela educação. Amplia a demanda da indústria, que devido a sua expansão necessitava de uma mão-de-obra treinada, mas não formada intelectualmente capaz para produzir inovações tecnológicas. A educação é tomada como propiciadora desta mão-de-obra meramente reprodutiva e a escola é o local que busca preparar um grande número de pessoas para entrar num mercado cada vez mais competitivo e qualificar poucos para a estrutura acadêmica.

Os anos 70 assistem à Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino (lei nº 5692, ano 1971) que, com vistas a elevar o nível educacional brasileiro, traz como modificação o aumento do ensino fundamental obrigatório de cinco para oito anos; instituição da terminalidade do 2º grau, que em nome de um suposto ensino profissionalizante, sacraliza a dicotomia entre trabalho manual e intelectual e os conteúdos são comprimidos em áreas de conhecimento.

Mas o Estado não assume os custos que significaram o crescimento da clientela estudantil e a escola, agora com uma rede maior, depauperase-se.

O achatamento da escola pública e o crescimento da rede particular (preocupada em captar o excedente das escolas de estado e/ou oferecendo um ensino de melhor qualidade) continuaram a perpetuação do processo de elitização do ensino brasileiro. Ao não promover um ensino básico de qualidade científica e humanística, isto é, ao patrocinar o “nivelamento por baixo”, a escola pública sonega à maioria dos indivíduos o conhecimento necessário para assegurar sua participação ativa no seu meio social e efetiva ascensão na escala social brasileira.

E se o número de alunos cresce e, por conseguinte, amplia-se o número de alfabetizados, por outro lado, o número de leitores não cresce na mesma quantidade. A distância entre o eventual leitor e o livro não diminui, o livro continua fora das mãos do leitor em potencial: as bibliotecas escolares são pobres, o livro é caro, a concepção e a metodologia da leitura se apóiam na exemplaridade dos clássicos para ser imitado ou no “deixar ler o que gosta”. Se há um crescimento na indústria do livro, isto só pode ser constatado na venda do livro didático, que, aproveitando-se da expansão da escola, apresenta-se como um livro barato a ser consumido em um ano e como instrumento de trabalho essencial para a grande maioria dos professores.

A elevação da população estudantil, por outro lado, vem provocar a necessidade de um maior número de professores. Para solucionar tal problema, o governo toma outras medidas: proliferação das licenciaturas em todo o país, a aceitação da licenciatura curta, o aparecimento de cursos noturnos, a expansão das

faculdades particulares. O despreparo dos professores, que vindo também de classes sociais não pertencentes ao quadro docente, que não conhecendo em profundidade o conteúdo de sua disciplina, provocam alterações profundas na metodologia: o professor é substituído pelas técnicas didáticas de estudo dirigido, da instrução programada e, principalmente, pelo livro didático.

A escola passa a utilizar os recursos da mídia (TV, histórias em quadrinhos, rádio) como forma de atualização e facilitação do ensino, simplificando e massificando o conteúdo a ser ensinado, fazendo o oposto da educação elitista na época do Império, baseada na tradição literária e retórica a ser imitada como modelo.

O professor torna-se uma peça a-crítica entre o que se produz, se edita, se difunde em literatura, “prensado” entre diferentes metodologias, propostas pedagógicas, programas de governo, concepções de linguagem e leitura.

Hoje o professor de 1º grau não pode refletir sobre sua situação profissional, sem relacioná-la a todo o processo pelo qual ele vem sendo submetido. Se o profissional, com a modernização econômica e industrial do país, viu seu mercado de trabalho ser ampliado e pôde vir de uma classe social mais simples, por outro lado, sua formação improvisada e precária reflete os problemas presentes na escola. Quem é esse professor? Quem é esse aluno? Que escola temos?

Cabe a esse professor do 1º grau repensar que o como se ensina Língua Portuguesa se encontra intimamente ligado ao por quê e para quê se ensina português, neste momento histórico. Cabe, no nosso caso, discutir para quê e por quê se quer formar leitores, como o formamos, quando e onde. Cabe tentar reverter este quadro educacional descrito até agora.

“De certo modo, a literatura precisa descobrir, considerando novas circunstâncias, em que consiste sua natureza educacional. Não pode ser a que desempenhou na Antiguidade. Mas não pode ser a consagrada pela sociedade burguesa, que lhe conferiu o papel de intermediária entre o indivíduo e a língua escrita e/ou a história nacional, por esses ideais não terem sentido para os grupos

sociais de origem popular que hoje reivindica o acesso à escola.” (Zilberman, 1990, p.17).

Se com a expansão da escola poderíamos esperar um público leitor quantitativamente maior, acompanhado de uma elevada oferta de obras, constatamos, ao contrário, sua evasão, isto é, o decréscimo de seu interesse pelos livros.

Fala-se já há muito tempo numa crise de leitura no Brasil, deflagrada no final dos anos 70 e que pode ser interpretada de diferentes maneiras. De um lado, atribui-se à falta de leitura aos alunos que não gostam de ler, que preferem outras formas de comunicação, satisfazendo-se com sua ignorância ou com a superficialidade das informações. Por outro, a responsabilidade cabe ao descaso da escola e de outras instituições, de um modo geral, no tratamento com os livros, com os leitores, e, principalmente com o modo de ensinar a ler e a conviver com a literatura. Além disso, a crise da leitura tem sido também encarada num contexto maior que é o da crise econômica brasileira, que vem se arrastando nos últimos anos, atingindo o poder de compra e possibilidade de lazer-tempo livre para a leitura da classe média e, excluindo (num projeto conjunto político das autoridades) milhões de indivíduos em idade escolar da própria escola ou fazendo-os evadir-se dela na 1ª série do 1º grau. Por outro lado, contraditoriamente, essa mesma crise (re)alimenta a própria indústria cultural que se coloca como “porta voz” dos que clamam pela necessidade de se ter uma sociedade formada de cidadãos-leitores, através de edições de livros especializados em leitura - a história de leitura no Brasil, denúncias e/ou propostas na formação de leitores, críticas à literatura infantil e juvenil publicada, relação leitura e sociedade, leitura e escola, etc - e de livros de literatura com o objetivo de atrair os não-leitores.

Essa crise passa a ser tema amplamente debatido e explorado em diferentes universidades, congressos e publicações nas duas últimas décadas com o levantamento dos mesmos problemas, com indicação de poucas soluções: ausência de uma política educacional e cultural, constatação de elevada taxa de analfabetismo, falta de leitores, influência cada vez maior dos meios audio-visuais

de comunicação de massa, preocupação com a formação de leitores críticos, propostas metodológicas mais tradicionais e mais progressistas, o papel da família, da escola, do Estado. E, o pior, uma crise que chega a se instalar em algumas regiões do país de tradição oral e que foram dominadas pelas mídias eletrônicas sem que elas tenham sequer experimentado os fenômenos de uma escolarização coletiva, sem terem formado grupos de leitores para uma verdadeira sedimentação da leitura.

A leitura continua ora ausente para muitos, ora como simples decodificação de sinais para alguns, ora como mediadora privilegiada das relações de poucos com o mundo. Grande paradoxo: ao lado dos livros CDs, do ataque ao livro tipográfico por uma sociedade governada pela velocidade própria das ondas eletro-magnéticas e das redes de fibras óticas, a grande maioria dos brasileiros não lê e nunca leu nenhum livro, no final do século XX.

“Se o ‘ler’ for tomado como um ato de libertação, como uma atividade provocadora de consciência dos fatos sociais por parte do povo, então é interessante ao poder dominante que as condições de produção da leitura sejam empobrecidas ao máximo, ou seja, que o acesso ao livro a um certo tipo de leitura (a crítica-transformadora) seja dificultado ou bloqueado. Assim, manter ou fazer aumentar a taxa de analfabetismo no país, censurar as obras literárias contestadoras, consolidar o caráter sagrado e culto do processo de escritura, desvincular a leitura do trabalho, dismantelar a imprensa operária e marginal, folclorizar as produções escritas do povo, sorrir diante do fechamento das livrarias nacionais, forçar o rebaixamento da qualidade de leitura nas escolas, enfraquecer o tamanho e o número das tiragens dos livros pelo não incentivo ao trabalho editorial, dificultar a distribuição dos livros no país (...) etc., etc.. são marcas de uma política que certamente não privilegia a popularização do livro e da literatura em nossa sociedade.” (Silva, E.T., 1986, p.36).

A história tem mostrado que um dos grandes desafios a ser enfrentado desde a época da colonização é a ausência de uma política educacional / cultural que garanta a proliferação da leitura para todos os segmentos da sociedade, aberta e de qualidade a toda a população com uma alfabetização eficiente, com uma postura crítica diante dos textos e diante do mundo que os traduz.

Esta realidade (triste) tem exigido da escola um rol de providências corretivas com vistas à valorização da leitura e do livro, ao mesmo tempo que o governo vem criando projetos emergenciais e sem continuidade para tentar combater o processo de elitização do ensino em escala nacional e o índice assustador do analfabetismo.

A escola, como um dos órgãos responsáveis pela difusão da leitura, como um lugar onde se aprende a ler e a escrever, a formar ou não o gosto pela leitura, a transformar não-leitores em leitores críticos, constitui-se foco de atenção da ideologia de uma determinada classe social (a do poder) que procura inculcar de maneira natural padrões de comportamento a todos os indivíduos, através de sua legislação, programas de ensino, conteúdos, metodologias e avaliações.

Pensar leitura, portanto, implica discutir esta escola, refletir as relações que se estabelecem a partir da concepção de linguagem e de leitura que fundamenta a prática do professor no seu dia-a-dia e conhecer as relações que os alunos constroem com o ato de ler.

Os processos de democratização da escola e da própria escolarização da leitura encontram-se presos a um esquema de produção e reprodução das condições de perpetuação do modo capitalista, tanto no nível material quanto no nível ideológico. Mas, como o mundo prático das ações dos homens e das instituições não pode ser concebido estática e permanentemente, há a possibilidade de mudanças na medida em que se acredita num projeto educacional dialético, movido pela contradição.

Para isso há necessidade de se lutar pela escola como instrumento de apropriação do saber conjugada com uma educação crítica, ou como diz Elza Pacheco: “O que define uma educação crítica é a tomada de consciência de seus condicionamento histórico-sociais e para a qual a função dos conteúdos é dar um passo à frente no papel transformador da escola, a partir das condições existentes. Assim a educação é uma atividade mediadora no seio da prática social global, que se dá a nível das relações entre os homens”. (Pacheco, 1992, p.45).

Acreditando que os sujeitos não são necessariamente bons ou maus quando nascem (Rousseau, 1712 a 1776), da mesma forma que as instituições e os grupos

também não possuem valor intrinsecamente bom ou mau (Durkheim, 1858 a 1917), aceitamos que a sociedade, por ser formada por instituições de valores plurais, conflitantes e antagônicos, impõe aos indivíduos a construção de uma consciência moral e autônoma desenvolvida por etapas através de processos interativos. Ou, em outras palavras: “a educação moral é diferente da adesão do indivíduo aos padrões morais (valores e virtudes) defendidos no interior de um grupo e da sujeição disciplinada ao grupo enquanto tal, isto é, a integração do indivíduo no sistema normativo da sociedade. A educação moral, defendida por Kohlberg consiste em criar condições psicológicas para que o indivíduo procure alcançar por esforço e convicção próprios, o nível de moralidade. A ação do educador consiste simplesmente em favorecer constelações em que o julgamento moral da criança e/ou adolescente é incentivado a funcionar habilitando-o a ponderar, decidir e atuar moralmente. Quanto mais elevada a consciência moral dos indivíduos de uma sociedade, mais evoluída é a própria sociedade”. (Freitag, 1994, p.45).

A escola, a família, a igreja, os meios de comunicação de massa e outros constituem, hoje, verdadeiros agentes socializadores de função pedagógica, na medida em que assumem e se compreendem como instituições sociais “formadoras” dos indivíduos. Que indivíduos queremos formar?

Estamos falando, aqui, em “formação de indivíduos”, não como pura transmissão de informações e valores de um indivíduo para o outro, nem como se as ações de cada ser humano fossem meras reproduções de ações externas-sociais, muito menos com a concepção de indivíduo como “tábula rasa” a receber ações de fora para dentro através de cópia do objeto real.

Estamos falando, sim, de uma visão sócio-interacionista (Vigotsky), onde a formação do indivíduo se faz no processo de conhecimento - construção de significados (interação) entre sujeito e objeto - cuja ação do sujeito sobre o objeto é socialmente mediada. Ou melhor, “no espaço da intersubjetividade que se instaura, a criança se desenvolve aprendendo e aprendendo múltiplas formas de interação. As relações das crianças com o mundo são mediatizadas pelas relações com os outros homens. Nesse processo, a criança vai se apropriando, isto é, vai tornando

seus os objetos, as idéias, os dizeres dos outros e os vai transformando. Assim, a linguagem e as relações sociais são constitutivas do processo de desenvolvimento psíquico e do conhecimento do mundo. Fala-se, então num processo histórico de produção de conhecimento, no qual a atividade mental das crianças - cognitiva, discursiva - vai se constituindo”. (Smolka, 1989, p.32).

Considerando, portanto, que diferentes formas de mediação ocupam a atividade mental do indivíduo, que por sua vez, se encontra enraizada e impregnada na / da dinâmica sócio-cultural, é que enfocamos a concepção de leitura a ser abordada nessa pesquisa - como atividade de linguagem, como forma de interação histórica e socialmente desenvolvida. Nessa perspectiva ainda de sociogênese do conhecimento focalizaremos leitores no seu processo de constituição como sujeitos-leitores, como personagens, como interlocutores e cúmplices.

“A leitura, como atividade de linguagem, tem sua gênese, sua história, nas formas de interação que se desenvolvem na dinâmica das relações sociais. As formas de interação incluem os esquemas de ação do sujeito enquanto aspecto endógeno descrito por Piaget (1975). Mas enquanto constituídas na e constitutivas da intersubjetividade, essas formas de inter-ação são lacunares e inacabadas, e se caracterizam pela incompletude: há sempre espaço para o outro - na sincronização de movimentos e ritmos, no acompanhamento e na imitação de gestos e sons, na troca de olhares, na atenção conjunta, na partilha de ações e emoções, na alternância de posições e papéis sociais, no jogo das expectativas e intenções.” (Smolka, 1989, p.33).

É difícil conceber o ato de ler - como forma de interação viva de forças sociais, como processo em que se misturam e se inter cruzam valores sociais de orientação contraditória - dissociado de um projeto de educação democrático. No entanto, continua sendo necessidade refletir, ainda, no caráter-social da leitura porque mesmo insistindo na qualidade cognitiva e na importância do ato de ler, a leitura por abrigar a sua revelia contradições responsáveis pela dificuldade de sua implantação contínua e democrática, pode se constituir num papel coercitivo, se incorporado integralmente a interesses pragmáticos.

Numa sociedade como a nossa, ler torna-se fundamental não só como passaporte garantido ao seu usuário na produção cultural-científica mais sofisticada, mas também como instrumento para aquele que precisa assinar contratos, ler bulas de remédio, procurar empregos, ler jornais. Em todos os campos culturais, informativos, documentais, políticos, literários, artísticos, a leitura é o meio privilegiado de partilha, da reflexão, da faculdade de estudo, de luta e opção. E como nos diz Foucambert “não existe um só campo em que a verdadeira prática da democracia não passe pelo acesso do maior número de pessoas à escrita. Não há partilha possível do poder sem a partilha do acesso à escrita. A desigualdade na utilização da escrita constitui o ponto de estrangulamento de toda a vida democrática”. (Foucambert, 1994, p.25). Todos podem e devem ler, em qualquer lugar, em qualquer tempo. É um dever e direito de cidadão enquanto atuante no seu grupo social; é um dever e um direito enquanto ser humano que busca sua identidade: Quem sou eu?

No entanto, sabemos hoje que cada vez mais, a escrita está sendo libertada de conservar o oral, pois outros meios de comunicação vêm fazendo isso de maneira mais eficaz e mais rápida; daí a leitura enquanto decodificação de escrita ou atividade meramente perceptual, gestáltica perde sua função, exigindo de todos nós uma luta maior e de melhor qualidade com a leitura, um trabalho consciente e intencional com o simbólico.

Nesse caso, a literatura que reúne diferentes imaginários, diferentes sensibilidades, diferentes valores através dos quais a sociedade revela simbolicamente seus impasses, desejos e utopias, aparece enquanto linguagem e instituição como fundamental no ato de ler. “... a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos.” (Lajolo, 1993, p.106).

Nesse sentido, compete à escola que queremos não mais apenas a transmissão do patrimônio científico e cultural consagrado, mas a responsabilidade, entre outros, pela formação do leitor.

Formar leitores não é moldá-los dando forma ao que não existe, ignorando toda a história anterior dos sujeitos envolvidos, desconhecendo seus horizontes (suas falas, suas fantasias) e apagando a sua constituição enquanto leitores, tornando-os incapazes de se posicionarem perante a própria trajetória como leitores. Formá-los “significa antes de tudo: dar condições para que o estudante descubra que sua convivência com o texto e a escrita antecede sua relação com a instituição reconhecida e legitimada pela sociedade a que chamamos de literatura está presente em boa parte dos momentos de sua vida; e talvez por ser destituída de mistério e sacralidade trata-se de uma atividade boa e agradável”. (Zilberman, 1990, p.48).

A leitura não é opção escolar e nem pode se restringir apenas ao âmbito da escola. Porém, cabe à escola, enquanto instituição, uma grande parcela nessa formação do leitor. Ninguém torna-se leitor sem querer ou nasce sabendo ler. A constituição do leitor se processa como ato voluntário, consciente e apoiado em múltiplas tomadas de consciência (de orgulho, de rejeição, de contestação, de escolha assumida) sobre as condutas de leitura e do questionamento do não ser leitor, numa prática social e coletiva, inclusive na escola.

Cabe ao educador preocupado com a formação do leitor não se limitar a produzir relações externas com livros, um “habitus” desenvolvido só pela exigência do professor, mas considerar seriamente a leitura como desencadeadora de processos cognitivos, de diálogos interiores, de reflexão, de crítica, de partilha e de comunhão. E como nos alerta Freitag “ler e produzir textos passam a ser uma forma de conquista e liberdade, de transcendência dos limites do eu (egocêntrico) para a verdadeira conquista da cidadania”. (Freitag, 1994, p.63).

É importante porém ressaltar novamente que ao lado dos cuidados que devem ser dados às construções psicogenéticas mais gerais, tais como seriação, encaixe,

reciprocidade, correlação, combinação e outras, responsáveis pela formação do leitor, não pode ser ignorado o papel sócio-cultural nessas estruturas cognitivas.

“...a passagem de uma etapa desenvolvimental para outra depende da estrutura sócio-cultural onde a criança está inserida. Mais especificamente, o florescimento, organização e consolidação de novas capacidades (biológicas, cognitivas, lingüísticas e afetivas) dependem da densidade dos estímulos sócio-culturais encontrados pela criança no meio onde vive; esses estímulos, tomados em suas dimensões quantitativa e qualitativa, impõem desafios e demandas ao nível de ação sobre e da relação com os objetos e entes específicos.” (Silva, E.T., 1989b, p.47).

Quando se discutem os problemas relativos à formação do leitor ou à crise da leitura acaba-se dicotomicamente em duas posições: formar o hábito de ler ou formar o gosto (prazer) de ler.

A formação do leitor pelo hábito traz as conotações pejorativas de atividade que se adquire artificialmente pela repetição e pelo condicionamento ou atividade feita compulsivamente, a despeito de qualquer vontade.

Enquanto que, ao se falar da formação do leitor pelo prazer, fundamentada na psicologia motivacional, acredita-se que através de estímulos agradáveis, provocadores de reações também agradáveis nos sujeitos em determinadas situações e condições (também agradáveis, ainda que artificiais) consegue-se comportamentos desejáveis com a leitura.

Assim, tanto a leitura como hábito desconsiderando as necessidades experimentadas e constituídas pelos sujeitos sociais, quanto a leitura por prazer ligada aos objetivos hedonistas de nossa sociedade, negam o ato de ler como trabalho que exige esforço, dedicação, competência, diálogo, comunhão.

Não estamos recusando, aqui, o valor do prazer enquanto processo de descobrimento, de conhecimento e de prática política. Mas, tentamos revidar a idéia de ler só por prazer do prazer, como possibilidade única e possível, que em última instância significa incentivar um consumo desenfreado ampliando o mercado

para esse produto. Por outro lado, podemos dizer que o leitor tem o hábito de ler enquanto um comportamento cultural assumido numa determinada constância; mas não entendemos hábito de ler da mesma maneira que o hábito de escovar os dentes. Lemos por necessidade, ou, como nos diz, Moacyr Scliar “somos o que lemos e lemos o que somos”. (Scliar, 1992, p.152).

Ao se discutir, portanto, a formação do leitor temos de recuperar o compromisso da educação e da escola com a instauração da leitura não como hábito imposto, sutil ou calculadamente, nem como um ato provocado, induzido e descompromissado, mas como ato político e democrático, na medida que significa decisão, ato voluntário de leitores considerados não como consumidores, mas principalmente como cidadãos.

“As mais novas experiências de fruição da obra literária: verdades extraídas e construídas pelo trabalho de interpretação do sujeito-leitor (...) Inserir-se de forma contínua, no mundo da palavra reinventada pela imaginação dos escritores é uma necessidade (À benção trinta milhões de analfabetos brasileiros e outros tantos sem acesso, que não podem participar dos circuitos do imaginário impresso! Necessidade ainda encalacrada, infelizmente...)”.(Silva, E.T., 1990b, p.23).

Ler por necessidade significa ser impulsionado para suprir determinada falta, carência (Freud) sem data e hora marcadas, sem imposição, mas numa relação dialética e inesgotável entre o “eu” e o “outro”, em que o individual se tece e está tecido no social.

E se aceitarmos que exista um envolvimento nítido apontado entre escola e leitura, entre “boas intenções” do governo e realidade, entre a leitura em diferentes instâncias legislativas atreladas às academias (que definem o domínio cultural e o corpus literário) e diferentes condições de circulação da literatura (para produção, edição, difusão), devemos procurar dentro das contradições internas dessa própria escola, “brechas” que dinamizam as relações, tornando possível um trabalho de interferência, de mudança.

Precisamos refletir no presente histórico do professor e aluno como possíveis de serem conhecidos e tomados como ponto de partida para a leitura da escola, da leitura que queremos.

Não podemos deixar que a escola neutralize e/ou escolarize o processo de leitura, acabando por destruir a ação mediadora entre cada ser humano e seu presente, sem comprometê-los e entrelaçá-los.

Assim, perpassando essas inquietações no ato de conhecer o processo da leitura através das próprias pessoas envolvidas, se encontra a nossa crença (já consenso) de que a leitura é fundamental na vida de todo ser humano, para que ele possa entender os sentidos dos textos, tornar-se mais criativo e crítico diante do que lê e do mundo no qual se insere. Leiturizar, segundo Foucambert, significa colocar alguém no contato direto com a produção escrita, para que ele perceba o poder dessa linguagem de dar sentido às coisas, de permitir o pensamento sobre o pensamento, de dissimular pontos de vista. Como ele mesmo diz: “formar este tipo de leitor é importante, na medida em que, quanto mais conscientes forem as pessoas, maior será sua participação na vida democrática”. (Foucambert, 1993b, p.46).

Mas que tudo isso não fique só no papel... Mãos à obra!

2. OBJETO DE INVESTIGAÇÃO: O QUE LER?

“Lembrou-se das heroínas dos livros que havia lido e a legião lírica dessas mulheres adúlteras punha-se a cantar em sua lembrança, com vozes de irmãs que a encantavam. Ela mesma se tornara como uma parte verdadeira de tais fantasias e concretizava o longo devaneio de sua mocidade, imaginando-se um daqueles tipos amorosos que ela tanto invejara antes.”

GUSTAVE FLAUBERT. *Madame Bovary*.

Trabalhando há quinze anos como professora de português, vimos procurando centralizar nossa reflexão sobre o ato concreto de leitura na sala de aula.

No dia-a-dia sentimo-nos incomodadas com a distância entre os objetivos propostos em sala de aula (desenvolver o gosto de ler, transformar não-leitor em leitor-crítico) com a realidade, na qual alunos lêem mal e pouco, com as seguintes falas: “Minha professora me obrigou a ler”, “eu detestei”, “nunca li Monteiro Lobato”, “não consigo ler livros grossos”, “ler me dá sono, enjôo, dor de cabeça”.

Algo que nos incomoda também é o consenso já existente em nível de discurso sobre a força da leitura como trans-formadora do real, como direito e dever de todo indivíduo enquanto cidadão. No entanto, se em nível de discurso não há dúvidas sobre o papel da leitura na nossa sociedade, na prática o desafio permanece: a escola não está cumprindo, entre outros, o seu papel na formação de leitores.

É inquietante sentirmo-nos dentro de uma escola que muitas vezes fragmenta a leitura, retirando-a do cotidiano do indivíduo, colocando-a como algo distante, sagrado, obrigatório, sem interesse. Muitas vezes, vemos que a leitura se transforma num ato solitário, que não considera a interação verbal entre indivíduos socialmente determinados - leitores e escritores - e esquece-se de estabelecer as tensões que animam o próprio contexto em que vivemos e sobretudo a compreensão e/ou questionamento do real.

Nestas contradições entre o que queremos e o que temos, procuramos na sala de aula exercitar a leitura num ato mais autêntico de instauração de significados e

numa investigação/desafio do percurso social cumprido pelos envolvidos: professor, alunos, autores (livros), família.

Ao procurar estabelecer essa relação mais rica e preciosa dos alunos com os livros, esbarramos em pesquisas que abordam a leitura ora do ponto de vista do autor: biografia, contexto histórico-social, o que ele quis dizer, seu estilo ao escrever; ora do ponto de vista da obra: sua estrutura, o contexto histórico-social na qual foi produzida e circula, escola literária a que pertence ou com a qual rompe, seu gênero literário, seu diálogo com outras obras; ora ainda do ponto de vista de diferentes metodologias e práticas de leitura. Assim, se muito sabemos sobre o que o autor quis transmitir ou sobre possíveis leituras de uma obra, ou ainda sobre estratégias que levem o aluno a gostar de ler ou ler melhor, pouco sabemos sobre o que o leitor entende e pensa sobre suas próprias experiências com a leitura.

Barthes (Barthes, 1984, p.03) fala da necessidade de se escrever a leitura, ou seja, da necessidade de se tentar pensar naquilo que acontece enquanto se lê.

Guiados pela curiosidade e pelo acaso percebíamos que nosso interesse voltava-se sempre ao mesmo lugar: conhecer histórias de leitura. Às vezes, repensávamos a nossa trajetória como leitora, e em outros momentos, junto com alguns professores de português e de 1ª a 4ª séries, buscávamos “pistas” que pudessem nos ajudar a perceber como e por que havíamos nos tornado leitores. Outras vezes, líamos e acabávamos levando até nossos alunos histórias de leitura de autores consagrados (Antônio Cândido, Ana Maria Machado, Fanny Abramovich) falando sobre suas experiências com a leitura quando crianças. Ou então, reparávamos e separávamos falas de personagens da literatura - Madame Bovary, Dom Quixote, Luísa do *Primo Basílio* - que terminavam presentes na nossa sala de aula. Assim, ainda que não guiados por uma estratégia definida, líamos depoimentos de professores, escritores, personagens, buscando neles pontos semelhantes, contraditórios, mas sempre relações apaixonantes, fervorosas de leitores já formados.

Porém, se essas falas serviam para que a leitura na sala de aula fosse mais prazerosa e interessante (do meu lado pessoal) ou para “exemplificar” através de indivíduos intelectualmente respeitados pela academia literária (do lado didático), elas se tornaram realmente importantes porque acentuaram a necessidade de conhecermos melhor a história da leitura do nosso aluno, que era uma história ainda incompleta (leitor em formação), presente (aqui e agora), desafiante (desconhecida e exigindo atitudes concretas de minha parte). Em que medida conhecíamos realmente estes alunos? Em que medida havia possibilidade de interferirmos na realidade que tínhamos diante de nós?

E indo por esses caminhos, por essas leituras, considerando o aluno como ser que também pensa e possui determinadas representações sobre o ato de ler e como se vê como leitor, fomos cada vez mais, no nosso dia-a-dia, colocando em foco o leitor.

No início do trabalho eram algumas questões que nos fazíamos sobre o processo constitutivo da leitura e que queríamos conhecer sobre a perspectiva do próprio educando.

Queríamos ouvir a fala do aluno para através dela tentar saber quais as condições, ainda que mínimas, que tínhamos como professora de interferir no processo de formação do leitor (nosso aluno), de buscar possibilidades de transformar, (re)discutir nossa prática. Deixá-lo falar e ouvi-lo sobre sua caminhada de leitura procurando identificar sentidos, tensões, conflitos, expectativas e imagens de cada um.

Sabíamos que recuperar as histórias de leitura desses alunos significaria não só conhecermos melhor cada um deles, porém, mais do que isso, seria tentarmos captar o (não) dizível na encruzilhada entre o individual e o social. Pois, ao narrarem suas histórias vivenciadas através do tempo, reconstituindo o que consideravam mais significativo para si mesmos do ponto de vista pessoal, acabavam por delinear também as relações com os membros de seus grupos, de sua camada social, da sociedade como um todo.

As histórias de leituras tornaram-se assim uma teia formada do universo individual e do social (não separados dicotomicamente, mas entrelaçados), que como diz Bakhtin: “um enunciado vivo significativamente surgido em um momento histórico e um meio social determinados, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno do objeto de tal enumerado e de participar ativamente do diálogo social”. (APUD Brandão, 1993, p.52).

Os discursos dos alunos foram, assim, construindo algumas imagens ou representações em suas relações com o objeto de estudo (a leitura), quer pela presença ou ausência do próprio processo, quer pela sua valorização social, ou ainda, pelo caminho percorrido com ele.

Essas representações não poderiam ser vistas como dados objetivos com existência própria, nem como categorias psicológicas sociais, e muito menos, como reflexo do real. Era preciso vê-las como historicamente produzidas pelas práticas articuladas: políticas, sociais, discursivas. Ou como diria, Serge Moscovici “as representações sociais formam um corpus organizado de conhecimentos e constituem uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam-se inteligíveis a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes da imaginação”. (Moscovici, 1984, p.28).

No início o nosso trabalho era mais uma conversa (oral) com os alunos sobre o andamento das leituras realizadas, procurando instigar a curiosidade a respeito de obras lidas, outras não-conhecidas, sugerindo algumas. Aos poucos, fomos cada vez nos interessando mais pelo que tínhamos “em mãos” e passamos a buscar um(s) fio(s) que conduzisse(m) os depoimentos dos alunos, procurando relações entre eles questionando-os, orientando-os, interferindo. Em momento posterior, queríamos buscar uma(s) chave(s) de leitura que esses alunos faziam do seu mundo, de suas aulas, de seus livros enfatizando certas passagens e outras não, determinadas pessoas e épocas (datas).

Nesse estágio, chegara o momento do registro escrito por eles. Daí, alguns outros desafios passaram a nos preocupar, como por exemplo, as condições de produção em que os textos seriam feitos. Os alunos iriam escrever dentro de uma situação institucional - aula de português. E desta maneira, a interlocução não seria totalmente natural, mas intermediada por imagens que os alunos têm do professor - instituição, comprometendo aquilo que diriam numa combinação do que o interlocutor supostamente quer ouvir com aquilo que os autores querem dizer. Outros pontos polêmicos que nos incomodavam ao se trabalhar com produção escrita era a não crença na neutralidade da linguagem e a certeza do poder do que tem o texto escrito de criar coerência e verossimilhança a experiência que cada pessoa vive a seu modo.

Desse modo, esses textos não poderiam ser lidos apenas como transmissores de informações - o que diziam e o que estava por trás - mas enquanto discursos. Entendendo, aqui, por discurso, o modo de interação e produção social, lugar de conflito e confronto ideológico estritamente vinculados as suas condições de produção.

Da mesma maneira, os alunos não seriam apenas vistos como nossos alunos - os autores dos depoimentos - (presenças físicas) e sim como representações de determinados lugares na estrutura de uma formação social. Daí, a grande contribuição de Pêcheux neste trabalho: “no discurso, as relações entre esses lugares, obviamente, acham-se representados por uma série de ‘formações imaginárias’, que designam o lugar que o destinatário e destinador atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seus próprios lugares e do lugar do outro. Dessa forma, em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antevisão do imaginário do outro, fundar estratégias do discurso”. (APUD Brandão, 1993, p.63).

E, assim, inquietos, com olhar desconfiado é que que passamos a focalizar algumas preocupações como norteadores dessa pesquisa: quem é esse aluno-leitor construído em seus discursos? Que marcas contraditórias e/ou conservadoras esse leitor constrói quando nos fala sobre sua relação com a leitura e a escola? Que

marcas neutralizadoras e/ou transformadoras podem ser lidas na formação do bom leitor em seus próprios discursos?

Por esse eixo ensino-aprendizagem, talvez possamos aprofundar o nosso entendimento sobre o que ocorre na sala de aula, tentando desvendar a trama do cotidiano, as (in)certezas, as obviedades do dia-a-dia, buscando colaborar com a escola para que ela desempenhe de maneira mais competente e crítica o seu papel na formação do leitor.

Talvez, possamos também tecer uma(s) rede(s) que denuncia(m) o nosso leitor e o seu momento histórico-social. Já que a formação do leitor é institucionalizada pela escola, precisamos procurar como é possível alimentar, romper ou simplesmente discutir o círculo vicioso que se tem entre uma literatura infanto-juvenil especialmente dirigida à circulação na escola e uma escola que se mantém enquanto responsável pela formação do leitor.

Levada pelas nossas inquietações, pretendemos, portanto repensar o modelo pedagógico com a mudança do foco: o leitor sob a luz teórica. Um leitor que traz consigo o ser-aluno e um outro, o ser-professor. Um aluno que constrói a imagem do leitor que é ou virá a ser a partir da imagem do outro leitor - o professor. São eles (somos nós) que desempenham(os) a função de interlocutores diante do que se lê, que assumem(imos) as diversas faces (ocultas) da leitura/escola.

3. COMO LER AS HISTÓRIAS DE LEITURA?

“De tempos em tempos, ponho um livro de lado, e digo: este eu me reservo, vou lê-lo quando estiver aposentado, e depois acho que não, que não seria a mesma coisa... Esta noite tive um sonho, estava em minha cidadezinha, no galinheiro de minha casa, eu procurava alguma coisa no galinheiro, na cesta onde as galinhas põem seu ovos, e o que encontro? Um livro, um desses livros que li em criança, uma edição popular, as páginas em pedaços, com gravuras em preto e branco que eu tinha colorido com lápis de cor...”

ÍTALO CALVINO. *Se um Viajante numa Noite de Inverno*.

Nessa relação entre leitura e escrita - alunos leem e escrevem sobre leitura, o professor lê seus escritos e escreve sobre eles - situa-se este trabalho. Empreitada arriscada (falar de mim mesma, do meu trabalho, dos meus alunos); por outro lado, um desafio, tentador e inadiável.

Em princípio e a princípio tínhamos segurança quanto à problemática a ser abordada e a necessidade de discuti-la, mas muitas incertezas quanto ao caminho a ser percorrido.

O que tínhamos de concreto eram as histórias de leitura realizadas pelos meus alunos de 5ª e 6ª séries durante as aulas de português. Essas produções feitas, em sua maioria, ora em forma de narrativa, ora de depoimentos, foram produzidas a partir de algumas questões abertas que serviram como sugestões (roteiro) em três momentos diferentes:

Primeiro Momento:

1. Você gosta de ler? Por quê?
2. Você se lembra como e com quem se interessou pela leitura de histórias?
3. Qual o período (dia, semana, ano) que você lê mais?
4. Quais os livros de sua preferência?
5. Você se considera um leitor?

Segundo Momento:

1. Que tipos de livros você escolheu? Justifique.
2. Você gosta das aulas de leitura? Por quê?
3. Como é sua biblioteca de classe quanto à diversidade de livros?

Terceiro Momento:

1. Qual é o seu critério na escolha de um livro?
2. Você é influenciado por alguém ou alguma coisa ao escolher um livro para ler?
Comente.
3. Você mudou o seu gosto (sua preferência) em relação aos anos anteriores?

Como ler as histórias de leitura que se constituíam como um material riquíssimo e vivo enquanto relação interpessoal, inserido em práticas sociais?

Tínhamos em mãos um material que parecia inicialmente comandado por nós, enquanto pesquisadores: com determinadas hipóteses, determinados objetivos, com um roteiro de perguntas abertas. No entanto, agora esses dados não eram o produto final da pesquisa, precisavam ser analisados, descritos, compreendidos, interpretados sob alguma luz.

As histórias de leitura, por resgatarem em seus discursos vivências que o narrador considera significativas num determinado tempo e lugar, aproximavam-se das pesquisas relacionadas com histórias de vida ou histórias orais.

Por outro lado, as histórias de leitura por construírem determinadas configurações sociais e conceptivas de um tempo e um espaço, com as quais se pode ler, pensar, organizar a própria realidade social exigiram leituras a respeito da história cultural ou história das representações.

A literatura consultada a respeito das histórias de vida ou histórias das representações nos auxiliou do ponto de vista teórico e pudemos entrar em contato com trabalhos desenvolvidos nessa área. No entanto, pouco nos orientou a respeito de nossas dúvidas, no sentido de nos oferecer um modo de análise dos depoimentos que correspondesse às questões teóricas pesquisadas, e, ao mesmo tempo, aprofundasse as informações colhidas.

Embora as possibilidades de análise dos depoimentos fossem múltiplas dada a própria natureza do material coletado, sentíamos necessidade de escolher um caminho de abordagem desses textos. Na realidade restavam-nos mais dúvidas:

um(s) caminho(s)? Como lidar com as histórias de leitura de uma maneira que não fosse mecanicista? Como usar uma metodologia que não nos desse a sensação de estarmos com uma “camisa de força”? Como encarar esses textos de forma não acabada como produtos atemporais e a-históricos? Como desconfiar do que esses depoimentos nos diziam, estando ávidos por saber o que eles diziam?

Incapazes de encontrarmos a resposta pronta para essas inquietações e descontentes em optar por uma exclusividade metodológica, (re)começamos a trabalhar fazendo várias leituras do material coletado: lendo e relendo muitas vezes as histórias de leitura, examinando como se dava a construção do sujeito-leitor.

Nos próprios depoimentos dos alunos, fomos anotando, a lápis, comentários, resumos, paráfrases, observações de como, onde e por que diziam o que diziam, quais representações sociais estavam presentes em seus discursos quando construindo um leitor falando de si mesmo, falando de suas relações com a leitura, falando das instituições-família e escola.

Estávamos entendendo, aqui, representações como o modo ativo em que os indivíduos e os grupos se relacionam de preferência com determinados objetos e situações em ambientes de interações sociais. É justamente por aí que Chartier define “as três modalidades de relação da representação com o mundo social: o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; as formas institucionalizadas e objetivadas graças, às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade”. (Chartier, 1988, p.89).

E, como todas as representações sociais são organizadas de imagens e linguagem, fomos organizando-as em torno de temas (não definidos a priori) construídos a partir determinados espaços de identificação, de transformação, de

contradição. Assim, por exemplo, as representações do tema “o ato de ler” eram discutidas a partir de diferentes imagens (figuras) construídas pelos leitores em seus próprios discursos: “ler é prazer”, “ler é dever”, “ler é paixão”.

Enquanto isso, nas salas de aulas, os depoimentos eram lidos e discutidos com os próprios autores, buscando registrar essa trajetória dos leitores, construída no tempo através da diversidade de ofertas de livros e da socialização das histórias de leitura. Deste modo, a pesquisa incorporava a nossa observação-participante durante as aulas, e em outro momento, continuávamos a busca de subsídios teóricos e nos debruçávamos no material coletado procurando aprofundar nossos questionamentos, acreditando que toda pesquisa, enquanto processo social, sofre alterações no seu desenvolvimento.

Em um determinado momento foi elaborado um quadro-síntese de itens de acordo com cada questão feita anteriormente e as respostas dadas pelos alunos nas 5ª e 6ª séries. Esse quadro - anexado no final desta pesquisa - nos serviu como visão panorâmica, “pano de fundo” para um trabalho de confronto entre as respostas dadas e suas frequências. Mas, tanto esse quadro quanto às histórias de leitura em forma de texto, foram explorados qualitativamente, servindo a tabela apenas como expediente didático para dar uma visão resumida de todas respostas.

Sentíamos também que desde as primeiras leituras dos depoimentos estávamos fazendo uma abordagem de interpretações dos textos muito próxima à análise do discurso, no que dizia respeito às condições de produção de um texto; à posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para ser sujeito do seu enunciado; ao fato do emissor poder antecipar as representações do receptor fundando estratégias do discurso.

Dessa maneira, assumimos como proposta metodológica de leitura dos textos, a análise do discurso, considerando-a segundo Pêcheux: “a análise do discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando o sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (...) O desafio crucial é o de

construir interpretação, sem jamais neutralizá-la, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso, seja no espaço lógico estilizado com pretensão universal". (APUD Orlandi, 1988a, pp.74 e 75).

As histórias de leituras, tendo em vista os objetivos da análise, não foram usadas integralmente, mas "recortadas" segundo alguns temas construídos nos processos discursivos: ato de ler, trajetória de não-leitor ao leitor, socialização do leitor, circulação dos livros lidos, identidade do leitor, leitura na escola. No entanto, a utilização dos trechos procura não eliminar o contexto global dos depoimentos, que continuaram funcionando como referências para o entendimento das colocações feitas ao longo deste trabalho.

Diante da qualidade de textos colhidos durante a nossa experiência profissional, destacamos apenas duas turmas, optando pela primeira com a qual trabalhamos as histórias de leitura em 89, e a mais recente, para que pudéssemos pesquisar em maior profundidade. Assim de um corpus que envolvia trezentos alunos durante cinco anos de trabalho, foram selecionados vinte e cinco da 5ª A e 5ª D (1989) e os mesmos alunos na 6ª séries A e D (1990); mais vinte e cinco alunos das 5ª série C e 5ª série D (1992), e os mesmos nas 6ª A e D (1993). De cada aluno temos, no mínimo, três produções de textos realizados em diferentes momentos.

Esses alunos são do período diurno, de uma escola particular de Campinas (SP), de nível sócio-econômico médio-alto e possuem a idade de 11 a 13 anos.

Finalmente queremos anotar que o trabalho com os depoimentos a partir das histórias de leitura é para, nós, pesquisadores, uma experiência de trabalho inestimável, pois permite um enriquecimento teórico que decorre do envolvimento e questionamento contínuo nesse processo da pesquisa. Desde os primeiros depoimentos, o pesquisador vai analisando as informações que lhe chegam, inovando o seu referencial teórico e a sua técnica de pesquisa, lidando também desde o início, com o geral e o particular, na medida em que toda história de leitura é um todo que se lhe apresenta.

4. LEITURA DAS HISTÓRIAS DE LEITURA

“- Eu vôo em cada sono da Bela Adormecida, eu vôo nos ponteiros do Coelho do Relógio, eu vôo em cada sonho desse Patinho Feio, quando alguém abre o livro e folheia minhas asas ou faz mover estas páginas - terminou a borboleta, toda emocionada, quase virando poeta.”

ZIRALDO. *A Bela Borboleta*.

Ao relatar suas histórias de leitura os alunos responderam a determinadas questões elaboradas pelo professor no próprio contexto escolar. Assim, há uma demanda que regula a produção dos relatos a partir de informações sobre suas motivações e suas escolhas ao ler, sobre influências de outras pessoas e ambientes, sobre representações e imagens de leitura.

Ao lermos esses textos não estamos buscando um significado que neles se encerra, se esconde, se enterra. (In)felizmente, eles não se oferecem “fechados” a um bom e competente entendedor capaz de decifrá-los, de captar sua mensagem única, certa e verdadeira. Não encontraremos, lendo-os, a chave, mas apenas uma(s) chave(s). E será(ão) ela(s) que giraremos na fechadura.

Queremos ler o modo pelo qual as idéias se constituíram na relação com o autor e com sua história, trazendo outros textos, e outras histórias, alteradas a cada leitura/escrita, a cada tempo.

Desconfiar e muito do que está escrito. Desconfiar daquele que escreve com a intenção de convencer seus leitores do que diz através dos seus melhores argumentos, daquele que tenta transformar seu leitor não só em interlocutor, mas, principalmente, em cúmplice.

Tal como nos diz E. Landowiski: “A credibilidade dos atos de fala vem não só do próprio enunciado, mas também pelo modo pelo qual o enunciado se inscreve (gestualmente) no tempo e no espaço do seu interlocutor, bem como todas as determinações semânticas e sintáticas que contribuem para forjar ‘a imagem distinguida’ que os parceiros remetem um ao outro no ato de comunicação.” (APUD Maingueneau, 1989, p.131).

Assim, esses alunos, ao reportarem as suas lembranças mais ou menos distantes com a leitura, não só construíram uma imagem de si mesmos, como principalmente construíram essa imagem preocupados com o outro que iria ler esses depoimentos. Ao escreverem sobre suas experiências com a leitura devem ter sido guiados por algumas hipóteses, tais como: Que leitor-aluno o professor quer ler, ver e ter nesses textos? Quem é esse leitor-professor que irá ler essas histórias de leitura?

Aquele que falou sobre suas leituras não é mais o leitor real, de carne-e-osso, o aluno que esteve presente lendo livros de literatura, nas aulas de português, numa determinada escola de Campinas. Também o destinatário-leitor das histórias de leituras não pode ser identificado como o professor de português desses mesmos alunos. Eles são imagens construídas pelo sujeito-escritor e leitor desses textos.

Deste modo, escrevendo suas histórias de leitura, os alunos criaram um tipo de narrador-personagem - aquele que conta suas experiências enquanto aluno-leitor e, algumas vezes, um outro personagem - aquele que irá ler esses depoimentos como professor de português. E, ao inventarem o narrador-personagem leitor (o aluno), eles mostraram suas faces sob o ponto de vista que queriam que o leitor-professor as visse. Mas, à medida que esses personagens ganharam vida, eles nos mostraram também a face do personagem-leitor (professor). E nos mostraram mais do que isso: essas faces, tais como são retratadas em diferentes situações ligadas à leitura: nos discursos acadêmicos, nos catálogos de livros, nas propostas pedagógicas, nos livros de literatura e até mesmo através de seus personagens-leitores.

É justamente por aí que ressaltamos a colocação de F. Flauhaut: “a pragmática tende a enfatizar que a tomada da palavra constitui um ato violento que coloca outrém diante de um fato realizado e exige que este o reconheça como tal. Ao enunciar, eu me concedo um certo lugar e atribuo um lugar completamente ao outro, peço-lhe que se mantenha nele e que reconheça que sou exatamente aquele que fala do meu lugar. Solicitação que é feita, pois, a partir de um ‘quem sou eu para ti, quem és tu para mim.’” (APUD Maingueneau, 1989, p.32).

4.1. Motivações: ler? para quê? por quê?

“Estava num aposento vasto, com janelas para um rua lateral, e todo ele forrado de estantes de ferro. Havia perto de dez, com quatro prateleiras, fora as pequenas com os livros de maior tomo. Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião. Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, a *Prosopopéia*; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Sarita Beta Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta prá lá faltava nas estantes do Major.”
LIMA BARRETO. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

Esse leitor-aluno construído faz surgir uma produtividade discursiva em relação à leitura manifestada em diferentes campos: concepção do ato de ler, socialização da leitura, circulação dos livros, a leitura na escola.

De início, nota-se nesses relatos as concepções de leitura contextualizadas em diferentes situações, dependendo da posição em que se coloca o leitor-aluno.

Eles constroem em seus textos um imaginário que reúne aspectos heterogêneos da realidade: no aspecto da praticidade (“ler para...”); no aspecto do prazer (“ler porque gosta”); no aspecto da magia (“ler com pó nos olhos”); no da identificação (“ler para viver como personagem”); no da obrigatoriedade (“ler porque é obrigado”) e outros.

4.1.1. Ler: ampliar conhecimentos

Os alunos-leitores colocam em suas falas uma imagem da leitura de caráter pragmático, que a legitima como algo produtivo e não como fim em si mesma.

Historicamente instalados em uma cultura geocêntrica como a nossa, eles se vêem como aqueles que devem procurar na leitura a doação de bens aos seus usuários. Não importa o que lêem, o que importa é o valor positivo da leitura para eles.

Em seus discursos eles ocupam a posição de aprendizes interessados na aquisição de conhecimentos, no enriquecimento cultural, no melhor domínio da língua culta.

“Gosto muito de ler, principalmente enciclopédias. Acho que as enciclopédias ensinam muito e melhoram o aprendizado das pessoas.”

“Gosto de livros e tenho bastante interesse porque me instruem mais e esclarecem muitas dúvidas.”

Mas, como eles constroem essa imagem de leitor-aprendiz, ávido para adquirir conhecimentos? Configura-se um espaço discursivo de interpretação desse leitor a partir do próprio discurso escolar, onde a leitura como fonte do saber é bandeira assumida por muitos educadores.

De um lado temos a identidade desse leitor escolar; de outro, o leitor-professor reconhecido como o guardião do templo do saber.

Para esse leitor-aluno, o gostar de ler não se refere a algo particular, pessoal - necessidades físicas, inclinações, paixões, prazer e dor - mas à própria autoridade que a leitura exerce sobre ele.

Cabe ainda assinalar que esta imagem da leitura como propiciadora de fruição, ampliação de horizontes e de conhecimentos, valorizada nas histórias de leituras focalizadas, parece ser representativa de uma classe social mais privilegiada. Pois, segundo Soares (1988), pesquisas já revelaram que as classes dominadas vêem a leitura como instrumento necessário à sua sobrevivência, ao seu acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida.

4.1.1.1. Ler: aprender a língua

Nessa construção de leitores-alunos dentro ainda do caráter pragmático da leitura aparece um outro tipo que vê o ato de ler como forma de aquisição de conhecimento específico, de melhor domínio de norma culta.

“...pois lendo aprendemos a escrever melhor e saber a pontuar as histórias.”

“Acho que ler é bom, pois lendo, com toda a certeza, aprendemos a falar melhor o português, ou seja, a língua portuguesa.”

Aqui, esses leitores-alunos estão estabelecendo uma relação muito forte entre a aula de leitura e o desempenho linguístico: lendo aprende-se a língua.

Continuamos com o leitor escolar que legitima a fala da instituição educacional e mostra como ela própria considera a questão da língua: “para o aluno, a questão da melhoria da expressão se resume na aquisição de um código apropriado que a instituição vende a um preço alto cobrado em doses de esforço e dedicação: escrever corretamente”. (Silva, L.L., 1986, p.31).

Assim, ainda que diferentes educadores denunciem a ausência da leitura entre nossos jovens da geração do vídeo-game, computador e televisão, constatamos que esses ainda atribuem um grande valor à leitura nos seus discursos. Isto nos leva a crer que muitas vezes o que julgamos ser uma mudança de valores, não o é (os alunos continuam a valorizar socialmente a leitura). Problemas que se acredita existirem por determinados motivos (alunos não lêem por causa dos meios eletrônicos), em verdade são historicamente explicados pelas próprias condições de existência dos mesmos (problemas).

4.1.2. Ler: prazer

Um terceiro tipo de leitor configurado nos discursos dos alunos aponta para uma concepção de ler menos didática, mais prazerosa, mais lúdica.

Numa primeira leitura temos, aqui, um personagem-leitor que diz o discurso contestador da escola - com seus deveres e obrigações - fazendo a apologia do prazer.

“Este ano tenho lido bastante, mais do que o ano passado, acho que faço isso porque gosto e sinto prazer em ler.”

“Eu gosto de ler, ler para mim é uma coisa gostosa de se fazer, porque a gente se distrai dos problemas da escola e dos problemas de outras coisas.”

“Eu não gosto muito de ler ‘forçado’ porque eu não me sinto muito livre lendo o livro, não leio apreciando-o, mas sim como se fosse uma obrigação muito grande.”

Em uma leitura mais atenta temos de repensar a posição desse personagem-leitor que abnega a leitura obrigatória, que renega a leitura como fonte de novos conhecimentos considerando-a como fonte de prazer, de liberdade, de autonomia em relação à autoridade do professor e da escola. Temos também que refletir sobre a posição do leitor-professor construído nessas falas: aquele que, por sua vez, deve deixar a ditadura do “obrigado” pela ditadura do “prazer”.

Os discursos desses alunos fornecem elementos para a formação da região de interdiscurso que extrapola a situação de aula de português.

Nas falas da vida útil e produtiva do mundo de trabalho em uma sociedade capitalista temos nesse momento um aluno que “crescido” na década de 80 conheceu esse discurso social da leitura. Ler por prazer e diversão, incentivando o consumo do livro como mercadoria a ser vendida para propiciar um passatempo ligado exclusivamente aos sentidos e ampliar o mercado para esse produto específico.

“Nas instituições apareciam diferenças decorrentes dos diversos interesses presentes nas diferentes iniciativas de promoção da leitura, uma tecnologia da leitura diferente de uma pedagogia da leitura, pois seus pressupostos nunca são colocados como ocorre em todo movimento pedagógico renovador. Toda tecnologia da leitura assenta-se em postulados tomados de empréstimo à psicologia motivacional, os quais afirmam que os comportamentos culturais são o resultado de um conjunto de estilos agradáveis ao sujeito e que, à força de serem repetidos sob certas condições, mesmo que artificiais acabam produzindo o comportamento desejado, no caso, produzindo os hábitos de leitura, uma ideologia. O prazer de ler, o gosto pela leitura, são expressões que estão em bocas dos vários cantos do mundo.

“Outro passo é desconfiar da tecnologia criada pelos tecnoburocratas para planejar contextos de recepção, segundo esquemas behavioristas neutros e cujo vocabulário desencadeador das ações, é o vocábulo ‘prazer’. Dele decorrem

expressões como ‘gosto pela leitura’, ‘o prazer da leitura’, ‘a conquista do leitor’, cujos conteúdos precisam ser abandonados e substituídos. Nada na realidade pode impedir que os gozos sejam simulados, que as leituras sejam forçadas a ferro e fogo, mas prazerosamente por mediadores diversos, sobretudo em se tratando de literatura infanto-juvenil.” (Perrotti, 1987, p.39).

A extensa transcrição da denúncia feita por Edmir Perroti parece indicar dois aspectos importantes: o primeiro é a existência de uma proposta de leitura voltada ao prazer de ler instalada nas instituições educacionais, nestas últimas décadas, e em segundo, a própria contestação da academia a esse “projeto pedagógico”.

De qualquer maneira é essa concepção de leitura que vimos em grande quantidade nas falas dos alunos, principalmente na turma de 92/93.

Esse personagem-leitor construído como aquele que lê por prazer é aquele que também se identifica como leitor-ideal nos programas da F.A.E. (M.E.C.).

“O projeto (Os Livros Criam Asas) é pautado pela diretriz do programa da F.A.E., de oportunizar nos escolares do 1º grau um contato agradável com o mundo dos livros, conquistando-os para a leitura de ficção e, gradativamente, estimulando-os para a leitura informativa, crítica e recreativa.” (Bragatto, 1985, p.226). Um dos objetivos apontados nesse projeto é: “gosto pela leitura como fonte de prazer e recreação”.

Os tempos mudam. As aparências confundem. Mas, o leitor-aluno e o professor-leitor construído nessa histórias de leitura apenas aparentemente são opostos aos leitores aluno-professor defensores do saber instituído, anteriormente citados. Com novos ares soprando, as imagens de incentivadores e consumidores da leitura modernizaram-se. No entanto os papéis são os mesmos: o aluno lê na escola com orientação do professor.

Esses personagens-leitores (aluno e professor), ao considerarem a leitura como uma ação sedutora, se opõem, na realidade, à concepção da leitura como

instrumento de conquista de um poder de transformação. Não estão, na verdade, em oposição à obrigatoriedade de ler ou à aquisição de informação.

4.1.3. Ler: viver uma fantasia

Alguns filmes e livros vêm tematizando o ato de ler numa espécie de pedagogia da leitura no contexto cultural desta década (90), como, por exemplo, “História sem fim” do autor Michel Ende; “Sociedade dos poetas mortos”, direção de Peter Weir; ou enfatizando a importância de ler e produzir textos, como no filme “Leolo”, direção de Jean Claude Lauzon.

Lendo ou assistindo ao filme “História sem fim”, por exemplo, deparamo-nos com a imagem do leitor ideal: o personagem que apaixonado pelos livros entra na própria história participando das aventuras nela contidas.

Esse personagem-leitor que vive no mundo da fantasia e imaginação através do que lê, caminha por diversas histórias de leituras:

“Eu gosto de ler porque na leitura eu me sinto dentro do livro.”

“É gostoso ler porque é um jeito da gente viver uma aventura, é como se a gente estivesse entrando na história, vivenciando a história, é tão legal!”

“...sou ainda muito apaixonada pelos livros, me sinto cada vez mais um personagem dele.”

Já é lugar comum dizer que o léxico de uma língua não pode ser considerado independentemente das ideologias que circulam no interior de uma sociedade. Assim é que vemos que esse mesmo leitor-personagem pode ter bebido, entre outras fontes, também, nos meios de comunicação de massa, principalmente a T.V. Na década de 80 a F.N.L.I.J. juntamente com a Fundação Roberto Marinho veicularam projetos para desenvolver a leitura em nossos jovens. Entre vários, cabe citar aqui a título de ilustração o slogan da “Ciranda de Livros”: Ler é viajar.

“...e viajo nas histórias que leio.”

Esse “leitor-viajante” costuma deparar-se também com slogans de coleções estampados nos livros, tal como o da Série Rosa dos Ventos, da Editora Ática: “Quem embarca nas palavras, viaja com a imaginação”.

Esse personagem-leitor (aluno) busca cativar com seus depoimentos o leitor-professor, possivelmente, também apaixonado por livros e crente da importância da fantasia nessa sociedade tão desigual e triste.

A grande incidência de construções lingüísticas muito parecidas nesses depoimentos levando a espaços interpretativos próximos, deixam-nos crer que esses personagens-leitores utilizaram-se de estereótipos sobre suas relações com a leitura. Salientamos, aqui, as colocações de Maingueneau sobre esse uso da linguagem: “às vezes, um locutor se apaga diante de um Locutor superlativo que garante a validade da enunciação. Geralmente trata-se de enunciados já conhecidos por uma coletividade: slogans, provérbios. As coletividades supostas pelas formações discursivas partilham um tesouro de enunciados fundadores. Quando a citação da autoridade chega ao estatuto do slogan, do ponto de vista pragmático, adquire novas propriedades, sobretudo a de estar essencialmente ligado à ação: slogan ao mesmo tempo impulsiona e engana. Ele dá ao seu destinatário a ilusão de ser destinador”. (Maingueneau, 1989, p.63).

4.1.4. Ler: uma paixão

Uma variante desse personagem-leitor que, apaixonado pelos livros, se identifica com o personagem a ponto de viver sua história, é aquele que por gostar, amar, adorar livros cria a imagem do leitor autêntico, tal qual o personagem criado por Clarice Lispector, no conto *Felicidade Clandestina*. (Lispector, 1994, pp.52 a 55).

“...eu adoro ler, ler me dá ânimo e quanto mais eu leio, mais eu, mais eu, ah, não sei explicar, eu só sei dizer que gosto de ler porque nos faz bem, é como voar no céu azul ou mergulhar no fundo do mar.”

“Acho que vou morrer lendo, pois é uma coisa que eu adoro.”

Esse leitor que adora ler, que não consegue ceder à tentação da leitura é o alvo a ser atingido por diferentes campanhas, é bandeira assumida por diferentes propostas pedagógicas de leituras, é “modelo” citado por profissionais ligados à leitura: “embora instituição rime com paixão, poucas vezes elas são coincidentes na prática escolar”. (Rensi, 1987, p.58).

“Quando deparei-me com o cartaz que falava sobre o concurso, cujo tema era ‘Livro, por que te quero?’, fiquei cheia de dúvidas. Por que esse título? Será que as pessoas que preparam o concurso não sabem para que a gente quer os livros? Ou sabem e querem que a gente diga o que pensa sobre o assunto? Ou querem ainda fazer propaganda de livros, usando nós, as crianças? A verdade é que, todas as vezes que ia para a escola ou para a Biblioteca Pública, sempre acabava defronte ao cartaz, esse tema me atraía, e eu bem sabia o porquê. É que no ano passado eu fui vencedora do concurso ‘Leia Mais’, lendo 595 livros.” (Nascimento, 1987, p.30).

4.1.5. Ler: obrigação

Contrapondo a esses leitores-personagens - que lêem por prazer e possuem a paixão de ler sem hora marcada, a paixão secreta pela “história que nunca acabará” - voltamos a um outro tipo do leitor escolarizado.

Ao denominarmos esta imagem de leitor vinculado à escola como “leitor escolarizado”, não queremos dizer que os demais “pairam num espaço extra-terrestre”. Como vimos, todos os personagens-leitores criados, até agora, estão intimamente ligados à escola, numa dimensão que não é simplesmente pedagógica, mas social e econômica, e porque não dizer, também política. A expressão “leitor escolarizado” está sendo usada, aqui, numa visão limitadora, para aquele personagem-leitor que se coloca na posição estritamente de aluno que cumpre os deveres escolares, que assume os objetivos da escola, que lê para passar de ano, por ser obrigado, ainda que confesse não gostar de ler.

Se os leitores anteriormente citados são romanticamente idealizados como “o viajante nas histórias”, como “sonhador”, aquele que tudo faz por gosto/prazer,

esse, de agora, é o “côncio” do valor da leitura, aluno exemplar que tudo faz para e pela escola.

Esse leitor-aluno se coloca sabendo da dificuldade do trabalho que é ler, mas também da necessidade de fazê-lo, pois o discurso social o faz crer que o domínio da cultura escolarizada determinará o indivíduo na sociedade.

“...não li mais do que o necessário, pois eu sou uma pessoa que tem dificuldade de estudar algumas matérias, por isso só leio o que a professora manda ler, para eu estudar as matérias mais difíceis.”

“Em parte o motivo pelo qual aumentei o número de livros lidos é devido à exigência porque tenho que cumprir minhas obrigações e o que me é solicitado.”

“...já esse ano para tirar uma boa nota, precisa ler quatro livros grossos.”

Estas falas são as que mais incomodam ao leitor-professor que gostaria de ter alunos que gostassem de ler e não o fizessem apenas como cumpridores de tarefas. É a prática da leitura perpassada por expressões cinzentas de cobranças, obrigações, rotinas, automações, hábitos.

A relação do leitor-personagem com o seu objeto de leitura, os livros, transforma-se do desejo e da vontade de ler em um hábito (automático) de consumo de mais uma mercadoria, como quer o capital. É o consumo habitual, é o consumo obrigatório.

“...conforme você vai lendo, lendo, lendo você vai tendo costume da leitura, isso eu acho uma qualidade dessa aula, você vai se acostumando com a leitura.”

“O meu relacionamento com a leitura foi muito baixo, mas foi ainda nesse ano que aprendi a conviver com a literatura. Já na 6ª série vi que eu aceito a leitura muito mais fácil.”

Mesmo o aluno que “não gosta muito de ler porque cansa a vista e por causa de muitas outras coisas” revela em suas falas, às avessas, a importância do valor da leitura para ele:

“Eu como leitor sou infeliz porque não gosto muito de ler.”

“Estou tentando, eu cada vez leio mais porque quanto mais leio, mais ajudo eu mesmo.”

A identificação entre esses leitores e o leitor-professor se constrói não só a partir da imagem do mestre como o guardião do saber, mas também com a daquele que é o chato a lhes cobrar leituras.

Ambos são infelizes. O aluno que se mostra como um leitor que lê obrigado, um professor que vê sua face refletida numa prática de leitura institucionalizada, fragmentada, tantas vezes combatida e repelida nos meios acadêmicos ligados à literatura e leitura, em especial.

4.1.6. Ler: socialização

As representações da leitura como ampliação do universo cultural não se limitam aos domínios dos conhecimentos do mundo e da língua, mas estendem-se ao convívio social e de interação do indivíduo com o mundo. Da leitura como fonte de saber e prazer, que até então, pode ser vista como um ato solitário (ainda que sempre se inclua o outro), a concepção de leitura focalizada, aqui, nos leva a um ato partilhado, conjugado com outras pessoas.

“Com isso, meus pais me levaram ao caminho das florestas encantadas e aos campos das flores mais belas do jardim, e elas me perfumaram, pois é assim que eu vejo os livros.”

“Para falar a verdade, todo mundo (que seja meu parente) contava histórias para mim, de todo tipo de jeito que se pode contar: oralmente, lendo textos, prestando atenção nelas.”

Este momento de leitura feita por alfabetizados para a criança não alfabetizada estabelecendo o contato dos livros pela oralidade, nos faz ver na história de leitura desses alunos uma coincidência com a história da leitura da humanidade.

Sobre esta questão, a evolução do processo de leitura vivenciada pelos homens, nos coloca Chartier: “o importante é recuperar as discontinuidades na história da leitura. Acho que há duas rupturas fundamentais. Uma, muito distante, que é o momento em que cresceu o número de leitores que liam com os olhos de forma silenciosa, e que não mais precisavam da oralização. Esse momento através da leitura como atividade ligada ao recolhimento, à solidão. Os leitores se tornaram silenciosos e visuais, capazes de mergulhar nessa intimidade radical que é a leitura. A segunda grande ruptura ocorreu, no séc XVIII, quando surgiram mais leitores graças ao progresso de alfabetização na maior parte da Europa”. (Chartier, 1993, pp.06 e 07).

O leitor-professor depara-se aqui com a imagem de um leitor que tem a sua trajetória iniciada no ambiente enriquecedor e aconchegante da família.

4.1.7. Ler: magia, descoberta ou herança genética

A relação com a leitura ao invés de constituir um ato voluntário ou desejado, pode transformar-se para alguns em algo mágico, de encantamento, de descoberta ou até mesmo, herança genética transmitida por entes da família.

“Sei que muitas pessoas gostam de ler, eu adoro porque me sinto em um mundo mágico de alegrias.”

“Gosto de ler livros que me intrigam a ler para descobrir os segredos que contam... assim eu me sinto em um mundo de atrações mágicas.”

“Quando eu era menor, eu achava que quando íamos à escola, os professores colocavam uma fórmula mágica nos olhos das crianças e elas iam se acostumando até saber ler bem rápido.”

“Eu adoro ler. É o meu passatempo predileto. Puxei ao meu pai e minha irmã que também adoram livros.”

Esses leitores-personagens desconsideram em seus discursos a função da escola como responsável por desenvolver o gosto pelos livros, e o professor torna-

se, então, desnecessário. Eles, os livros, por si só exercem o poder mágico de sedução ao leitor ou esta atração é herdada de pais/avós para seus filhos/netos.

Esses alunos estão repetindo um discurso bastante caseiro: “Você tem os olhos de seu pai”, “você é mal-humorada como a mãe”, “você gosta de ler como seu avô”, numa seqüência de vozes sociais que sinalizam para a aceitação de ser como se é sem o menor esforço pessoal. Não deixando de ser, então, o discurso da passividade.

Mesmo o aluno que se mostra surpreso com determinadas mudanças, pode como o caso da J. deixar de atribuir esse fato ao seu trabalho, ainda que mecanizado, atribuindo-as como dádivas divinas: “É difícil acreditar que pudemos mudar tanto o gosto pela leitura, há uns tempos nem livro bom tinha, hoje dou graças a Deus pelo meu gosto com a leitura.”

Essa visão inocente e natural do ato de ler contrapõe-se a uma outra mais pedagógica onde se acredita que ninguém nasce sabendo ler e nem se torna leitor sem querer, mas por um processo voluntário sustentado por diversas tomadas de consciência sobre as práticas de leitura e também com base no questionamento do estatuto social do não-leitor. Pois aquele que não lê recebe um dos maiores preconceitos sociais, visto que a escrita exclui e resiste, além disso exige para ser lida um capital de conhecimentos, de saberes.

Observando como um todo estes depoimentos dos alunos analisados até então, podemos aproximá-los uns aos outros através de uma mesma representação de leitura: algo sagrado, bastante prestigiado à medida que transforma seu usuário num ser elevado, enriquecido pela experiência herdada dos livros, pela volúpia de ler.

Segundo Zilberman, “a leitura distancia de seu objeto o texto, torna-se um substantivo vazio; mas procura preencher a vaga com novos conteúdos, que agora tomam coloração pragmática: aprende-se a ler para vencer na vida e prosperar. A passagem não é gratuita, porém sua razão de ser permanece obscura, omitindo-se as intenções ideológicas e econômicas subjacentes. Sob este aspecto, é imprescindível para a sociedade burguesa separar as duas facetas de um fenômeno comum, pois

aproximar os sentidos educativo e mercantil associador à difusão da leitura denunciaria a função que desempenham na direção do alargamento do mercado e controle dos indivíduos”. (Zilberman, 1988a, p.14).

4.1.8. Não gostar de ler

A imagem do aluno que nenhum professor quer ver, pois é, ao mesmo tempo, enxergar a imagem de sua incompetência ou de sua impotência, presentifica-se naquele que não gosta de ler: “sinto-me cansado”, “não tenho tempo”, “não me sinto motivado”, “me dói a vista” “ou a cabeça”. Ou naquele que “se lastima”, “se desculpa”, “se esconde” por não gostar de ler.

Esse personagem-leitor está lá, nos olhando. Ocupando ainda a sua posição de aluno, é o excluído, o rejeitado, o “mal visto” a exigir a atenção do professor por não ter sido ainda atingido por nenhuma proposta pedagógica.

É o leitor-não leitor “bombardeado” pela indústria cultural - cursos de atualização, congressos, seminários, pesquisas, meios de comunicação, editoras. É por causa dele que se fala em “crise de leitura” e é com ele que a crise de leitura se alimenta.

“O Brasil já foi descrito como a ‘República da Ignorância’: Não pode ser outro o juízo sobre um país em que metade dos habitantes de sua mais rica metrópole, São Paulo, dizem não ter lido nenhum livro nos últimos doze meses, conforme revela pesquisa Datafolha realizada em novembro...”

O motivo alegado para essa ‘bibliofobia’ é principalmente falta de tempo (58%).” (Folha de São Paulo, 02-01-94, p.04).

“Agora eu já não gosto mais de ler porque eu acho muito cansativo e chato pois ocupa o meu tempo que eu poderia estar usando para outra coisa que para mim seja importante.”

Aí aparece a categoria tempo que deve ser aproveitado com “coisas importantes” e não desperdiçado com os livros. A leitura é considerada como um

objeto ou meio de poucas atrações diante de um mundo cheio de propostas mais interessantes e prazerosas.

“O tempo (tal como a leitura) se constitui historicamente e isso faz com que ele seja diferente de época para época e que numa sociedade de classe ele se constitui diferentemente para as diferentes classes, a depender da relação que cada um tem com a produção e os meios de produção. Assim, do tempo entre os antigos ao tempo da sociedade industrial há grande diferença, que pode ser sintetizada entre nós, como senso-comum: ‘tempo é dinheiro’”. (Silva, L.L., 1986, pp.20 e 21).

Mas como esse leitor-não leitor resiste a tanta (o)pressão? É um revoltado, contestador, insensível?

Senão, vejamos um catálogo da Editora Moderna: “para aprender a ler bem, é preciso gostar do que se aprende. E onde melhor se encontra a Língua Portuguesa, onde ela se mostra mais atraente, fascinante, gostosa de se ler senão na Literatura? ...A coleção ‘Veredas’ procurou descobrir todas as necessidades, todos os anseios, todas as emoções que um adolescente gostaria de encontrar em um livro. Procurou a fórmula mágica de colocar, dentro de um livro, a própria essência do jovem brasileiro em formação.” (Catálogo Coleções Veredas, 2º sem.1993, p.04).

Muito se poderia comentar sobre essa transcrição do catálogo, caso fosse nosso objetivo primeiro. Porém, aqui, trata-se apenas de contrapô-la às falas dos alunos que não gostam de ler, fazendo as seguintes perguntas: esse aluno não-leitor não conhece a coleção “Veredas”? Ou a coleção mente ao dizer que tem a fórmula mágica para transformar o não-leitor em um amante dos livros? Ou esse aluno não-leitor não tem a essência de todo jovem em formação? Qual é a essência do nosso jovem? Quem é esse jovem?

“Eu não gosto de ler porque não tenho saco, nem paciência. Eu só leio nas horas em que não tenho nada para fazer, pois só aí eu tenho paciência.”

Embora a coleção a ser consumida pelos jovens se proponha a atingir a todos, indiscriminadamente, ela falha, como vimos. No entanto, o que ela revela é o tipo

de mercadoria que vem sendo vendida aos nossos alunos: textos com “pitadinha disso ou daquilo” para atender ao paladar de todos (nivelado pela média).

Os dois extremos: personagens-leitores e personagens não-leitores reproduzem a divisão social entre poder e impotência, entre os que dominam e os que executam, entre os que produzem riquezas e os que delas são excluídos. Os personagens-leitores que lêem encontram-se harmoniosamente com a afirmação acima; ao contrário, os que não lêem se sentem “culpados” e “deslocados” em relação a ela.

“Eu poderia ter lido mais nesse bimestre, acho que não li porque não entrei bem no esquema de leitura e também porque sou devagar.”

Assim, negando a leitura ou praticando-a, os dois grupos de personagens verbalizam, por caminhos tortuosos, a importância de se ler nesta sociedade. Segundo Magda Soares “pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra as condições de vida”. (Soares, 1988, p.20).

Depois de termos contextualizado historicamente visões distintas do ato de ler construídas nas histórias de leitura pudemos mostrar uma galeria expressiva de personagens-leitores que guiados por diferentes motivos gostam ou não de ler, numa relação dicotômica de “ser ou não ser”.

Podemos dizer também que nesses personagens-leitores vemos não só as suas faces, como também as faces da prática pedagógica que revela o cotidiano escolar: leitores que têm uma relação mais pragmática (ler para ampliar conhecimentos, para aprender a língua), leitores que têm uma relação mais prazerosa (viver aventura do personagem, sentir a volúpia de ler, descobrir a magia dos livros, ler em conjunto com outras pessoas) e outros “leitores” que não gostam de ler (ler por obrigação ou não ler). Embora diferentes, todos eles têm em comum as marcas das instituições sociais.

“A língua comporta, escreve Diderot, um catálogo completo de relações inter-humanas, toda uma coleção de papéis que o locutor pode escolher para si e impor ao destinatário.” (Maingueneau, 1989, p.30).

4.2. Ritual de passagem

“Verá em cima da espaçosa mesa / Altos volumes de enredos
feitos; / Ver-me-ás folhear os grandes livros, / E decidir os
pleitos.”

TOMÁS ANTONIO GONZAGA. *Marília de Dirceu*.

A trajetória do não-leitor ao leitor é construída nas histórias de leituras lidas com um ritual de passagem, com todas as exigências e “benesses” de qualquer ritual - os guardiães (adultos-leitores), local do culto (sala de aula/quarto), horário da cerimônia (à noite, antes de dormir, aula de português), os ritualistas (crianças/jovens), objeto sagrado (livros), postura durante o culto (entrega total, aceitação passiva, dose de sacrifício) - para se conseguir a salvação.

Segundo Althusser, “a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na(s) sua(s) prática(s). As idéias de um sujeito ganham materialidade na medida que sua existência só é possível no seio de um aparelho ideológico material que prescreve práticas materiais governadas por um ritual material, práticas que existem nas ações materiais de um sujeito. A existência da ideologia, é, portanto, material porque as relações vividas, nelas representadas envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos”. (APUD Brandão, 1993, p.23).

O objetivo do ritual é através da leitura adaptar a criança à organização social a que pertence e transformá-la num leitor habitual e assíduo. Ou seja, o ritual permite a passagem do não-alfabetizado a cidadão diferenciado nessa sociedade grafocêntrica.

“Hoje eu não leio muito porque estou na idade de brincar, só vou ler bastante quando for maior.”

“Acho que daqui a alguns anos serei uma leitora de verdade e terei sede de livros até meu último instante de vida.”

A família, através do adulto representa o papel de responsável pela iniciação dos jovens na leitura de maneira natural, comprando-lhes os objetos “sagrados” (livros), contando e lendo histórias para eles.

“Quando eu era pequeno eu não gostava de ler, não me interessava muito por livros, mas como minha mãe gostava de ler, ela comprava os livros e começava a contar histórias para mim e meus irmãos. Depois fui começando a ler e fui me interessando, como a escola insistiu muito, aprendi a gostar.”

A prática de ler histórias, à noite, à espera do sono, num ambiente aconchegante, tranquilo e familiar, remete à imagem dos serões de leitura, representação do mundo oral, onde os analfabetos numerosos ouviam o livro com uma prática de leitura e releitura de um reduzido número de livros lidos mais de uma vez.

A imagem criada dessa trajetória nos discursos dos personagens-leitores aparece ora de maneira penosa, demorada, cheia de tropeços; ora mágica, natural, imediata.

A construção dessa caminhada numa visão tranqüila, fácil e até mesmo lúdica parece indicar um processo de apagamento do trabalho que se constitui uma aprendizagem, como a leitura.

“Antes eu só lia livros finos e não me interessava por outros livros sem ser obrigatórios, já no meio do ano comecei a ler livro grosso e sem ser por obrigação, agora não sei se você vai acreditar porque nem eu acredito, mas LER É COMIGO MESMO!!! Estou lendo livros GROSSOS, em casa e estourei na biblioteca.”

Para outros personagens-leitores a trajetória de leitura não é construída de maneira idealizada, mitificada. Em seus discursos vemos um percurso com dificuldades, oscilações, dúvidas até a chegada do leitor maduro.

“Meu pai vivia lendo livros e mais livros, parecia que ele queria que eu aprendesse a ler naqueles momentos de leitura. Não sei porque mas eu achava que meu pai estivesse ficando louco, pois eu vivia dizendo que me cansava (e ainda cansa)... Foi assim que eu aprendi a ler, mas foi um modo muito chato de aprender a ler.”

“...logo que aprendi a ler era uma ‘encheção’ o tempo todo: - Pegue um livro e leia, não seja preguiçosa!”

Essas duas vertentes acabam por problematizar o prazer - como uma situação de consumo fácil, como sinal de rebeldia aos grilhões da sociedade capitalista - e o trabalho - como algo penoso, cansativo. Esta relação dicotômica acaba por escamotear a situação de aprendizagem que também pode ser gostosa, prazerosa embora exija esforço, dedicação, “garra”, luta.

“Nos anos anteriores não lia livros grossos mas agora estou me prendendo mais à leitura, gostando e me dedicando mais.”

Quando podemos dizer que a caminhada chegou ao fim? Quando podemos dizer que há um leitor?

O ponto de origem desse leitor é estabelecido por alguns personagens-leitores com os advérbios de lugar: antes e agora (na 5ª série). Deste modo, em seus discursos, ao se referirem às mudanças do ato de ler (gostar/não gostar, preferências, ritmo de leitura), muitos personagens-leitores vêm afirmar que tudo começou nas aulas de biblioteca de classe. Há, aqui, também um apagamento do início do processo realizado pela família (e em menor número, pela pré-escola). Apagamento esse que inclui até mesmo falas anteriores quando eles próprios colocam que os primeiros contatos vieram da família.

“Eu gosto da Biblioteca de Classe, pois nós aprendemos a gostar de ler. Eu próprio, aprendi a gostar de ler.”

“Antes eu não gostava de ler porque não me interessava pelo livro que lia. Só na 5ª série comecei a me interessar.”

Por que o antes não foi suficiente para fazê-los gostar de ler? Por que eles não valorizam os seus primeiros contatos com as histórias contadas na família como o início das relações prazerosas com a leitura?

Ao se considerarem leitores ou interessados pelos livros com o marco bastante acentuado apenas na 5ª série, esses alunos reafirmam um discurso escolar, no qual o ato de ler só é valorizado quando passa a ser cobrado e praticado em situações rotineiras e sistematizadas. Para eles que ocupam nesse momento o lugar de alunos escrevendo ao seu professor-leitor, a leitura de verdade, para valer é a da escola.

Em alguns depoimentos, os alunos constroem um personagem-leitor que se movimenta através do tempo, modificando-se em diferentes fases, recuperando melhor assim a sua trajetória de leitor. Aqui, não há o corte abrupto antes e agora na 5ª série, mas toda uma história (narrativa) com “começo - meio - fim”.

“Comecei a me entusiasmar a ler quando eu era pequena, foi minha mãe e minhas professoras do jardim e do pré que principalmente me mostraram que o mundo dos livros era mágico”(…) “Hoje”(…) “Acho que daqui a alguns anos”(…)

“Eu me chamo C., vou falar um pouquinho do que gosto e não gosto ao ler”(…) “Quando eu era criança”(…) “Quando manuseei o 1º livro”(…) “Quando peguei o 1º livro para ler”(…) “Nesse ano (1993), na 6ª série”(…)

O primeiro livro lido vem com um destaque todo especial nos depoimentos, com uma imagem “sagrada”, própria dos ritos de iniciação. Ao falarem dele, os alunos participam de um imaginário comum de tudo aquilo que é o “primeiro” (primeiro beijo, primeiro namorado...) guardando-o fisicamente, nas lembranças, nas fotos ou citando seu nome e as sensações que ele provocou. Mais ou menos como nas propagandas veiculadas pela T.V.: “o primeiro soutien nunca se esquece...”

“A primeira vez que eu peguei em um livro não foi para ler e sim para olhar. Era um livro de animais que minha mãe guarda até hoje.”

“...me lembro da primeira vez que manuseei um livro... Era um livro de banho e eu manuseava dentro da banheira da casa da minha avó, eu tinha três anos, e minha mãe tirou fotos e guardou para eu ver.”

Mas antes que embarquemos na visão romântica “da primeira vez” precisamos colocar, aqui, que há também outros alunos que não se lembram qual livro e quando manusearam ou leram pela primeira vez.

Independentemente do rito de passagem do não-leitor a leitor ser descrito como transcorrido naturalmente ou de maneira mais abrupta e independentemente dos alunos se lembrarem mais ou menos de seu primeiro contato com os livros, o que vale assinalar aqui é a existência desse rito enquanto prática de leitura, e que, numa sociedade capitalista como a nossa, a sua ausência pode significar a discriminação para muitos.

4.3. Socialização do leitor

“Comecei a ler e fui me esquentando, me esquentando, até que não pude mais. Minha cabeça virou - ficou assim como a de D. Quixote. Convenci-me de que era o próprio Roldão. Fui lá no quarto dos badulaques e tirei aquela espada que pertenceu ao velho tio Encerrabodes, e amolei-o no rebolo, bem amoladinha. E quando a senhora saiu com tia Nastácia e Narizinho para visitar o compadre Teodorico, ah, que regalo! Corri ao milharal e não vi nenhum pé de milho na minha frente. Só vi mouros! Ah! Caí em cima deles de espada que foi uma beleza. Destrocei-os completamente. Não ficou um só! Que coisa gostosa...”
MONTEIRO LOBATO. *Dom Quixote das Crianças*.

4.3.1. O outro: influências

4.3.1.1. Família

Ao comentarmos sobre a trajetória do não-leitor ao leitor já tecemos alguns comentários sobre a importância ou não do contato primeiro com histórias contadas ou lidas pela família.

Vimos também que a grande maioria das histórias de leitura recupera a imagem da mãe contando histórias, como a primeira pessoa a lhes proporcionar o

acesso ao mundo maravilhoso dos livros. É assim que os leitores têm o contato com a leitura através da imagem da mãe - não a que lhe dá comida, trabalha fora, faz ginástica, faz regime - leitora, daquela que gosta de livros e os valoriza. Livros e mãe são os dois grandes responsáveis pela doação de benefícios à criança. Mãe e livros passam a fazer parte do mesmo paradigma: objetos sagrados.

Por outro lado, é raro aparecer nessas histórias de leitura a figura da avó sentada numa cadeira de balanço contando histórias aos netos. Quando citada nos depoimentos surge como possuidor de biblioteca e como um leitor excelente, porém no gênero masculino (avô).

“O meu avô gosta muito de ler e eu acho que puxei ele. Esse meu avô, me deu um monte de livros antigos, de sua infância e que eu os adoro!”

Também em menor incidência são apontados: pai, tios, padrinhos e empregada doméstica. Quem não se lembra da tia Nastácia contando histórias a Narizinho, Pedrinho, Visconde e Emília?

Esses personagens-leitores falam de suas experiências no polo hegemônico da cultura: eles nasceram, cresceram e vivem à vontade no meio dos livros. Eles pertencem a uma família burguesa que assumiu a bandeira da importância da leitura, da posse dos livros desde a tenra idade. E, por isso, antes mesmo dos professores das séries iniciais, a família já introduz seu filho num contexto rico em leitura comprando-lhe livros para serem manuseados, mostrando-lhe livrarias e bibliotecas, presenteando-o com livros, lendo para e perto dele, “levando-os pela mão no caminho do saber”.

De onde vem tanto empenho da família em fazer de seus filhos os futuros leitores?

Segundo Foucambert a divisão entre leitores e decifradores coincide com a origem social, com o ambiente familiar e com as práticas culturais, não tem nada a ver com o mérito pessoal. Compreende-se hoje que a escola existe para alfabetizar os que não são leitores, os que serão leitores não deverão essa aprendizagem à

escola. Em outra passagem do seu livro, ele coloca “até aqui sabemos que são as condições familiares que permitem tornar-se leitores. E essas condições estão tão ligadas ao status das classes privilegiadas que é impossível generalizá-las”. (Foucambert, 1994, p.25).

Independente de concordarmos ou não com a citação de Foucambert em sua visão determinista do caminho para se ter um leitor, ela foi transcrita aqui tentando mostrar a “estranha coincidência” entre a fala de um teórico francês contemporâneo da leitura e o empenho proporcional da família desses alunos com a leitura no contexto atual brasileiro.

Sabemos que os pais desses nossos alunos provêm de uma classe privilegiada social e intelectualmente gravitando assim na órbita do casamento perfeito entre família e escola.

Não são esses pais-leitores que se depararam através de livros, jornais, revistas, feiras de livros, congressos, debates, propagandas nos meios de comunicação com informações “científicas” a respeito da importância da leitura para os jovens, principalmente nessas duas últimas décadas?

Não ficou bastante comum encontrarmos hoje, em periódicos (jornais, revistas, não-especializados no assunto) artigos “críticos” de nomes conhecidos do atual panorama crítico da literatura infantil sobre lançamentos de livros, “pistas” para se formar leitores, entrevistas com autores de livros, etc? Não ficou comum ver nesses mesmos periódicos a vinculação do crítico aos escritores, editores, não só interessados no papel educativo dos livros para as crianças, mas também numa inclinação tácita de aumentar a vendabilidade do produto-livro?

Exemplos desses artigos são, por exemplo, “Uma história retrógrada contada à moda antiga” de Fanny Abramovich, *Jornal da Tarde* de 14-03-81 ou “Ao pequeno leitor um humor atrevido” de Tatiana Belinky, *Folha de São Paulo* de 16-04-83.

Vejamos uma outra matéria publicada numa revista de ampla circulação na camada social da família desses alunos:

“Atualmente as crianças estão dando muito mais atenção para a T.V., vídeo, jogos eletrônicos e computadores. A questão da imagem é fascinante e está sendo extremamente explorada como o mais eficiente meio de comunicação. De acordo com as teorias mais modernas da alfabetização infantil, o incentivo à leitura deve acontecer após a criança começar a falar. Os estímulos precisam ser graduais. Mas não adianta forçar... Tudo que é imposto, é mal aceito. É importante lembrar que, se a família não tem o hábito de ler, provavelmente a criança não se sentirá motivada para a leitura (...) À medida que a criança vai tomando o gosto, o hábito estará sendo criado. De qualquer forma deve-se estimular a criança a procurar a leitura não só pelo prazer, mas também como fonte de se informar e de se comunicar com o mundo.” (Gissoni, 1994, p.139).

Assim, as falas de nossos leitores acabam mostrando as faces dos seus próprios-pais representando aqui, a imagem de pessoas bem informadas, modernas, responsáveis por uma boa educação a seus filhos.

Muitos pesquisadores, entre eles, alguns citados na bibliografia desse trabalho, tais como: Regina Zilberman, Maria do Rosário Magnani e Marisa Lajolo já recuperaram historicamente a relação da família burguesa com a escola, ambas buscando salvar a identidade dessa classe social e assumindo a responsabilidade na formação moral e espiritual dos futuros cidadãos.

Conforme Philipe Aries, “os pais, diz um texto de 1602, que se preocupam com a educação de suas crianças (*‘liberus erudrendos’*) merecem mais respeito do que aqueles que se contentam em pô-las no mundo. Eles lhes dão não apenas a vida, mas uma vida boa e santa. Por esse motivo, esses pais têm razão em enviar seus filhos, desde a mais tenra idade ao mercado da sabedoria”, ou seja, o colégio, “onde eles se tornarão os artífices de sua própria fortuna, os ornamentos da pátria, da família e dos amigos”. (APUD Magnani, 1989, p.48).

4.3.1.2. Colegas

Muitos alunos apontam seus colegas/amigos como co-responsáveis na escolha dos livros para serem lidos, negando a opinião dada ou seguindo-a.

“Quando eu escolho um livro vou mais pela ‘cara’ dele, se é muito grosso, se as letras têm um tamanho bom, se há ilustrações. Não utilizo propagandas dos colegas porque nem sempre são reais.”

“Leio o resumo atrás do livro, título, capa e quando alguém recomenda não é de se largar.”

“Peço opinião para várias pessoas. Leio o resumo.”

Guiar-se pela opinião dos amigos/colegas de mesma idade parece ser uma característica de adolescentes onde a opinião do grupo acaba por contagiar a todos, homogeneizando-os: os livros preferidos, os bonés importados, o tênis de “griffe”, a mesma música. Seguir ou não as opiniões dos colegas é aceitar ou contestar (seria o caso de cair em outras “garras”?) um imaginário de valores, de comportamentos, de sentimentos que caracterizam essa faixa etária.

Por outro lado, a existência do momento de poder ouvir ou ler o comentário do colega sobre determinado livro aponta para a proposta pedagógica de leitura na sala de aula: além de ler, os alunos procuram “boas” indicações. Como se pode ver uma das formas para se formar leitores é através do contágio, “sugerimos a amigos, livros de que fomos leitores entusiasmados, na expectativa de que eles gostem tanto quanto nós. Da mesma forma procuramos levar em conta os interesses, o desenvolvimento intelectual ou a experiência de vida e leitura das crianças concretas, às quais damos os livros de presentes”. (Silva, L.L., 1986, p.52).

A leitura por indicação dos colegas mostra o modo de circulação dos livros numa proposta pedagógica como essa: limitação da diversidade - muitos lerão os mesmos - e ambiente de conversa sobre leituras comuns, também.

4.3.1.3. Professor

Muitos já disseram que o professor, hoje, é peça menos importante na escolha e influência dos livros a serem lidos, cabendo esse papel muito mais às editoras com o seu marketing e merchandising.

Poucas vezes aparece nos depoimentos dos alunos a imagem do professor como aquele que orienta, que conversa sobre o livro lido ou indica algum, de uma maneira mais descontraída, lado a lado com os colegas de classe.

“Como não sou leitor, eu não consigo escolher um livro pelo título ou autor, eu leio se colegas ou o professor recomenda.”

Imagem mais constante da influência do professor no gosto pela leitura, nas mudanças durante a caminhada de não-leitor para leitor é aquela construída na relação de obrigatoriedade e institucionalização da leitura. Interessante notar que as histórias de leituras trazem em linguagem carinhosa um gesto de gratidão a esse professor nada liberal quando se trata de ler: são as duas faces da mesma moeda: professor responsável pelo saber e o aluno (passivamente) recebendo o saber, conforme as regras ditadas pelas escola.

“Enfim, comecei a gostar de ler, quando você, Norma, nos obrigou (de certo modo, sem querer ofender, a ler para tirar muito bom) e acho que essa coisa de obrigar dá certo, pelo menos foi o que aconteceu comigo. Acho meio ridículo dizer isso mas acho que devo lhe agradecer por estimular nosso gosto pela leitura: obrigado.”

A leitura do aluno influenciado pelos colegas onde aparentemente poder ler o que quiser e o que gostar e a leitura “obrigada” pelo professor com determinados livros e com determinada quantidade de leitura a ser cumprida são faces de duas vertentes ao se falar em leitura: a do prazer e a do valor literário.

4.3.2. Ambiente requintado

Faz parte do imaginário comum nos anos que antecederam os 70, um ambiente requintado e propício à leitura: bibliotecas familiares e escolares lindíssimas com coleções de livros de capas duras (e sem dúvida nenhuma, menos descartáveis que os de hoje) de autores clássicos estrangeiros e nacionais. Um ambiente sofisticado ligado à representação de leitura como privilégio de poucos se encontra descrito em muitos depoimentos de autores e professores ligados à literatura, e até mesmo em conversas informais com pessoas da classe média..

Entretanto a imagem do ambiente de leitura, enquanto espaço físico, nas histórias de leitura, é cada vez menor e metaforicamente falando pode estar mostrando o espaço da leitura da nossa sociedade atual: só bibliotecas de classe, só aulas de leitura.

“Eu gosto muito da aula de leitura pois assim tenho mais oportunidade de ler.”

“Na escola (aula de português) há uma aula de biblioteca de classe (uma vez por semana). Essa aula é reservada exclusivamente para leitura e eu acho essa aula muito interessante pois estimula os alunos a lerem, o que é na minha opinião uma coisa de cultura, inteligência e muito interessante.”

Onde estarão as imensas bibliotecas? Elas se perderam no contexto sócio-escolar atual? Mesmo as escolas particulares com várias quadras de esporte, salas de vídeo e computação têm um espaço físico proporcional ou maior para as bibliotecas?

“Por princípio, a abertura e a manutenção de bibliotecas escolares deveriam ser uma responsabilidade do Estado. Porém, sabemos que a noção do valor da sabedoria e criticidade é claramente podada pelo sistema opressivo urgente (veja-se, por exemplo, os recorrentes cortes de verbas para a educação, o desprestígio das nossas escolas, a perseguição a correntes de criação ou pensamento, o consumo da ficção diluída, a Lei 5692, etc...). Diante desse quadro grotesco, em nada surpreendem oito décimos de livro por habitante/ano no Brasil, um dos índices mais

baixos do mundo e em nada espanta a recorrente desculpa de que a biblioteca escolar é um luxo.” (Silva, E.T., 1985, pp.136 e 137).

Sabemos, no entanto, que esses nossos alunos estudam em uma escola particular, com biblioteca e bibliotecários funcionando competentemente. Se essa biblioteca não aparece nas histórias de leitura, talvez se deva mais ao fato de que esses alunos, ao escreverem para seu professor de português, acabam supervalorizando a aula de leitura. Ou então essa ausência também pode ser explicada pela própria prática pedagógica de leitura desenvolvida nas aulas, onde também o professor valoriza a aula de leitura em detrimento às leituras na/da biblioteca de escola.

O peso da escola (via aula de biblioteca de classe) na constituição do leitor parece ser bastante acentuado no conjunto dos depoimentos quanto ao local de leitura. Os alunos constroem, então, um tipo de leitor circundado à escola ou à sua própria casa com pouca circulação em livrarias, em outras bibliotecas (da cidade, do bairro, da própria escola), em feiras de livros.

4.4. O que se lê ou ler?

“Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora esse livro, se o tédio já o não obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se o não fez antes e só agora, no que torne a pegar do livro e que o abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia, não há nada mais exato.”

MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*.

Estamos assistindo há muito tempo a uma sociedade de consumo em que os bens simbólicos se tornaram mais acessíveis, desde a invenção da imprensa, passando por instituição em que se pode ler sem comprar (biblioteca, gabinetes de leitura) até a complexidade crescente da indústria editorial moderna.

A partir da exposição, desde a mais tenra idade, aos produtos da indústria cultural os alunos vão construindo suas histórias de leitura num círculo vicioso, onde suas expectativas e preferências vão sendo trabalhadas pelos meios de comunicação de massa e vão sendo pesquisadas e realimentadas na e pela escola.

Assim diz Ecléa Bosi “o sistema capitalista tem poderosos centros de controle econômico e político que decidem da produção de bens a serem maciçamente consumidos pelo público. O objetivo é o lucro que compensa o investimento e que só o alto consumo pode propiciar. Como alcançá-lo? Atraindo o maior número de iscas, mas com uma linguagem acessível ao maior número de consumidores, utilizando recursos dos arquétipos, padrões-modelos do comportamento humano.” (Bosi, 1978, p.55).

Ao perguntarmos aos alunos pelas suas preferências vimos que enquanto personagens-leitores sentem-se “livres” nas escolhas de seus livros, mas numa circulação aparentemente diversificada, acabam por incidir na leitura dos mesmos livros, mesmas coleções, mesmos gêneros, mesmos autores.

Deste modo, ao falarem de suas preferências ao ler, vemos mais uma vez que o gosto por não ser tão natural e individual, é nitidamente marcado pelas condições sociais e culturais a que eles (nossos alunos) têm acesso. Enquanto consumidores de uma indústria cultural não são definidos por suas relações concretas entre os homens na sociedade, mas em função de um público-massa, abstrato e homogêneo.

“Gosto muito da série ‘Vaga-Lume’, aliás, todos os livros que li esse ano são da mesma.”

A indústria cultural, como qualquer outra indústria visando vender seu produto com uma boa margem de lucro, dirige seus olhos a pesquisas buscando uma orientação do gosto, do status social, do nível econômico-intelectual, da faixa etária de seu público objetivando um adolescente imaginário - o consumidor ideal do seu produto.

O catálogo da Editora Ática, por exemplo, preocupada em atingir os professores buscando influenciá-los nas escolhas dos livros traz informações bastante interessantes sobre como a editora vê esses adolescentes.

“Consagrada como a Série para jovens mais lida em todo o Brasil, a ‘Vaga-Lume’ reúne histórias que agradam da 5ª a 8ª série. Apresentando textos ágeis que

abordam uma diversidade de temas, ela oferece sempre uma alternativa adequada para cada classe ou faixa de leitura. Do humor à trama policial, da situação fantástica à preocupação ecológica - as boas histórias garantem o interesse do leitor, fixando o gosto de ler a cada nova experiência. Nessa fase de descobrimentos, em que o jovem abre-se para o mundo, nada melhor do que ter bons livros como companheiros.” (Catálogo Série Vaga-Lume, 2º sem.1993, p.07).

E quem é esse adolescente? Quem pode nos dizer quem é realmente?

Na circulação dos livros que apontam como mais ou menos lidos em suas histórias de leitura, encontramos também uma imagem construída desse adolescente.

4.4.1. Na (pré) adolescência

Uma das primeiras características desse personagem-leitor é a sua preferência declarada pelo gênero aventura (incluídos, aqui, por eles, o suspense e mistério) quando na faixa de 10 a 12 anos; e pelo contos de fadas quando crianças não-alfabetizados.

Muitas falas próximas - “aventuras porque são emocionantes”, “aventura porque deixa a gente com emoção e dá vontade de ler”, “eu fico com vontade de viver uma aventura igual”, “aventura (mais emocionantes, nos envolve mais)”, “policiais com mistério a ser desvendado envolvendo perigo e emoção” - de personagens-leitores que estão desejosos em viver uma aventura, nem que seja uma de papel e tinta.

O aluno encontra nas propagandas das editoras (catálogos, resenhas, contracapa do livro) uma auto-imagem bastante positiva: um garoto corajoso, esperto, livre como os personagens das histórias. A identificação não é feita na leitura do livro por cada leitor, mas induzida já nas propagandas maciçamente divulgadas e amplamente repetidas em inúmeras coleções com “caras” diferentes.

Para Gramisci, “não é a busca de uma compensação qualquer que move e comove o leitor, mas a de um correlato imaginário de sua posição específica na

situação social. Situação em que se interpenetram carências, limitações e impossibilidades de transcender seus próprios esforços”. (APUD Bosi, 1978, p.60).

Esses leitores-personagens ávidos por emoção, mistério e aventuras são e foram os mesmos “cuidados” pela indústria cultural com o objetivo de definir, produzir, reforçar, neutralizar e modificar determinados anseios e não outros, invadir a qualquer preço o terreno do pessoal, do irracional e até mesmo do inconsciente. Vemos, desta maneira que a imagem do jovem adolescente-leitor tal como nos é mostrada, não sai do nada, mas é historicamente construída.

“HISTÓRIAS repletas de lances emocionantes, com personagens que sempre correm muitos riscos para desvendar crimes ou resolver mistérios. É o que trazem estes livros que vão prender a atenção dos leitores da primeira à última página.” (Catálogo Série Vaga-Lume, 2º sem.1993, p.26).

A preferência desse personagem-leitor por aventuras aparece refletida não só em suas próprias falas ou nas propagandas dos editores, como também em textos com a pretensão de uma maior cientificidade quer na área da Biologia, Psicologia e Pedagogia:

“De 11 a 13 anos, a criança tem domínio das estruturas lógicas do pensamento abstrato, maior orientação para o real, permanência eventual da fantasia - permitindo o gosto pelas aventuras sensacionalistas: detetive, fantasias, ficção científica, tema da atualidade, história de amor.” (Filipovski, 1985, p.109).

Mas há também em menor incidência os alunos que preferem o humor, o terror, textos com rimas, histórias de amor. Esse último gênero, principalmente as meninas.

Por isso, também as editoras se propõem “a grande variedade de gêneros e títulos (...) encontrando sempre o livro adequado para qualquer tipo de leitor”.

Esses leitores, ao afirmarem a sua opção, na grande maioria, pelo gênero aventura (mistério, suspense) direcionam-se por sua vez, em determinadas coleções, que trazem maior número de livros deste tipo. Eles gostam mais desse gênero

porque têm mais acesso a essa(s) coleção(s) ou eles gostam mais dessa(s) coleção(s) porque realmente gostam ou eles gostam porque ela(s) existe(m)?

“Eu gosto muito da Série ‘Vaga-Lume’, ‘Série Inspetora’ porque são de suspense, mistério, o detetive sempre consegue desvendar o mistério, o vilão não é quem imaginamos.”

“Série Vaga-Lume: livros fáceis de entender, assuntos interessantes, personagens são crianças e jovens.”

O leitor que se constrói, aqui, então, é aquele marcado pela produção em série: coleção de bonecos de determinado desenho, coleção de determinados tipos de carrinhos, coleção de acessórios de determinada boneca, coleção de livros. Tudo programado para determinada faixa etária e classe social, os produtos em série garantem um pelo outro. Gostar de um e lê-lo, pode provocar um consumo em série de toda a coleção.

“Gosto muito da Série ‘Vaga-Lume’, aliás todos os livros que li este ano são da mesma.”

Essa é a imagem do leitor em circulação nos próprios meios da indústria cultural, como diz Marisa Lajolo: “a complexidade crescente da indústria editorial moderna exige compartimentalização de demanda e produção, orientando uma pela outra, criando uma em função da outra, são essas providências que garantem a sobrevivência do mercado. Assim um livro que aspira no circuito escolar é circundado de um conjunto de informações que só constam no catálogo para corresponderem à imagem que os editores fazem do que é e do que não é relevante para o professor que adotará o livro”. (Lajolo, 1993, p.29).

Essas coleções para serem amplamente consumidas pelos alunos trazem os estereótipos repetidos à exaustão: a fluidez e rapidez cênica, a superficialidade na maneira de tratar os temas e assuntos, a vitória do Bem sobre o Mal, a linguagem trivial e coloquial, ou, como nos diz, Adorno: “a variedade cobre um esqueleto que

conhece tão poucas mudanças, quanto à própria motivação do lucro”. (APUD Bosi, 1978, p.54).

Por outro, as histórias de leitura nos falam também de alguns autores, alguns livros indicados isoladamente. A maioria deles, contemporâneos, muitos elogiados mesmo pelo críticos da literatura infanto-juvenil:

“Leio tudo, mas o que gosto é de João Carlos Marinho com certeza ele é o melhor para escrever aventuras, gosto porque fico empolgada.”

“Eu gosto muito da ‘Série Vaga-Lume’ porque são livros gostosos de ler, cheios de suspense e aventura. Gosto também de contos de fadas como *História sem fim* e *Uma idéia toda azul*. Mas o que gosto mesmo é de livros que contém histórias de pessoas da minha idade como *Na praia da ferrugem azul*, *De repente dá certo*, *Diário de um adolescente*.”

“Eu uso sempre um simples critério para a escolha dos livros: retiro livros de autores já conhecidos. Pedro Bandeira, Ruth Rocha.”

Outros clássicos:

“Além de livros de suspense e detetive, também gosto de ler livros de Monteiro Lobato.”

Vemos nesses depoimentos a continuidade da imagem de leitor construída na primeira infância: aquele com acesso a uma literatura diversificada quanto ao gênero, autor, tema, época, linguagem. A diferença é que lá, os pais compravam os livros e os liam para as crianças, enquanto que, aqui, eles trazem de casa (os livros, em sua maioria comprados pelos pais com ou sem interferência do adolescente) para trocarem entre os colegas, seguindo a metodologia de leitura adotada na aula.

Por esse caminho, Magnani coloca que “assim, expande-se na escola de 1º Grau o que poderíamos chamar de um “funcionamento conforme” da literatura infanto-juvenil o que, associado às péssimas condições de formação e trabalho do professor, à tradição retórica no ensino da literatura, às relações históricas entre literatura infanto-juvenil e educação, à oficialização que a circulação escolar oferece

a estes textos, às contradições da escola num país capitalista do 3º mundo e aos estímulos padronizados da indústria cultural na vida de nossos alunos, acaba moldando e imobilizando o gosto do leitor, tendendo a torná-lo consumidor da trivialidade literária, histórica e política, que enche os bolsos de alguns mas esvazia os direitos de muitos à participação em e à construção da cultura e do conhecimento”. (Magnani, 1989, p.50).

Esse leitor com possibilidade maior de opção diante dos livros é diferente daquele apontado na pesquisa realizada por Lilian Lopes da Silva, em 1981, com alunos de escolas públicas: “os alunos lêem clássicos da literatura em sua maior parte extraídos do conjunto maior dos românticos. Lêem obras de autores brasileiros ou não, que de certa forma dão conta dos sentimentos e atitudes que a escola pretende consolidar nas crianças: generosidade, obediência, otimismo. Na sua grande maioria, obras escritas no final do século passado ou começo desse, que por força de sua tradição, do costume, da atuação das grandes editoras que as empurram para o mercado, as divulgam por catálogos, ofertas nas casas dos professores e escolas”. (Silva, L.L., 1986, p.49).

Algumas vezes, o que se vai ler é determinado pelo número de páginas que a obra apresenta, independentemente de autor, livro, ou série.

“Eu agora leio livros mais grossos e de preferência de aventura, porque eu me divirto mais.”

“Eu preciso ler livros finos porque gosto de ler várias histórias em pouco tempo.”

Essa opção por livros finos, médios e grossos revela a própria metadologia adotada nas aulas de leitura. Temos, aqui, um aluno que para tirar determinado conceito deve cumprir determinada quantidade de leitura de livros finos, médios ou grossos.

Uma outra maneira de se escolher um livro é através de manuseio - o contato físico com ele.

Nesse momento o livro é uma mercadoria a ser consumida. Dessa maneira, todos os recursos são usados, menos o de lê-lo imediatamente para depois dizer se gostou ou não.

O aluno analisa o livro como se estivesse comprando qualquer outro produto: capa, título/autor, tamanho das letras, número de páginas, resumo no final.

“Quando vou escolher um livro vou mais pela ‘cara’ dele, se é muito grosso, se as letras têm um tamanho bom, se há ilustrações etc.”

“Um livro para eu ler tem que ter mais de cem páginas, ter título bom e interessante, aparência boa, letra mais ou menos grande, figuras na capa e dentro do livro.”

Como o livro pode ter exatamente aquilo que nossos alunos procuram? Como ele pode ser tão atrativo?

Sabemos que um livro que aspira a ser consumido no circuito escolar deve corresponder à imagem que os editores fazem do leitor que irá adquiri-lo, desde a sua aparência física até a história a ser lida, sem deixar de levar em conta a imagem do professor que irá valorizar esse livro.

“A nova série já começou acertando no visual: ilustrações atraentes, capas plastificadas, papel bom e resistente, de letras grandes que facilitam a leitura. A alguns isso pode parecer secundário, mas minha experiência tem mostrado de que não é assim. Da mesma maneira que dão preferências a cadernos vistosos, lapiseiras e canetas diferentes, os alunos gostam de livros bonitos. E isso sempre cria uma predisposição à leitura.” (Catálogo Série Vaga-Lume, 2º sem.1993, p.12).

Que leitor é esse então?

Vemos a imagem de um leitor classe privilegiada, acostumado com um consumo onde se leva em conta principalmente a aparência do produto: limpo, colorido, bonito.

“A classe média tem uma cultura média com os seus valores: aparência bem comportada, desdenha o grosseiro, em letras impressas uma projeção de seus ideais de liberdade e progresso - é a ideologia do progressismo material crítico verbal aos valores tradicionais - o mito de informação (simplificada) para modificar o mundo.” (Bosi, 1978, p.52).

Se analisarmos as informações que vêm no resumo/comentário na contra-capá dos livros escolhidos também iremos ver refletida a imagem que esse leitor gostaria de ter: um jovem sendo convidado a aventurar-se em enredos engraçados, finais com suspense, mistérios a serem desvendados.

Muitos são as regiões do saber por onde as escolhas circulam: livros de literatura, infantil e infanto-juvenil, jornais, histórias em quadrinhos e até mesmo bíblia.

“Quando menor escutava histórias sobre Jesus, Deus, Maria e os apóstolos e era minha tia que contava, eu tinha medo de ir para o inferno porque derrubava tudo, então eu não fazia nada, mas minha tia sabia tirar todo o nosso medo enchendo nossa cabeça de fantasia e várias coisas.”

“Acho todos os tipos de livros bons, menos gibis, eles já vem com a idéia de cena montada. Eu gosto de imaginar o que acontece na história, é um meio de nós participarmos do conto.”

Essas diferentes zonas do saber mostram diferenças nas disputas ideológicas. Assim há supremacia do saber dos livros sobre as histórias em quadrinhos; valorização do leitor de livros grossos sobre o de finos ou do leitor dos contos de fadas para o de livros “mais próprios para a idade”. Da mesma forma têm-se a dominância da visão do adulto sobre as crianças: pais que escolhem, compram, lêem os livros; professor que cobra, exige e propicia a leitura na classe; editores que encomendam, divulgam as obras, até os autores que se voltam para esse público não-adulto.

4.4.2. Nos primeiros passos

Os contos de fadas já apareceram nessa pesquisa em outros capítulos relacionados com infância e com a família.

Eles voltam, aqui, como um gênero preferido não só pelos pais que optam por ele, mas também pelas crianças, que em suas falas, dizem do seu envolvimento gostoso com esse tipo de história.

“Quando eu comecei a ler, gostava de ler livros de contos de fadas que acabavam com o famoso ‘E viveram felizes para sempre...’”

“Eu não me lembro disso, mas minha mãe me disse que a história que eu mais gostava de ouvir era *Branca de Neve e os sete anões*, disse também que quando ouvia essa história não dormia e queria sempre ouvir outras vezes.”

“Uma vez eu peguei *Peter Pan* e não entendi o que as gravuras me contavam, então resolvi chamar a minha mãe para ler o livro, eu não me lembro qual foi o primeiro livro, mas esse foi o que me deixou comovido.”

Aqui constrói-se a imagem de um leitor que bem cedo participa de um lastro social da cultura universal traduzido por diferentes gerações e lugares. É um personagem-leitor que convive com um repertório finito de personagens de um mundo cheio de emoção e sentimentos próprios do ser humano: medo de crescer, medo de perder os pais, a luta entre o Bem e o Mal.

Muitas vezes encontramos também em depoimentos de escritores falas bastante parecidas com as de nossos alunos, mostrando as relações que leitores estabelecem ao ouvir ou ler este tipo de texto. Um exemplo desta afirmação: “Mas outro instrumento de salvação foi o ‘Era uma vez...’ A história que a mãe e o pai contavam, pondo a gente no colo, sentada ao lado da rede ou da beira da cama. Quem contava aquelas coisas tão maravilhosas, daquela maneira tão carinhosa, só podia gostar da gente... E as histórias ensinavam tanto...” (Machado, 1984, p.35).

Assim, tanto para os leitores-alunos quanto para os escritores consagrados vemos que os contos de fadas vêm para responder à expectativa de que a literatura popular tem a capacidade de apaziguar conflitos interiores próprios, de condição humana através da fantasia, do encantamento, do maravilhoso.

Os depoimentos dos alunos não só recuperam um tipo de texto lido/ouvido, como revelam também as faces daqueles que por diferentes motivos foram os responsáveis na escolha pelo gênero (contos de fadas) e pelo livro (qual conto de fadas). Aqui diretamente os pais se tornaram intermediários entre a criança e o livro, num processo bastante usual na história da literatura infantil.

Neste momento ao invés de conhecermos que tipo de personagem-leitor constitui-se essa criança que ouve contos de fadas, cabe muito mais saber que pais são esses que escolhem esses textos para serem lidos.

Grosso modo podemos levantar três tipos: primeiro, aquele que acredita no elemento onírico e mágico entrelaçado nos conteúdos essenciais da condição humana desses contos conforme Bruno Bettelheim; segundo, o que vê nessas histórias valores a serem transmitidos à criança, tais como, de obediência, de sinceridade, de paciência, bondade; e, por último, um misto dos dois primeiros tipos.

As histórias de leitura trazem, além dos contos de fadas ainda um outro acervo de autores contemporâneos, principalmente nacionais: Ziraldo, Mirna Pinsky, Mary e E. França, Ruth Rocha.

“Tentando recordar dos primeiros livros, vem na minha memória, a capa de um deles, que era *Zero, zero alpiste*.”

Ao destacarem alguns livros e alguns autores temos novamente a construção de quem são esses que escolheram esses livros. Aparece então, aqui, a imagem de pais bem informados e familiarizados com uma verdadeira explosão de ficção destinada ao público infantil iniciada nesses vinte últimos anos. A imagem de leitores (alunos) que iniciam sua caminhada inseridos num meio cultural atual.

Não nos cabe nesta pesquisa optarmos por um ou outro tipo de texto e nem discutir o nível de qualidade deles. Basta apenas assinalar que muitos contos de fadas passam por adaptações que acabam por adocicá-los, pasteurizá-los, retirando-lhes os conflitos essenciais, sua densidade, seu significado e revelação. Por outro lado, também muito se tem publicado na área da literatura infantil, atualmente, mas a quantidade não tem sido equivalente à qualidade.

“Por conta de estimular o gosto pela leitura, a produção de livros infantis e juvenis, destinados principalmente à veiculação pela escola, cresceu muito nas duas últimas décadas. Se a quantidade é animadora, as condições de emergência e utilização escolar desses textos levantam certas suspeitas quanto aos objetivos qualitativos almejados pelo consenso em relação às necessidades de estímulo à leitura.” (Magnani, 1989, p.28).

Ainda falando sobre o “boom” da literatura especialmente escrita para crianças e jovens a partir dos anos setenta, torna-se interessante notar que nossos alunos mostram que, além de ler/ouvir contos de fadas e histórias de autores contemporâneos, eles são expostos a outros tipos de textos: história só com ilustrações e livros de plásticos ou de pano.

“Primeiro livro que peguei foi livro de pano, bem colorido e bem feito, eu mordida e escondia.”

“Com dois anos mexia em livros de plástico, pano e papel da minha irmã.”

“Minha primeira leitura foi quando tinha meses porque lia livros que havia só desenhos.”

Essas falas nos revelam alguns caminhos que têm sido discutidos nos meios de comunicação de massa, em congressos de leitura também nessas duas últimas décadas sobre a formação de um leitor, tais como: o acesso ao livro desde a mesma tenra idade; oportunidade para que a criança faça diferentes tipos de leitura: ler só ilustrações, ler manipulando, ler ouvindo histórias contada ou tocadas; contato com

diversidade quanto ao tipo de texto-gênero literário, autor, material, época, linguagem.

Esses leitores, bombardeados por diferentes livros desde o berço, são os mesmos que presenciam a exposição de livros em lugares não tão “sagrados” como livraria e biblioteca, mas assumidos como mercadorias a serem consumidas a qualquer preço, podendo, por isso, também ser encontrados em supermercados, farmácias, bancas de revistas.

“Minha mãe quando ia ao super-mercado eu ia junto e ela comprava um livro (da coleção “O Gato e o Pato”) para mim. Enquanto minha mãe fazia compras, eu já ia lendo”.

Esses leitores criados a partir de nossas formas de vida de classe média brasileira encontraram em sua primeira infância “todos” os recursos para se tornarem leitores através do acesso e de uma diversidade muito maior do que a de décadas anteriores, sem entrarmos no mérito da qualidade.

Os anos mudam, mas pais e educadores discutem e resolvem o que é melhor para a criança. Nos anos 50 e 60, os pequenos tinham que se contentar com um número reduzido de livros infantis, eram proibidos de ler histórias em quadrinhos por alguns pais e educadores que os consideravam inadequados para uma boa formação de leitor. Nas décadas de 80 e 90 os adultos (pais e pedagogos) oferecem às crianças uma grande e diversificada oferta de livros: “livros, livros à mão cheia, bendito aquele que semeia” (Castro Alves), considerando ser esse o caminho para se ter um leitor.

4.5. Identidade do leitor

“E olhe que eu pensava já ter lido todos os contos de fada, fora os que me contara minha falecida avó. E eu os lia e relia mesmo adulto, sem vergonha de confessá-lo. Tinha até arranjado uma capa e um livro bem sério, bem adulto, desses difíceis de ler. Dentro dessa capa, eu colocava um livro de histórias da carochinha e lia até na sala de espera do dentista. Isso deixava as pessoas muito impressionadas. Ali estava um sujeito que era capaz de ler coisas sérias até mesmo antes de uma obturação.”

PEDRO BANDEIRA. *O Fantástico Mistério de Feiurinha*.

Como vimos, até agora, foi se montando um personagem-leitor que circula em ambientes propícios - tanto familiar, quanto escolar - à formação de um leitor: acesso à diversidade de livros, metodologias para se transformar não-leitor em leitor, convivência com leitores formados e em formação.

Mas como esses alunos se vêem? Eles se consideram leitores? O que é um leitor para eles?

Muitas são as respostas. Poderíamos montar um monstro com milhares de cabeças, pernas, braços num só corpo dependendo da concepção de leitura, dos avanços, das dificuldades localizadas por eles.

“Eu não me considero um leitor, mas me considerava o ano passado. Acho isso porque estou lendo alguns poucos.”

“Não me considero uma leitora porque o leitor gosta de ler tudo, e eu só gosto de ler o que se parece comigo.”

“Sou leitora porque estou bem em leitura. Leio não por obrigação, mas pela volúpia de ler.”

“Uma vez você me perguntou se eu me considerava leitor e a partir de agora estou me entusiasmando com a idéia porque já estou lendo para meu irmão, no lugar de minha mãe, que não tem mais tempo.”

“Agora me considero um leitor porque desligo a T.V. para ler.”

“Leitor é aquele que sabe escolher um livro interessante, olhando só o título. E também aquele que lê muito. Para mim escolher um livro é muito difícil, precisa ter capa interessante, não mais que duzentas páginas, título muito interessante, e aí então ainda posso errar de livro. Por isso não sou leitor.”

Montamos com essas e com outras falas uma galeria surpreendente de leitores-personagens.

Eles constroem dicotomicamente imagens do leitor e do não-leitor: o preocupado com a quantidade de leitura (“leio muito”, “leio livros grossos”, “leio diferentes tipos de livros”); o que possui limitações na leitura (“leio devagar”, “leio só à noite”, “só leio em ambientes calmos, quando não estou com preguiça”, “leio só quando não estou cansado”, “leio só com data marcada”); o que socializa sua leitura (“comento, falo sobre o que leio”, “leio para meu irmão”); que se identifica com a história ou personagem (“eu me identifico o personagem”, “vivo aventura”, “sinto emoções do personagem”, “fico comovido”, “entro na história”, “o personagem se parece comigo”); o que tem prazer (“leio porque gosto”, “leio porque distrai”, “leio porque é um ótimo passatempo”, “não leio mais por obrigação”); só lê livros (“não leio gibis”, “agora só leio livros”); o que sente paixão pelos livros (“tenho volúpia de ler”, “sede de ler”, “apetite de ler”, “leio sem parar”, “leio tudo”); o que cumpre tarefas (“leio porque é bom”, “leio porque é instrutivo”, “leio porque precisa”); o que se sente independente (“leio o que quero, pois as propagandas são enganosas”, “escolho pelo título”); o que tem hábito de leitura (“leio porque me acostumei”, “agora tenho o hábito de ler”).

De todos esses tipos de leitores nós podemos tentar uma divisão em dois grupos de acordo com seus depoimentos: não-leitores são aqueles que têm pouca quantidade de leitura, possuem limitações quanto ao espaço e tempo para lerem e ainda lêem só por obrigação; e, leitores são aqueles que por oposição, preenchem positivamente os itens assinalados anteriormente pelos não-leitores, além disso, têm autonomia, prazer, fantasia, paixão, responsabilidade pelo hábito de leitura.

Desse modo, o não-leitor tem um papel daquele que não cumpre a cota “ideal” de leitura, nem tem ritmo desejado, não possui o hábito de ler podendo estar mostrando a face da escola, que espera dele a leitura quantificada, medida, fragmentada e regulada numa visão mecanicista do ato de ler. Por outro lado, por achar que não é leitor, pois só lê por obrigação está mais uma vez reforçando a “síndrome do prazer” já comentada anteriormente. Assim, os alunos bastante exigentes com sua concepção de leitor acabam criando uma imagem mitificada e idealizada desta categoria: leitor é aquele que lê muito e de tudo, em qualquer lugar, em qualquer hora, só por prazer, sem nenhuma dificuldade e cansaço.

Aparentemente opostas, as visões do conceito de leitor para os dois grupos se assemelham, visto que, o não-leitor através de um discurso de negação coloca os mesmos predicados exigidos para se constituir em leitor conforme o segundo grupo.

Se há um elenco diverso de características ao se denominar o leitor, todos os personagens-leitores são unânimes em desconsiderar, em abominar aquele que o faz por obrigação, e que não tem o hábito de ler. No entanto, é esse mesmo que aparece bastante freqüente na escola e como um momento inicial antes da mudança do não-leitor para leitor. Essa contradição nos remete à indagação: o leitor que lê só na escola pode ser considerado um leitor? É esse leitor “habitual” e obrigado que estamos formando?

Segundo Foucambert “aprende-se a ler em qualquer idade e continua sempre aprendendo. A escola é um momento de formação do leitor. Mas se essa formação for abandonada mais tarde, teremos pessoas que por motivos sociais e culturais continuarão sendo leitores e progredirão em suas leituras e outras que retrocederão a qualquer processo de leitura”. (Foucambert, 1994, p.47).

Assim a dicotomia ser leitor é aquele que lê por prazer ou o que lê por obrigação não nos remete diretamente na continuidade do processo além da escola. Ser leitor ou não numa sociedade de classe com determinadas características históricas, como a nossa, parece apontar para questões mais sérias do que concepções ingeridas (a)crítica e mecanicamente.

Uma das concepções interessantes de leitor é justamente aquela que o considera como alguém que não se resigna com as coisas tais como são, que busca através do próprio trabalho com a leitura a transformação de realidade em que vive, que é guiado por uma necessidade, nem que seja uma necessidade metafísica.

Será que são essas imagens de críticos e transformadores que nossos leitores estão revelando em suas falas? Como explicar a síntese da imagem de leitor que nos foi construída por eles: leitor é o que tem hábito de ler por prazer?

4.6. Ler na aula de biblioteca de classe: metodologia, avanços, tropeços...



O foco temático dessa histórias de leitura continua sendo o ato de ler. Só, que, aqui, a prática social de leitura se constitui exclusivamente no âmbito escolar - a aula de biblioteca de classe. Os alunos escrevem de maneira, às vezes, bastante minuciosa como a leitura se realiza durante as aulas, os meios utilizados, os efeitos da leitura, a maneira de circulação dos livros, o que se lê, o tempo transcorrido...

A figura do leitor é constituída mais do que nunca na sua relação em aula de biblioteca de classe, e portanto, em uma identidade do leitor escolarizado, de leitor em processo de aprendizagem.

“Também acho que a biblioteca de classe foi uma coisa super proveitosa, pois tinham pessoas que só liam quando o professor mandava e olha lá.”

“Acho que a biblioteca de classe me motivou a ler mais, não para dar sono como quando era pequena e sim por puro prazer, para entrar na história e me fazer de um ou mais personagem, em uma fantasia: fora da realidade e do cotidiano.”

“Não posso me esquecer da grande ajuda da biblioteca de classe, não fosse ela, meu gosto não haveria de despertar. Aliás, adoro as aulas de biblioteca de classe pois sei que vou pegar livro novo, além da aula ser bem mais gostosa.”

Voltamos com essas e algumas idéias já desenvolvidas anteriormente: a aceitação do aluno de que a leitura é uma dádiva a ser adquirida por ela ser “proveitosa e permitir que” viva uma fantasia; o hábito (a constância) desperta o prazer, o gosto pela leitura. Veja que foi usado o verbo “despertar” indicando portanto, a visão de que o gosto pela leitura estava apenas adormecido, mas ele já existia, não é, (nem foi) construído socialmente. E também utilizado o verbo “motivar” trazendo a concepção da leitura com algo interior e que precisa ter estímulos externos para que venha à tona. Assim, o ato de ler, por essência, social, visto que é praticado e constituído historicamente na interação entre os homens e seu mundo, torna-se através dos verbos “despertar” e “motivar” qualidades individuais, latentes a cada ser humano prontas para aflorarem, desde que haja uma metodologia para tal.

A biblioteca de classe é construída pelos alunos como uma aula importante dentro da semana evidenciando que através dela se conhecem novos livros, novos mundos, aprende-se a gostar de ler, a ter o hábito de ler. A imagem que fica é de uma aula descontraída, tranquila, gostosa, diferente das demais, prazerosa para quem gosta de ler ou para quem não gosta de escrever. É interessante o contraste entre o peso da importância da leitura (o valor social atribuído a ela por esses leitores) e a descontração do ambiente, o descompromisso com a seriedade dessa tarefa em relação às demais. A idéia que nos passa é que “ler não é estudar”, “é não ter o conteúdo escolar”, é distração. Naquele momento de leitura na aula, o ler “foge do esquema” de trabalho, exigência, de rotina.

Vê-se uma relação nítida da biblioteca de classe com os valores sociais-morais em conformidade com as necessidades conjunturais: “louva-se a leitura”, “a virtude da leitura”, “bem-aventurados os que lêem”.

Ao escreverem as histórias de leitura sobre as aulas de biblioteca de classe, os alunos assumem duas posições enquanto narradores: uma, onde eles se colocam escrevendo diretamente para o seu professor de português, enquanto aliado, cúmplice, autoridade, o responsável, o “chato”, o desencadeador do processo da própria aula; outra onde eles se distanciam desse professor, deixando-o como um anônimo, um ser descaracterizado.

Em ambas as situações eles falam de suas relações prazerosas ou não, de sua aceitação ou resistência à aula; sugerem pequenas modificações, tais como, renovar o acervo de livros, priorizar os mais grossos e adequados à faixa etária, modificar o sistema de empréstimo/devolução dos livros para evitar perdas e danos. Em ambas, eles revelam que há preocupação com o “outro” que faz parte do “clubes dos leitores profissionais”, dos leitores de verdade, aquele que gosta de livros, tem familiaridade e compromisso com eles (com os livros), possui autoridade e poder - aprova ou não tal leitura, aprova ou não tal imagem de leitor, aprova ou não tal quantidade de livros, aprova ou não tal postura diante dos livros, aprova ou não tal livro/tal coleção, aprova ou não mudanças na leitura.

“Antes eu tinha raiva da professora de português, pois odiava ler, só lia para não tirar muito fraco e não achava justo ser obrigada a ler. Mas agora adoro ler, já não tenho mais raiva do professor, pois aprendi a gostar de ler e ler com mais facilidade.”

“É por isso que queria agradecer a você (se não for a Norma, que estiver lendo, o “você” que eu quero dizer é a minha professora de português), porque se não ainda estaria lendo livros finos e com obrigação. Muito obrigado, Norma. Um beijo.”

Daí a minha pergunta: eu sou essa mesmo que está aí? Sou assim tão competente, tão eficiente? Sou a Norma? Sou a professora de português? Sou “você”?

Não podemos nos esquecer de que esses personagens-leitores escreveram esses textos na posição de escritores-alunos que acabaram por construir uma imagem do professor que eles tinham, imagem essa estritamente associada à garantia senão de aprovação com nota ou conceito, pelo menos de aprovação de um adulto - leitor profissional que eles deveriam cativar enquanto se formam leitores, enquanto recebem o “diploma” de leitor de verdade.

Através das falas sobre a biblioteca de classe os alunos acabam por desvelar não só uma prática de leitura escolar, mas também a circulação dos textos na escola, a identidade do leitor escolar e algumas condições sociais em que se realizem práticas de leitura no Brasil.

4.7. Algumas histórias de leitura

As histórias de leitura apresentam diversas modalidades discursivas: narrativas, depoimentos, cartas, diários, enumeração de perguntas e respostas. Cada variedade pode ainda conter dedicatórias, despedidas, comentários, descrições, desenhos, balões com falas de personagens, recadinhos, versinhos.

Um recorte coloca algumas histórias de leitura com uma linguagem mais objetiva, formal, assumindo papéis do leitor-escolar para o professor-leitor. Outras vêm com uma linguagem mais pessoal, com gírias, com imagens (metáforas, hipérboles, “slogans”).

Um outro recorte mostra que em alguns textos, o “outro” (o leitor-professor) não aparece identificado com a Norma, portanto criam-se diferentes personagens para ele, enquanto que em outros (textos) se constrói a imagem de um leitor-professor concreto, personalizado, com nome próprio.

Eles foram escritos de maneira clara e de fácil entendimento, enquanto testemunhos de uma experiência pessoal, vivida pelos próprios alunos, construindo-se um narrador de primeira pessoa.

De acordo com narrador de primeira pessoa temos duas variedades: narrador-personagem que relata seu envolvimento com a leitura e o narrador-personagem que cria um outro personagem-leitor falando de suas experiências ao ler.

Algumas histórias de leitura se destacam do geral a partir das considerações feitas acima, chamando nossa atenção, nos incomodando enquanto leitores pelas suas diferenças.

4.7.1. Narrador: o contador de histórias

Esse narrador se colocando na posição de um contador de histórias, cria o narrador-personagem que conduzirá a narrativa e terá domínio sobre ela.

“Eu me chamo C., vou falar um pouquinho do que gosto ou não.” (...)

“Vou vontar uma história de como leio...”

“Pronto, agora já contei um pouco do que gosto ou não e vou parar de escrever um pouco.”

Interessante notar que enquanto aluno-real escrevendo para seu professor (também real) na aula de português não haveria necessidade do aluno criar um narrador que se apresentasse pelo nome no início da narrativa (bastava assiná-lo no final ou início do depoimento) e que se propusesse como aquele que tem autonomia para contar sobre sua vida e interromper quando quisesse.

Que efeito esse recurso provoca então no leitor desse texto?

A sensação de distanciamento, o narrador criando um outro personagem que contará sua história passa a ser apenas personagem e não mais o aluno-leitor. A idéia de credibilidade dos fatos fica abalada. Esse narrador desconsidera o leitor-professor - aquele que lhe pediu o texto, a veracidade das informações, a extensão

da narrativa - para criar uma imagem de leitor (professor) de histórias, tal como ele (o aluno) o é na aula de biblioteca de classe.

Um outro texto bastante interessante é o de K.:

“Uma vez, há muito tempo atrás, quando estava na 6ª série da escola, a professora de Português, a Norma me pediu que fizesse uma história de leitura contando minha leitura e coisas assim”.

Em seguida o narrador-personagem faz um corte na narrativa, mudando-a para uma outra época (passado), onde ele coloca as informações pedidas pelo professor sobre os livros, tomando o cuidado de fazer uma moldura em volta dessa história criada, separando-a graficamente. Depois volta ao narrado inicial no tempo presente, dando-lhe a palavra:

“Agora vão para a cama que já é tarde e preciso dar aula e fazer o mesmo amanhã, pedir uma história sobre a leitura de cada um.”

Vemos nesse texto, um jogo de imagens: aluna K., enquanto narrador cria uma personagem - professora de Português, contando história de leitura, à noite, a algumas crianças (filhos?) e que irá, por sua vez pedir histórias de leitura a seus alunos; um personagem-professor de Português, Norma, pede histórias de leitura a seus alunos em outra época e aparece o personagem-aluno escrevendo uma história; adulto (mãe?) contando histórias às crianças (filhos?) à noite, antes de dormir - prática talvez, vivida pela própria aluna; um narrador-seguro de sua condição de narrar usando recursos clássicos para iniciar sua história “era uma vez há muito tempo atrás...”.

Se K. utiliza o mesmo recurso de C., narrador que se esconde atrás de um personagem, aqui, há uma melhor elaboração, pois, além disso, o narrador situa sua história como acontecida há muito tempo. Esse narrador cria uma história dentro da outra, num processo de espelhamento.

O efeito produzido novamente é aquele de confundir seu leitor-professor, fazendo um jogo entre o real e o fictício, entre o narrador-aluno e o narrador-personagem, entre informações ocorridas há muito tempo e ocorrendo no presente.

4.7.2. Narrador: o intimista

M. nos chama a atenção por escrever sua história de leitura em forma de diário.

É o único texto entre todas as outras histórias de leitura em que o narrador inicial está na terceira pessoa. Além disso, a autora cria um personagem, dá-lhe um nome diferente do seu e o coloca ora conversando com sua mãe, ora com a professora de Português, ou ainda com ambas.

“Quando Ana chegou no quarto começou a escrever no diário: Meu querido diário hoje a professora de português pediu para falar sobre leitura...”

Monta-se uma cena onde o narrador não está contando sua história a leitores virtuais, e muito menos para o leitor-professor; ele a está registrando em seu diário. E sabemos, que diário “tudo aceita”, “tudo permite”, é íntimo, é pessoal, não é passível de ser avaliado.

Em três momentos diferentes de sua história de leitura, todas em forma de diário, M. cria duas imagens do personagem-professor de português: a primeira, professora de português que lhe pede a tarefa, e a segunda, a professora de português recebe um nome (Norma) conversa, opina sobre as leituras do narrador-personagem.

4.7.3. Narrador: o distante

A história de leitura de L. vem em forma de carta com todos os elementos que o gênero exige: data, saudação, texto, despedida, assinatura.

A carta é dirigida diretamente para Norma e assinada por L.

A autora conversa à vontade com o seu emissor, convidando-o para participar de uma das aventuras de um livro, discutindo e questionando preferências de leitura, fazendo comentários/resumos sobre determinadas obras, mostrando avanços e recuos na sua formação enquanto leitor e pedindo resposta dessa carta.

O autor da carta constrói a imagem de um personagem-leitor apaixonado pelos livros, crítico diante deles e com uma história de leitura a ser considerada. Esse personagem conversa com o outro (o destinatário) como se ele fosse também uma pessoa que gosta e conhece livros, capaz de aventurar-se na história. O escritor se dirige ao outro, como aliado, amigos, cúmplices.

O texto em forma de carta levanta a possibilidade de que o narrador pretende estabelecer um diálogo com o seu emissor; diferentemente do diário, onde o interlocutor supostamente são as próprias folhas do diário. Escreve-se carta, entre vários motivos, para pessoas com quem temos afinidades e podemos trocar informações, impressões, podemos nos conhecer melhor, etc.

4.7.4. Narrador: o lírico

“Os livros são a fantasia do mundo
Porque sem eles, ele é infeliz
Os livros são a brincadeira
de um coração.” R.

Essa quadrinha vem no final da história de leitura de um personagem-leitor que inicialmente não gostava de ler, fazia apenas as leituras obrigatórias e agora está “feliz” porque encontrou a chave de leitura dos livros: a fantasia, o lúdico.

São versos simples formados por comparações ligadas pelo verbo ser: livro= fantasia; livro= brincadeira; mundo= coração.

Esse narrador lírico discute a função do livro: alegrar o mundo/coração.

Em outros momentos das histórias de leitura, R. usa por mais três vezes a imagem de livros como brincadeira.

4.8. Linguagem do texto

Dentro dos temas abordados nas histórias de leituras temos dois grandes eixos: ler por prazer e ler por obrigação.

Os alunos que lêem por prazer possuem um vocabulário mais ufanista, linguagem figurada (metáforas, hipérboles), repetições de verbos com carga semântica afetiva (gosto, amo, adoro, sou apaixonado) e com advérbios de intensidade (muito, bastante, mais), com gírias dando uma voz mais informal.

“Adoro as aulas de leitura, é uma das aulas que “curto”, tenho muito interesse por elas, deve ser porque eu gosto de ler.”

“Com isso meus pais me levaram ao caminho das florestas encantadas e ao campo das flores mais belas do jardim, e elas me perfumaram, pois é assim que vejo os livros. Me considero uma viajante desde as mais perigosas aventuras até as mais tristes histórias de amor. Porque o livro é uma viagem ao mundo da fantasia.”

O leitor dessas histórias de leitura, às vezes, de maneira mais acentuada, outras vezes não, encontra essa linguagem figurada formando comparações com os livros, com o ato de ler, com os sentimentos despertados pela leitura: “apetite de ler”, “sede de ler”, “os livros são mundo mágico”, criando hipérbole: “ler até último instante da minha vida”.

Percebemos que esse narrador está preocupado em embelezar o seu texto com imagens que permitem uma conotação de (super) valorização da leitura e do seu bom envolvimento com ela.

Os alunos que lêem por obrigação escrevem numa linguagem mais objetiva, com argumentos de fácil compreensão ao leitor, utilizando-se a repetição de verbos com carga semântica negativa: “detesto”, “odeio”, “sou obrigado”, “tenho que ler” e os advérbios de intensidade (pouco, menos, só).

Finalizando esse capítulo transcreveremos a fala de um aluno que “cobra” do leitor desse texto o fato de gostar ou não de ler: “se você leu essa história por vontade, fique sabendo que gosta de ler pelo menos um pouco.”

5. ENFIM... FINAL (MENTE)

“...eu ficava lendo o livro, com a excitação de quem estava com uma rapariga no quarto...”
 JOSÉ LINS DO RÊGO. *Doidinho*.

5.1. Personagem - professor

Ao chegar nas salas de aulas das 5^{as} séries, em 1989, a professora tinha em mente uma proposta para trabalhar leitura de livros com o objetivo de formar leitores, ampliar o espaço de discussão e conversa entre leitores.

Nessa época a professora registrava em seu planejamento que a sua proposta de leitura com livros “busca o crescimento do aluno enquanto leitor, crescimento esse que passa necessariamente pela sua própria história de leitura construída no tempo através da diversidade de ofertas, da interferência nessa oferta e de outros leitores já ou não-formados.” Ela coloca ainda que “por não acreditar ser mecânica a relação quantidade (oportunidade e liberdade para ler o que quiser na sala de aula) com qualidade de leitura, busca interferir através de conversas (diálogos) sobre o andamento das leituras, instigando a curiosidade a respeito das obras lidas e de outras não-conhecidas, sugerindo algumas, buscando relações entre elas, enfim orientando.” A leitura, segundo ela, “passa a ganhar qualidade, à medida que a quantidade se abre para a diversidade de obras e troca de experiências entre leitores, onde as leituras são somadas qualitativamente através de um fio que as conduza, que as ligue, que as questione partindo da relação do próprio leitor com os livros e com outros leitores, em níveis cada vez mais complexos, mais ricos, mais desafiantes.”

O trabalho a ser desenvolvido com a leitura dos livros centrava-se em duas frentes: uma, leitura de uma obra escolhida pelo professor a ser lida por todos os alunos da série e discutida, analisada, avaliada bimestralmente; e outra, leitura de livros trazidos pelos próprios alunos na aula que passou a ser chamada de “aula de biblioteca de classe”.

Interessa mais a esta pesquisa esmiuçar melhor essa aula de biblioteca de classe.

A proposta apresentada nas aulas de biblioteca de classe aos alunos estava centrada em quatro aspectos simultaneamente trabalhados, sem predominância de um sobre o outro, mas misturados, muitas vezes, num movimento simbiótico entre fala, leitura, escrita e circulação de informações:

1. leitura de textos curtos de autores de literatura e teoria da literatura sobre sua formação enquanto leitores;
2. oferta de livros aos alunos;
3. conversas sobre as leituras feitas;
4. produção de textos pelos alunos sobre suas relações com os livros (histórias de leitura).

Essa biblioteca de classe era realizada uma vez por semana juntamente com mais três (aulas), nas quais trabalhavam-se leitura de textos curtos, produção de textos, análise lingüística e gramática.

No início de cada semestre, a professora dava sugestões de livros de autores, gêneros, temas, épocas diversas, sem preocupação rígida com a faixa etária ou nível de escolaridade. Cada aluno poderia escolher dentro dessa lista, o livro para ser adquirido e posteriormente emprestado aos colegas.

Montava-se uma listagem para cada classe com os livros trazidos de casa, a serem circulados naquele semestre.

O próprio dono da obra ficava responsável pelo seu empréstimo e pela cobrança da sua devolução.

O aluno deveria ter uma folha de registro, onde anotaria os livros lidos por inteiro ou não, em cada semestre.

Nas primeiras aulas do semestre falava-se um pouco sobre os livros do acervo em forma de assembléia.

O professor estipulava previamente uma quantidade de livros a serem lidos no bimestre e a atribuição do conceito (nota) pela leitura “cumprida” e registrada pelo aluno.

A aula era dividida em três momentos.

Os primeiros dez minutos eram destinados à devolução e empréstimo de livros. Esse momento era de descontração, pois os alunos levantavam da carteira, andavam pela classe em busca de livros, conversavam com os colegas pedindo opiniões sobre a escolha de determinadas obras.

O segundo momento era o de leitura. Havia necessidade de silêncio absoluto e de respeito à leitura de cada um.

Nos últimos minutos da aula havia socialização da leitura: o que estão lendo? Estão gostando? Por quê? Nesse terceiro momento, algumas vezes, eram distribuídos textos curtos de autores consagrados falando de suas histórias de leitura para serem lidos em casa e comentados posteriormente nas próximas aulas de leitura. Outras vezes, eram pedidos depoimentos (histórias de leitura) dos próprios alunos, por escrito, que também eram comentados nas aulas seguintes. Depoimentos esses que foram utilizados nessa pesquisa.

No final do bimestre, essa professora recolhia o registro de leitura dos livros de todos os alunos e lhes dava um conceito de acordo com a quantidade lida. Além disso, a professora pedia uma produção escrita sobre um dos livros lidos também avaliada enquanto produção escrita. O registro de leitura servia ainda para estabelecer conversa com os alunos sobre suas leituras naquele bimestre: “Por que tem lido pouco?” “Você tem mudado seus interesses? Por quê?” “Qual o livro de que gostou mais?” “Parece que há uma preferência por essa coleção, não?”

Muitas dúvidas perpassavam a cabeça dessa professora em relação à leitura e à escola, visto que a leitura com essa preocupação de cunho formal e escolarizado poderia estar “matando a fruição dos textos literários.”

O obrigar a ler, buscar artifícios para a leitura, avaliar essa atividade provocavam constrangimentos nessa professora que desejaria no fundo imaginar formas de causar a aproximação entre os indivíduos e as obras literárias recuperando as fantasias produzidas, a partilha da leitura, o aprofundamento do diálogo, uma vontade (opção) de ler.

Paradoxalmente, se indagada informalmente, essa professora diria estar contente com o resultado de seus trabalhos: seus alunos liam e muito, pois se diziam satisfeitos com mudanças dos filhos em casa em relação à leitura. Cada vez mais eles mostravam interesse por livros, conversavam sobre autores que davam entrevistas em jornais e revistas, sobre a Bienal do Livro, compravam livros diferentes, etc.

Numa avaliação quantitativa feita através de suas histórias de leitura, os dados apontavam para mudanças significativas: uma quantidade crescente de livros lidos, gostavam de mais livros, mudavam preferências, apontavam avanços.

Enganamo-nos, no entanto, se aqui, aos invés de duvidarmos da fala dessa professora, tal como o fizemos no capítulo anterior a respeito das falas dos alunos, passássemos a acreditar em suas promessas do “dever cumprido”.

Não existem técnicas milagrosas para o convívio harmonioso entre diferentes pessoas com diferentes livros, e as que assim se apregoam podem ser consideradas mistificadores, por sustentarem uma possível aparência harmoniosa do verdadeiro desencontro leitor e livros, unidos apenas enquanto estiverem no espaço escolar.

Incapaz de optar por ser uma professora que vigia, controla, avalia a leitura dos seus alunos (fotografia horrorosa tirada até pelos seus alunos) ou ser aquela que apenas socializa a experiência da leitura, propiciando diálogo, cotejando gostos e opiniões, embasada numa interação política - “a de balançar ou provocar

incessantemente a imaginação dos leitores com o intuito de prolongar a linha de invenção humana para que fosse inventada uma nova sociedade” (Silva, E.T., 1990b, p.55) - essa professora amalgama-se e amargura-se no seu cotidiano, lendo, falando, vivendo leitura de livros, mas também cobrando e avaliando.

E vemos que as falas dos alunos que nos levaram à criação de personagens-leitores oscilando entre o ler por prazer, sem imposição e ler por obrigação, se juntam numa imagem duplicada (refletida) com a fala da professora que também vacila entre ser progressista (amante dos livros) e carrasca (que cobra leitura).

Assim, a essa fala de professora (corajosa, posto que exposta à críticas) mesclam-se as falas de seus alunos quando se referem a ela, antecipando e desmentindo sua identidade, embaralhando-se em diferentes imagens que também vão se integrar àquela divulgada na avalanche do marketing e do merchandising (professora como propagandista, persuasiva de um produto literário); à da aluna-mestranda de pós graduação na UNICAMP e à de pesquisadora desse próprio trabalho.

5.2. Personagem - pesquisador

“Minhas ‘conversas’ com Jorge Amado vêm de longa data... Cruzei pela primeira vez com ele numa coleção (‘Os Subterrâneos da Liberdade’, SP, Martins, 1964) comprada pelo meu irmão mais velho e indiferentemente deixada à disposição lá na biblioteca de casa.

“Lembro-me de corpo-inteiro fígado pelos ‘ásperos tempos’, pela ‘agonia da noite’, pela ‘luz do túnel’, vivendo, apaixonadamente, os subterrâneos da liberdade e sendo paulatinamente introduzido, pela minha própria vontade, na arte da palavra. E como a pá - lava, com Jorge Amado comecei a cultivar o gosto pela literatura de ficção.”

Ezequiel Theodoro da Silva. *Literatura e Pedagogia. Ponto e Contraponto*.

Tecendo essas últimas considerações após lermos e analisarmos as histórias de leituras feitas na instituição escolar, queremos assinalar que muito mais do que o mero registro histórico de um período ou o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, percebemos no decorrer do processo que estávamos construindo um momento de nossas vidas, um trabalho carregado de emoções, dúvidas e buscas.

Durante o caminhar a nossa preocupação foi pautada sempre por conhecer melhor a leitura que os alunos faziam de sua própria formação enquanto leitores, suas relações com os livros, com a família, com a escola, com a sociedade como um todo.

Por não acreditar que essa leitura (interpretação) dos alunos pela sua própria trajetória enquanto leitor pudesse ser permeada por uma concepção de leitura ainda reprodutiva, mecanicista e puramente determinista, buscávamos em suas histórias de leitura uma rede (re)construída na interação com o outro com seus múltiplos fios e nós.

Essa rede produzida através das atividades dos próprios sujeitos nela envolvidos se constituía fundamentalmente na e pela própria linguagem.

Debruçando-nos nessa linguagem circunscrita num determinado espaço, tempo e sujeito definidos, pudemos estabelecer determinadas marcas a partir da incidência de algumas informações, na ênfase a certas passagens familiares ou escolares, no exagero dos significados de algumas palavras, na coincidência de certos elementos

comuns de interpretação, marcas essas possíveis de movimentação e geração de novos significados.

O espaço discursivo construído por nossos alunos nos remeteram a dois grandes eixos: um, a caracterização desse aluno-leitor (re)presentado em suas relações com os livros de literatura (preferências, aversões, circulação das obras) e com as instituições (escola, família); o outro, a elaboração de um trajeto temático a partir de determinados elementos comuns na memória discursiva e em suas possibilidades de interpretação. Esses eixos se misturaram, à medida que cada aluno, ao falar de si mesmo, (re)produziu outras vozes sociais ouvidas e construídas durante o próprio processo que se desenrolava.

Cada aluno era a voz de sua classe social, de sua geração, de sua exposição aos mesmos livros, de uma mesma escola, de uma aula de leitura com uma professora de português. Por outro lado, cada leitura desse mundo registrada nas histórias de leituras, por consequência, cada construção de significados (interpretação) era única, singular, tal como a própria concepção de leitura em que acreditamos: ler é atribuição de sentidos para que o texto se constitua como tal, atividade essa realizada pelos sujeitos nela envolvidos.

E os seus discursos nos falaram muito. Os alunos enquanto narradores criaram personagens-leitores, que não eram mais eles em “carne e osso”, mas algo construído a partir das imagens que eles tinham a respeito do ato de ler; sua concepção, importância na sociedade, o ritual de sua formação, a sua relação com a família, escola e sociedade como um todo.

Nas histórias de leitura pudemos encontrar uma galeria de personagens-leitores que verbalizaram e percorreram as faces da prática pedagógica e seu cotidiano escolar com concepções de leitura mais pragmática ou mais prazerosa; o ritual de passagem do não-leitor ao leitor transcorrendo natural ou de maneira mais abrupta; as imagens da família mais ou menos ausente na formação desse leitor; a circulação dos livros estritamente vinculada a uma indústria cultural presente e avassaladora; a

identidade do leitor como aquele que lê muito durante todo o tempo, em qualquer lugar, por livre e espontânea vontade.

Ao lado de Dom Quixote, que enlouquece de tanto ler livros de cavalaria, de Madame Bovary que morre por não poder ter na realidade os momentos de emoção e paixão lidos nos livros, temos nossos alunos criando seus personagens cheios de vida circulando em ambientes propícios (tanto familiar quanto escolar) à formação de um leitor, com acesso a livros e propostas de leituras, convivência com leitores formados e em formação. Eles construíram seus personagens-alunos leitores e seu personagem-professor leitor, oscilantes em diferentes faces que refletem uma concepção de leitura que é ao mesmo tempo instituição e prática coletiva.

Nessa concepção de leitura como prática produzida socialmente - onde as relações construídas com o meio, as ações que nele se desenvolvem, os saberes que o constituem e afetividade nele envolvida - é que embasamos a crença de possíveis transformações. Transformações essas que se ligam ao conjunto das relações sociais tanto no sistema produtivo, como na coletividade, na partilha política, no sistema educacional.

No caso específico desta pesquisa, transformação permitida à medida que a leitura seja traduzida como ação significativa para seus sujeitos, construída enquanto necessidade que deve persistir após terem sido afastados dos bancos escolares.

Leitura que permita uma concepção de educação não presa a um modelo de homem a ser alcançado na virada do ano 2000, de maneira idealizada pelos olhos do homem de hoje, com sua história de ontem. Mas uma concepção de educação que permita uma ação libertadora, autônoma, logo crítica e passível de transformação na própria leitura do mundo, apesar dos homens de hoje com sua história de ontem.

ANEXOS

Anexo I

aluno nº 37 (89) - História de Leitura I

Como você está indo em leitura?

Respondendo essa pergunta, estou indo muito bem, mas falando do começo do ano... Foi assim: Antes, eu só lia livros finos e não me interessava outros livros sem ser obrigatório (de biblioteca de classe e para prova), já no meio do ano, comecei a ler médios e finos, mas ainda não lia livros grossos e nem sem ser por obrigação, agora, não sei se você acredita, mas LER é COMIGO mesmo!!! Estou lendo em casa, estourci na biblioteca de classe e leio livros GROSSOS.

E por isso queria agradecer você (se não for a Norma que estiver lendo, o “você” que eu quero dizer é a minha professora de Português) porque se não ainda estaria lendo livro FINO e com obrigação. Muito obrigado, Norma!!!

Um beijo,

L.

aluno nº 37 (89) - História de Leitura II

Adoro as aulas de leitura, é uma das aulas que eu mais “curto”, tenho muito interesse por elas, deve ser porque eu gosto de ler. A minha leitura poderia ser um pouco melhor, só que às vezes não dá tempo, porque tenho que ler outro livro. Escolho geralmente livros finos ou que um colega leu e achou legal.

Quando era pequena, não sei quantos anos, mas bem miudinha, minha mãe sempre contava histórias para mim, adorava ler a “folhinha infantil” e ver livros com bastante ilustrações. Agora me interessei mais pelos “gibis” (histórias em quadrinhos) e alguns livros.

Prefiro ler antes de dormir ou quando não tenho nada para fazer. Não me considero uma leitora, mas sempre vou lendo uns livrinhos aqui... outros ali...

OBS: se você leu essa história por vontade, fique sabendo que gosta de ler pelo menos um pouco.

aluno nº 37 (90) - História de Leitura III

No começo do ano passado eu lia muito pouco, quando lia era livros finos, para ler *O gênio do crime* (leitura obrigatória) foi um sufoco, eu não me interessava por ele, foi por obrigação mesmo. Já no segundo bimestre, consegui ler muito mais, me interessei pelos livros, principalmente do João Carlos Marinho, li todos os livros dele: *Berenice detetive*, *O livro de Berenice*, *Sangue fresco*, *Caneco de prata*, *Pai mental* e aquele livro, *Gênio do crime*, o livro que eu achei chato na época e que foi um sufoco para ler, esse livro também é do João Carlos Marinho, agora eu acho ele um barato.

Quando eu terminei essa coleção, pensei que não havia mais livros bons no mundo, não sabia qual ler, então fui pegando indicações de colegas e fui achando os livros legais do mundo. Li alguns livros da Lygia Bojunga Nunes, como *O sofá estampado* e *A casa da madrinha*, li vários diários: *O diário de Biloca*, *O diário de uma adolescente* e outros. Quando a leitura obrigatória foi “Monteiro Lobato”, eu pensei que iria “amar”, mas não foi tão assim, eu gostei do livro, mas não posso dizer que foi o melhor livro que já li. No terceiro bimestre da 6ª série, eu entrei em “pânico”, não conseguia ler nenhum livro, todos para mim eram chatos, os legais já tinha lido e minhas amigas não tinham mais indicações. Foi então que tentei ler alguns livros de Edy Lima, *A vaca na selva*, *A vaca submarina*, *A vaca invisível*, *A vaca proibida*, todos um fracasso. Começava um, não conseguia continuar, o único que eu gostei foi *A vaca voadora*.

Minha mãe, então, foi na livraria e comprou alguns livros legais, ainda bem!!!

O livro *Eu detetive - o caso do sumiço* e *Eu detetive - o enigma do quadro roubado* são livros muito legais, é um livro-jogo, você lê jogando. Gostei de todos os livros de leitura obrigatória: *Coisas de menina*, *Uma idéia toda azul*, *Diário de Marcos Vinícios*, *A hora do amor* e até o livro *Ê* eu gostei.

Hoje não tenho dificuldades para ler, apesar de ainda ser difícil achar livros que eu goste. A biblioteca de classe é uma idéia muito boa, acho que ajuda bastante as pessoas a ler. Uma biblioteca com livros variados é a ideal, o ano que vem deve ser assim: cada aluno deve colocar na biblioteca de classe pelo menos uns dois livros e com bons autores e diferentes gêneros (romance, aventura, diários, etc).

Desse jeito terá livros para diferentes tipos de leitor, como eu, que gosto de livros de aventura, romance e diários.

Anexo II

aluno nº 38 (89) - História de Leitura I

Eu adoro ler. É meu passatempo predileto. Puxei ao meu pai e a minha irmã que também adoram ler livros.

Montei até uma mini-biblioteca com os meus livros em casa, está o maior barato!

Gosto de livros grossos médios e finos, não tenho preferência.

Agora vou parar por aqui, pois tenho que ler um livro.

Tchau!

aluno nº 38 (89) - História de Leitura II

Querida Norma:

Acho que estou muito bem em leitura, Li seis livros grossos fora os finos e médios. Ganhei MB em leitura, também não era para menos, para ler os grossos a tempo, ia dormir às 24:00 hs, por aí. Não por obrigação, mas por "volúpia de ler".

Gostei de muitos livros que li, mas o que mais me chamou a atenção foi *Os Goonies*. Conta uma história muito emocionante, dá vontade de entrar no livro, para participar dele. Pena que não dá.

Eu adoraria participar de uma aventura daquelas... com caveiras, abismos, navios piratas, cavernas misteriosas, bandidos...

Que tal participarmos de uma das aventuras de Spielberg, em, Norma?

Bom, vou terminando por aqui a minha carta, esperando sua resposta.

Um abraço,

L.

aluno nº 38 (90) - História de Leitura III

Quando eu era menor, adorava ler revistinhas. Fui crescendo, comecei a deixar estas de lado e a pegar livros; no começo finos, depois cada vez mais grossos e interessantes. Hoje adoro ler livros.

Senti uma melhora de leitura do ano passado para este porque eu gostava de ler livros finos, agora meus preferidos são grossos.

Eu gosto muito da série Vaga-Lume, porque são livros gostosos de ler, cheios de suspense e aventura. Gosto também de livros de conto-de-fada como *A história sem fim* e *Uma idéia toda azul*. Mas o que eu gosto mesmo são de livros que contam histórias de pessoas da minha idade, como *Na praia da ferrugem*, *Canção para Débora*, *Diário de uma adolescente* e *De repente dá certo*.

Do terceiro bimestre para o quarto senti uma piora nas leituras, porque neste último bimestre houve muita coisa para fazer: lições, provas, trabalhos... não tinha tempo para ler.

Como eu vou ficar sem poder tirar livros nas férias, já comprei cinco livros: quatro da série Vaga-Lume (*Pega ladrão*, *Deus me livre!*, *O rapto do garoto de ouro* e *Os passageiros do futuro*) e um da coleção Barra-Manteiga (*As invenções da bruxinha Tatá*).

Uma série que eu não gosto são os livros da Agatha Cristie, são complicados demais, ela conta histórias tão simples de entender mas põe umas palavras no meio que nem no dicionário se acha. Como por exemplo o livro *O caso dos dez negrinhos* - é tão fácil entender que dez pessoas são hóspedes de uma casa onde em todos os quartos há um poema falando de dez negrinhos que vão morrendo de um a um e isto vai acontecendo com os hóspedes exatamente como fala no poema. Para que enrolar a história? Contar a viagem de cada um dos dez hóspedes até a casa? Bem, se você que está lendo esta redação gosta de Agatha Cristie, é como diz o ditado "Gosto não se discute, se lamenta".

Bem, o papo está bom mas tenho que ler um livro...

Anexo III

aluno nº 52 (92) - História de Leitura I

Eu me chamo C., vou contar um pouquinho do eu gosto ou não.

Eu gosto de ler, só que depende do livro, eu acho que faz bem para mim, desenvolve a leitura, fica sabendo o que o autor imaginou, para quem ele fez o livro etc.

Os meus livros preferidos são os livros que tem aventura com vários acontecimentos e sem muito detalhe porque eu acho mais legal eu fico mais curiosa para o fim.

Os momentos que eu mais gosto de ler é quando está chovendo, quando não tenho nada para fazer e quando me dá vontade.

Quando eu era criança eu adorava que contava histórias para mim a minha tia Ligia contava várias histórias para mim e eu ria, ficava atenta, etc.

Agora, eu queria contar quando eu manuseei o primeiro livro de história só que eu não me lembro. Mas vou contar um pouco quando eu li pela primeira vez um livro de história. Quando eu peguei um livro para ler pela primeira vez foi quando eu tinha 5 ou 6 anos o livro foi *Branca de Neve e os sete anões*.

Eu adorei este quando eu li eu contava a história para todos e todos riam de mim e eu não sabia porque.

Pronto, agora já contei um pouco do que eu gosto ou não e vou parar de escrever um pouco.

aluno nº 52 (92) - História de Leitura II

Vou contar uma história de como eu leio etc.

Eu gosto muito de ler, este ano eu li mais livros do que nos anos anteriores, porque nos anos anteriores eu não gostava de ler e não achava os livros muito interessantes e esse ano eu estou achando muito legal ler.

Quando estou lendo eu me considero um leitor, porque eu vejo a história acontecer, eu sinto dentro do livro vendo tudo que está acontecendo e isso é muito bom.

Já que estou falando de tudo isso, vou falar como eu escolho um livro para ler. Eu escolho um livro pelo nome dele, pela grossura, e pelos tipos de livros que eu gosto.

Os tipos de livros que eu gosto é de aventura, amizade, mistério e de escola.

aluno nº 52 (93) - História de Leitura III

Neste ano (1993) na 6ª série, estamos fazendo novamente a Biblioteca de classe. E agora vou falar um pouco do meu relacionamento com os livros.

No primeiro bimestre li dois livros grossos (mais de 100 páginas) que foi o necessário, não li mais que o necessário porque acho que já basta para mim, pois sou uma pessoa que tem dificuldade de estudar algumas matérias por isso só leio o que a professora manda ler, para eu poder estudar as matérias difíceis.

Agora vou falar dos livros que mais gosto: que me impressionaram mais, não gosto muito de mistério porque acho enjoativo.

Costumo ler livros um pouco antes de dormir porque o sono chega mais rápido. Às vezes leio quando não tenho nada para fazer e quando estou na minha chácara também para poder me distrair.

Eu gosto muito da aula de B.C. porque eu acho que é uma aula gostosa, que temos a oportunidade de escolhermos os livros que gostamos para lermos. Eu acho uma aula divertida gostosa e que não é enjoativa nem cansativa. Acho que deveríamos ter mais aulas deste tipo, com a condição de abaixar o número de livros para ler no bimestre.

Anexo IV

aluno nº 91 (89) - História de Leitura I

No começo do ano, primeiro bimestre, escola nova: tudo diferente! Estava com medo de não me dar bem e não fazer amizades. Achava tudo tão puxado, e para mim ler “7” livros finos foi um custo! Não gostava, pensava que era um absurdo, além de todas as lições, ainda ter que ler livros. Sabe, na minha outra escola não tinha dessas coisas, era só ler um livro; ela dava a prova e pronto.

Já no segundo bimestre, me acostumei mais com todos e com a própria escola. Ainda continuava a ler livros finos, achava que era impossível eu ler “4” grossos em dois meses. Com muita dificuldade consegui ler oito finos e um grosso. Também neste período para comprovarmos a leitura precisávamos, além de ter lido uma certa quantidade de livros, fazer propagandas colocando: slogan, logotipo, desenhos, autor e se quiséssemos algumas frases sobre o livro. Se você não as fizesse, não contaria como livro lido. Realmente não as gostava de fazer, mas fazia.

Então no terceiro bimestre, a professora Norma mudou a tática. Exigindo além de uma certa quantidade de leitura, um comentário sobre o livro excluindo assim a propaganda. Graças a Deus!!

Este bimestre foi o que li os livros mais gostosos. Dois grossos e sete finos, lia com tranquilidade, sem ser como obrigação, tipo “1º e 2º” bimestre. Quanto à minha leitura houve um avanço, mesmo no “3º” bimestre. Foi deste ponto que a minha leitura melhorou extremamente.

O último, quarto bimestre, foi o mais fácil! Todos os regulamentos continuaram os mesmos, só o que mudou foi: que em vez de ler “10” livros finos, tínhamos que ler “15” finos. Em menos de um mês acabei a ficha com: um grosso, “2” médios e sete finos. E depois ainda sobrou um mês onde li cinco ou seis finos. E assim termino o ano, com um crescimento na ficha de leitura “M.B.”

aluno nº 91 (89) - História de Leitura II

Gosto de ler livros, só que tenho um pouco de preguiça para lê-los. Mas quando gosto do livro, leio-o sem parar, porque é uma delícia!

Meus pais toda semana compravam livros par mim. Eu lia as histórias e as achava maravilhosas.

Com isso, meus pais me livraram (me levaram) ao caminho das florestas encantadas, e ao campo das flores mais belas do jardim; e elas me perfumaram; pois é assim que eu vejo os livros. Isto aconteceu quando estava na primeira série.

Acho todos os tipos de livros bons, menos gibis, ele já vêm com a idéia de cena montada. Eu gosto de imaginar o que acontece na história, é um meio de nós participarmos do conto.

Não me considero um leitor, nem uma pessoa que não lê. Me considero uma viajante desde das mais perigosas aventuras até as mais triste histórias de amor. Porque o livro é uma viagem ao mundo da fantasia.

Sempre gostei de livros em casa, acho mais gostoso. Mas eu acho que não importa o lugar e sim o que se lê.

Para mim os livros são um conjunto de palavras que fazem a imaginação sorrir. Não prefiro livros grossos, nem livros finos porque um grosso pode ser tão legal quanto um livro fino e vice-versa, o importante é as suas palavras.

Leitura de uma forma ou de outra faz a gente crescer, não importa se você leu dez ou um - o que importa é que você leu. Que brincou junto com as histórias.

Pego livro às vezes dependendo do comentário, porque este pode ser negativo e positivo. Mas só às vezes, porque cada um tem seu gosto.

Os livros são as fantasias do mundo. Porque sem elas, ele é infeliz. Os livros são as brincadeiras de um coração.

Anexo V

aluno nº 98 (92) - História de Leitura I

Sei que muitas pessoas gostam de ler, eu adoro porque me sinto em um mundo mágico, de alegrias. Gosto de ler livros de suspense, mistérios, porque me intrigam a ler para descobrir os segredos que contam.

Leio apenas em minha cama e no ônibus porque não entendo muito o que diz o livro se leio em outros lugares.

Quando criança minha mãe todos os dias contava uma história antes de dormir, apenas inventava histórias de vez em quando, assim me sentia em um mundo de atrações mágicas.

Não sei ao certo quando manuseei um livro, mas sei que deve ser um livro que minha mãe havia lido, tentando interpretar, saía meio diferente mas saía minha criatividade e talento.

Minha primeira leitura foi quando apenas tinha meses porque lia livros que havia só desenhos, mas eram livros, não em brasileiro mas em holandês até hoje tenho estes livros guardados como lembrança de meu passado.

aluno nº 98 (92) - História de Leitura II

Hoje estava pensando se li mais ou menos livros, eu li mais, que os anos anteriores e menos que o bimestre anterior, isto porque não gostava de ler também porque não podíamos levar nem os livros interessantes e nem os outros que não eram interessantes, para casa, já agora posso mas estou desacostumada por causa que antes lia no ônibus agora, uns dias lemos e outros não lemos. Não temos mais muitos livros na Biblioteca de classe como os bimestres anteriores, assim não tendo muitos livros de aventura, que me deixa ficando com curiosidade de saber como irá acontecer no fim desta deliciosa aventura, isto sendo legal o livro.

Para mim escolher um livro é muito difícil porque precisa ter: capa interessante, não mais que 200 páginas, o título terá que ser o mais interessante, daí então ainda posso errar de livro, que nem o livro que eu mesma trouxe de nome *O menino que tinha um furo na cabeça*, me parecia um livro muito interessante, que me chamou a atenção, mas quando li as 20 primeiras páginas, já achei muito sem interesse. Pois assim não me considero um leitor acho que é aquele que sabe escolher um livro interessante, também é aquele que lê muito.

aluno nº 98 (93) - História de Leitura III

Uma vez, a muito tempo atrás, quando estava na 6ª série da escola, a professora de Português, a Norma, me pediu que fizesse uma história de leitura, contando minha leitura e coisas assim:

Sabe quanto está duro ler os livros da Biblioteca de classe, o tempo é tão curto, os estudos são tantos, desta forma leio menos, na 5ª série lembro que lia no mínimo cinco livros grossos, no máximo, quantos davam. Os gêneros dos livros continuam os mesmos: aventura, mas o começo de gostar de drama, foi depois de começar e não terminar o livro: *No fundo de teus olhos*, acho lindo até o momento, porque fala de um menino que aos cinco anos de idade vende drops na rodoviária, estuda e dorme muito pouco.

Minha relação com os livros é pouca, meu horário de leitura é à noite, quando dá, leio aproximadamente dez minutos, então dá sono e vou dormir. De manhã quando dá leio um pouco depois estudo.

No fim de semana aproveito para ler, fazer tarefa, estudar um pouco e brincar.

Bom, a aula de Biblioteca é muito bom, pois é uma aula onde descansa, também lê e parte para as aventuras que os livros trazem. É gostoso só por isto mas também porque você adianta a leitura dos livros em 50% em cada aula.

Agora vão para cama que já é tarde e preciso dar aula e fazer o mesmo, pedir uma história sobre a leitura de cada um.

Anexo VI
aluno nº 104 (92) - História de Leitura I

- Mãe, acabei de jantar vou escrever no meu diário se não vou levar bronca da Norma.

- Está bem, filha.

Quando Ana chegou no quarto começou a escrever no tal diário:

Meu querido diário, hoje a professora me pediu para falar sobre leitura, ela nos pediu também para ler o livro *Aventuras de Huck* e para contar sobre a minha estória de leitura, então pensei porque não contá-lo a você, sabe eu contarei com muito prazer pois adoro ler, ler me dá animo e quanto mais eu leio mais eu, mais eu, não sei explicar, só sei dizer que eu gosto de ler porque ler faz bem para todos, é como voar no céu azul, ou no fundo do mar, falando em mar me lembro da primeira vez que manuseei um livro, mas o que tem isso a ver com mar? Você deve estar se perguntando. É que era um livro de banho e eu o manuseava dentro da banheira da casa da minha avó eu tinha 3 anos, a minha mãe tirou fotos e guardou para eu ver, sabe é muito emocionante ler você não acha? Os livros que eu mais gosto de ler são de aventura, suspense e contos como Monteiro Lobato eu acho ele um ótimo escritor de tudo que eu gosto de ler, mas você não sabe porque gosto de ler estes livros? É por que é com eles em que a minha mente viaja mais, me sinto em um mundo de ilusão. Sabe, ontem a noite eu estava lendo, porque eu gosto de ler a noite e às vezes de manhã porque afinal eu durmo depois de ler, aí eu penso na história do livro e me ponho dentro da história do livro e vou sonhando a noite inteira. Bem eu estava lendo e foi aí que eu descobri que ler a noite vem desde a minha infância pois de repente troquei o livro por um álbum de fotografias e vi fotos da minha mãe contando história, eu ficava no berço e ela do meu lado sentada em uma cadeira me fazendo carinho, minha mãe me contou que eu me sentia feliz logo ficava com sono...

- Ana, desça! Seu tio chegou.

aluno nº 104 (92) - História de Leitura II

Querido Diário, a professora de Português pediu para nós fazermos uma História de Leitura e resolvi copiá-la em você. Ela ficou assim:

..."Para escolher um livro eu pego recomendações, pelo nome e às vezes um pedacinho da história resumida que tem nos livros. Apesar de ler mais que antigamente, porque com a maneira da nossa B.C. teve que ler mais e passei a me interessar mais e o interessante é que eu não me considero uma leitora, pois para mim leitor é o que gosta de ler tudo e só gosto de ler o que é parecido comigo, de aventura e amor ou o que eu gostaria de ser...

Até amanhã Di

Má

aluno nº 104 (93) - História de Leitura III

Querido Diário...

... Percebi quanto mudei do ano passado para cá. Na verdade quem me mostrou isso foi minha professora de Português, ela me disse:

- Máira, você está lendo muito mais livros, com muito mais facilidade. Além disso mudou muito os gêneros do livro você lê mais romance e suspense, do que antes.

- E não foi só isso, Norma ela agora lê o dia todo se a gente deixar. Antes ela só lia antes de dormir e muito raramente de manhã, disse minha mãe que estava comigo.

Quando cheguei fiquei pensando nisso. Aí lembrei que o ano passado eu gostava da aula de B.C. mas não para ler e sim para fazer bagunça. Esse ano eu adoro as aulas, porque leio e os livros me interessam. Além de ser uma aula descontraída e gostosa e que a professora não fica falando o tempo todo.

Assinado: Má (ou melhor Eu)

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 1 5ª A 1989	Meu pai lia muito, à noite. Lia livros. Eu não gostava de ouvir estas histórias.	Mais ou menos. A TV (filmes e desenhos me fascinam mais).				Um que não tenha lido. Não me importo por fino, médio ou grosso. O que importa é a história.	Gosto da BC porque não precisa escrever.	
nº 1 6ª A 1990		Não gostava, mas agora gosto. Não gosto de ler forçado, mas estou gostando de ler.		Suspense (Agatha Christie). Livros que dá vontade de saber o final. "A vida é isso aí", "No caminho dos sonhos".				Só lia finos, agora só grossos.
nº 2 5ª A 1989		Gosto muito, é meu passatempo preferido.		Jornal (política, esportes), livro de aventura, livros interessantes.	Sou leitor, porque tenho muitos livros e leio muito.	Comentário de amigo não me influencia porque cada um tem seu gosto.	Gosto de BC. Não gosto de finos porque é desestimulante.	
nº 2 6ª A 1990		Leio muito diferenciando gosto e autores.		Policiais (com mistério a ser desvendado, envolvendo perigo e emoção). "Droga da obediência". Ganymedes José é o melhor autor para nossa idade.	Sou um leitor desde o começo da 5ª série, optando só por livros grossos e interessantes, lendo por diversão, lendo porque gosto e não apenas por boas notas.			
nº 3 5ª A 1989		Mais ou menos: não gosto de ler, nem odeio.		Finos e por obrigação. Aventura.	Não me considero leitor, pois gosto de ler só livros não recomendados e gibis, jornais.	Finos, comentários dos colegas sobre o assunto.		
nº 3 6ª A 1990				Grossos. Agatha Christie, Simmel, Júlio Verne, Série Vaga-Lume.			É um momento de leitura.	Só lia livros finos, agora grossos e médios. Fui mudando, evoluindo, me acostumando a ler.
nº 4 5ª A 1989		Horas vagas e nas férias.		Aventura, suspense, mistério, romance. Qualquer tipo.	Não me considero leitor, talvez o ano que vem.	Livros finos.	Gosto das aulas.	
nº 4 6ª A 1990				Livro com bastante ação e emoção. História que me prende, não faz com que me desconcentre. Não tenho autor e nem coleção preferidos.			Não gosto de ler forçado.	Cresci muito, gosto muito de ler, leio mais, leio livros grossos, me aprofundando na história.
nº 5 5ª A 1989	Minha mãe lia (antes de dormir). Minha irmã também me influenciou porque eu ficava perto dela fazendo lição.			Livro fino. Jornal de criança.	Sou leitor, mas da minha forma. Leio devagar.	Capa, título, ilustração.		Lia pouco, fui evoluindo.
nº 5 6ª A 1990				Série Reencontro, Ganymedes José, Sylvia Orthof, Stella Carr, aventura, ação.				Leio mais, agora sei os tipos que gosto mais e facilita minha escolha.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 6 5ª A 1989		Não gosto de ler, nunca gostarei. Ler é importante para o futuro porque sem leitura as pessoas nunca vão conseguir entender o mundo como ele é. Ler é o jeito de compreender o mundo.		Série Enrola, Desenrola. Livros grossos são mais interessantes, mas é difícil de ler.	Não me considero leitora porque só gosto de gibis.			
nº 6 6ª A 1990				Agatha Christie: prende minha atenção, não quero parar mais, tem muitas páginas.				Comecei a mudar meu gosto.
nº 7 5ª A 1989	Minha mãe lia história ou contava, à noite. Às vezes eu contava para minha mãe dormir.	Gosto porque ler é abrir mais espaço à cultura dos livros.	Férias, à noite, leio um pouco, diariamente.	Livros engraçados, guardo alguns de memória, que são marcantes. Livros que me deixam compenetrada na história, me faz sentir personagem. Não gosto de livros finos porque as histórias são bobas e nem grossos porque são cansativos. Prefiro livros médios.	Sou leitora, porque leio desde pequena.	Ilustração, facilidade de leitura, letras boas, através dos comentários dos colegas.	Gosto.	Leio mais agora.
nº 7 6ª A 1990		Leio porque gosto, não para tirar nota. Comecei a gostar de livros que faziam sentir personagem, vivia a emoção, pensar um monte de coisas.		Agatha Christie, Simmel, mistério, suspense, aventura me empolgam.		Grossos e bonitos, não importa o tamanho.	BC me ajudou a ter prazer de ler. Não leio mais para dar sono, como quando era pequeno e nem para tirar boas notas (no início da 5ª s), mas para entrar na história e me fazer uma personagem, em uma história fora da realidade e do cotidiano.	Li mais em quantidade e em livros grossos (a partir do 2º bimestre da 5ª s).
nº 8 5ª A 1989			Fins de semana, à noite, horas vagas.	Finos e alguns grossos. Gibis (Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão).	Sou leitora porque gosto de ler.			
nº 8 6ª A 1990				Livros mais grossos, Sylvia Orthof, Teresa Noronha, Ganymedes José.			BC deveria ter mais livros engraçados.	

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 9 5ª A 1989	Aprendi a gostar de ler vendo minha mãe lendo.	Gosto porque me ajuda a ir melhor na escola, me esclarece dúvida.	A noite, porque me dá sono.	Suspense, aventura, gibis, médios e grossos porque têm histórias compridas e interessantes.	Sou leitor porque sei escolher um livro.	Pela espessura (grosso) ou comentário de colegas.		
nº 9 6ª A 1990				Não tenho preferência, autor, coleção.				Leio livros finos para grossos, policiais e aumentei a quantidade.
nº 10 5ª A 1989	Minha mãe contava história para mim.	Não gosto de ler.	A noite, à tarde.	Gibi, história com bastante ilustração, finos são mais fáceis de entender.	Leio para aprender a ser leitor. Não sou leitor.	Pelos comentários dos colegas.	Gosto da BC: é o maior barato!	
nº 10 6ª A 1990		Agora gosto de ler.		Médios, alguns grossos.	Antes era só para passar o tempo, agora leio como se fosse o personagem. Sou leitor porque gosto de inventar bastante coisa.		BC me ajudou a achar os finos "babacas" e os maiores mais emocionantes.	Cresci na leitura. Achava os grossos enormes, que eu não iria terminar nunca de ler.
nº 11 5ª A 1989	Minha mãe lia livros da biblioteca da escola, à noite.	Um pouco porque distrai.	A noite, em viagem, férias.	Finos, jornal (infantil), gibis, revista esporte.	Sou leitor, mas cada um tem o seu jeito de ser leitor.	Comentários de colegas, às vezes.	Gosto porque tem diversidade de livros, é uma aula que distrai e não há conversa.	Livros finos e depois médios.
nº 11 6ª A 1990				Não tenho preferência, grossos.				Grossos.
nº 12 5ª A 1989		Não gosto de ler porque leio devagar.		Fino (na classe), médio (em casa).		Comentário de colegas.	É uma aula que distrai. Diversidade de livros.	
nº 12 6ª A 1990				Não tenho preferência.				Aumentei a quantidade em cada bimestre.
nº 13 5ª A 1989	Meu avô que me despertou a curiosidade.	Mais ou menos. Leio pouco porque não tenho tempo.		Todos os tipos.	Sou leitor.	Comentários dos colegas.	Gosto muito.	
nº 13 6ª A 1990		Leio pouco porque tenho que estudar várias matérias.		Suspense, que nos prende a atenção. Sátiras.			Precisa diversificar mais, pois tem muita Agatha Christie que é cansativo.	

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 14 5ª A 1989	Meu avô gosta muito de ler e eu acho que puxei ele, pois gosto muito de ler também! Minha mãe lia bastante para mim para eu dormir. A família inteira de minha mãe gosta de ler. Inclusive meu tio. E também meu irmão.	Adoro.	Qualquer hora: de dia, de noite, dia de chuva, de sol.	Gosto de ler além de livros, gibis, revistas, textos. Só não gosto de jornal, livros finos.	Sou leitor, porque leio bem. Às vezes, engasgo em algumas palavras.	Comentários de amigos, mas, às vezes, não ligo, pego o que quero.	Gosto da BC. Gosto de ver o dono do livro, se tem bom gosto!	
nº 14 6ª A 1990	Ler é um ótimo passatempo.			Não mudei meu gosto porque leio qualquer tipo. Leio grossos/médios. Só não leio livros chatos.			Deveria ter mais livros que nos fizessem entrar na história.	Lia finos porque tinha medo de não dar tempo de ler os grossos.
nº 15 5ª A 1989	Meu irmão me ensinou a ler com 6 anos.	Gosto porque os livros trazem mensagens.		Livros mais grossos que têm mais história que os finos. "Ilha perdida" "Pollyana". Livros que têm mensagem.			BC é uma maravilha! Porque comecei a me interessar por livros.	Leio mais porque peguei o ritmo. Cada vez leio mais.
nº 15 6ª A 1990				Pedro Bloch. Série Vaga-Lume, porque tem mais emoção.				Conheci novos escritores/novas coleções. Lia só o necessário, depois fui melhorando.
nº 16 5ª A 1989	Leio gibis desde 4 anos.	Ler me ensina palavras novas.	Férias.	Gibis. Finos para acabar logo.	Não me considero leitor.		Gosto porque posso ler.	
nº 16 6ª A 1990			A noite.	Revista, jornal (esporte, tênis, ecologia). Livros que a gente dá risada e fica triste. Quando aparece malvadeza e injustiça. Aventuras. Livros com coisas desconhecidas para conhecer.	Não sou leitor porque gosto de jogar futebol, tênis, assistir T.V. e deixo o livro para a noite, quando estou quase dormindo.			Lia finos. Comecei a ler por causa da nota e agora me acostumei a ler.
nº 17 5ª A 1989	Aprendi a ler com meus pais e professores.	Gosto. Acho que nunca vou parar de ler.		Romance, aventura, terror, comédia.	Não sou leitor, porque leitor lê rápido e eu leio devagar.			
nº 17 6ª A 1990	Tenho interesse em ler livro porque sou "chegado". Quando leio me sinto dentro das aventuras. Isto é muito fóia!			Grossos, são mais interessantes.	Já me sinto leitor porque leio livros grossos (mais de 70 páginas).	Capa, autor, resuminho que têm atrás.	Boa diversidade: livros de tamanhos diferentes. Gosto de ler na classe.	

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 18 5ª A 1989	Professora da 4ª série me obrigou e eu comecei a ler.	Adoro ler porque são instrutivos e eu me divirto com eles.	A noite.	Qualquer tipo de livro.	Sim, sou leitor, porque não vivo sem ler, tenho paixão. Minha leitura poderia ser melhor, se eu lesse mais rápido.	Não me incentivo com comentário de colega. Leio o que quero.	Não gosto de ler na classe. Prefiro em casa, fico mais sossegada.	
nº 18 6ª A 1990		Adoro ler, principalmente sem prazo.		Qualquer tipo de livro.				Não mudei meu gosto: qualquer tipo de livro. Aumentei a quantidade e de finos para grossos.
nº 19 5ª A 1989	Minha mãe e minha professora do jardim me mostraram que o mundo dos livros era mágico.	Adoro ler e sei que vou continuar adorando. Vou morrer lendo, porque é coisa que eu adoro.	A noite, quando chove, quando está frio.	Suspense, policial, romances bons, grossos que têm mais conteúdo e mais legais. Lobato.	Daqui a alguns anos serei leitora de verdade, até meu último instante de vida.	À vezes, vou pelo comentário dos meus colegas.	Gosto, acho um "barato" porque conheço outros livros.	Hoje, apesar de ter mudado meu gosto por livros, ainda me sinto um personagem deles. Antes lia finos, historinhas fracas, fáceis.
nº 19 6ª A 1990	Sempre fui muito influenciada a ler, meus professores me ajudaram.			Agatha Christie.			BC nos incentiva a ler.	Aprofundei minha leitura: leio mais grossos.
nº 20 5ª A 1989	Minha mãe lia para mim à noite. Quando pequeno, ficava na maior angústia para ler, queria ler, mas não conseguia.	Ler é importante porque utilizamos para fazer discussão, palestras, outras leituras. Gosto.		Finos.	Não me considero leitor porque leio quando necessário.		BC é legal porque conheci diferentes livros.	
nº 20 6ª A 1990				Suspense. Aventura. Não tenho autor, coleção, gênero preferido.		Procuro histórias que têm desaparecimento de um personagem e os amigos iriam procurar.		Li mais do que os obrigatórios. Mudei de finos para grossos porque as histórias são mais interessantes, com várias idéias.
nº 21 5ª A 1989	Quando pequena (menor que agora) os adultos liam para mim. Eu ficava imaginando se eles liam mesmo a história como estava escrita. Quando aprendi a ler, lia todos os livros que tinha em casa: fiquei apaixonada.	Gosto de ler, para mim não é nenhum esforço pegar livro para eu ler.	Férias.	Aventura, suspense, detetive, bandido, Lobato.	Sou boa leitora amadora.	Depende da minha vontade e do dia, por isso nem sempre vou pelo comentário.		Quando pequena, gostava de Contos de Fadas com "E viveram felizes para sempre". Agora gosto de ler histórias de suspense, aventura, detetive, bandido.
nº 21 6ª A 1990		Gosto de ler. Desde o ano passado peguei uma paixão por ler.		Aventura, suspense, Agatha Christie, Sherlock Holmes, Stella Carr, Pollyana, Pequeno Príncipe.	Tenho gosto muito variado para leitura.			Aumentei minhas leituras tanto em quantidade, quanto qualidade.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 22 5ª A 1989	Minha mãe lia histórias para eu dormir. Quando aprendi a ler, era encheção o tempo todo: "Pegue um livro e leia, não seja preguiçosa". Obedecei minha mãe, comecei a ler e vi que não era tão mau.	Gosto muito de ler, pois lendo aprendemos a escrever melhor e saber pontuar as histórias. Isto foi uma grande descoberta! Não gosto de ler por obrigação.		Livros finos, médios, que acabam logo. Revista (artigo interessante). Não gosto de jornal, porque tenho alergia e me coça inteira.	Não sou leitor porque leitor é aquele que tem um gosto variado de leitura, lê sem preguiça e eu quando pego um livro grosso não tenho coragem de ir até o fim.	Pela "cara": se é grosso, se tem letras grandes, ilustrações. Não utilizo comentários dos colegas, porque não são reais.	Gosto porque lendo aprendemos a gostar mais de ler e o tempo passa rápido.	Antes odiava minha professora de Português que me obrigava a ler. Cada vez mais cresço no nível de leitura. Li mais do que a quantidade pedida e também grossos, pois eu tirava um livro e sentia vontade de lê-lo.
nº 22 6ª A 1990				Grossos. Agatha Christie.				Hoje não tenho mais raiva da minha professora porque aprendi a gostar de ler e leio com mais facilidade.
nº 23 5ª A 1989		Não gosto de ler; sinto-me apertado ao ler!		Leio diferentes livros, mas só finos.				Lia livros infantis, quando criança.
nº 23 6ª A 1990				Continuo gostando de livros de História, não gosto de aventuras e suspenses.	Não sou leitor porque preciso aprimorar minha leitura.		Não deveria ter leitura obrigatória.	
nº 24 5ª A 1989	Quando pequeno eu derrubava livros da estante. Minha mãe lia para mim depois do almoço, só que eu não entendia nada.		Férias, depois do almoço para fazer a digestão.	Finos.	Não sou leitor porque não leio muito. Estou na fase de brincar, só vou ler bastante quando for maior.	Título, comentários de colega (fico curioso).		Gostava de ver as figuras dos livros grossos.
nº 24 6ª A 1990					Como leitor sou infeliz porque não gosto muito de ler, porque cansa a vista e outras coisas.			Não mudei meu interesse por livros.
nº 25 5ª A 1989	Minha mãe lia para mim e para minha irmã nos EUA. Minha irmã me ensinou o abecedário brasileiro, eu não prestei atenção, mas aprendi. Um dia eu estava com um livro e li em voz alta. Ela percebeu e me deixou ler.						BC me fez acostumar e a começar gostar de ler.	De 1ª a 4ª série li pouco.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 25 6ª A 1990		Gosto de algumas leituras.		"Grande amor de vampiro" "Gênio do crime", "Hora do amor".	Não consigo me concentrar na leitura e vou mal nas aulas de leitura.			
nº 26 5ª A 1989	Comecei a ler e a entender livros com minha mãe (bibliotecária) e com as professoras do infantil.	Adoro ler, principalmente livros que não conheço.	Férias, antes de dormir, horas vagas.	Aventura, suspense, finos.		Ilustrações e se não tem letras muito pequenas.		Quando pequena preferia que lessem para mim contos de fadas, como "Chapéuzinho vermelho" e "Cinderela".
nº 26 6ª A 1990		Adoro.		Não tenho preferência por autor, coleção. Gosto de escritores com linguagem clara, fácil, objetiva.			Gosto muito porque tem diversidade de livros e gosto para todos os tipos.	Lia finos (no início da 5ª), agora grossos. Estou gostando cada vez mais de ler.
nº 27 5ª D 1989	Meu pai me contava história e comprava livros. Ele me incentivava muito e meu irmão.	Gosto de ler mas é difícil pegar um livro. Ler faz com que você tenha mais imaginação e tenha idéias para escrever.		Lobato, "Gênio do crime", comédia, aventura, histórias em quadrinhos. Livros finos.	Minha leitura poderia ser melhor, eu não conheço muitos escritores e por isso não sei que livro comprar.		Gosto da BC porque é uma aula descontraída.	Leio mais do que antes e mais rápido.
nº 27 6ª D 1990				Leio grossos porque os finos têm histórias bobas. Série Vaga-Lume.				
nº 28 5ª D 1989	Com meus pais descobri os livros.	Sempre gostei de ler.		Finos e médios.	Considero-me leitor pois leio pelo menos um livro por semana.	Título, ilustração ou assunto.	Gostava, gosto e espero continuar gostando dessas aulas.	No início do ano só lia finos, agora médios.
nº 28 6ª D 1990				Ruth Rocha, Marina Colassanti, por tratarem de poesia e humor. Série Vaga-Lume: aventura, suspense, mistério, ficção. "Ilha perdida": o que mais gostei, "O mistério de cinco estados", "Escaravelho do diabo".				Li mais do que o ano passado.
nº 29 5ª D 1989	Minha mãe me contava "CV" e "B.N.". Quando ela acabava de ler, eu folheava os livros para ver os desenhos.	Adoro ler, é muito gostoso e conta coisas diferentes.	A tarde, à noite.	Jornal (esportes), revistas, humor, médios.	Sou leitor porque gosto de ler. Tenho muitos livros, a maioria lidos.	Finos com bastante ilustrações, títulos engraçados, comentários dos colegas, às vezes.		

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 29 6ª D 1990				Série Vaga-Lume, José Carlos Marinho, Marcos Rey, "O Mistério de cinco estados", "Enigma na T.V.", "Corrida Infernal", "Bern-vindos ao Rio".		Grossos, porque demora para acabar e eu me prendo na leitura.	Gosto porque tenho chances de conhecer livros novos.	Meihorei muito minha leitura, livros médios para grossos. Antes não lia a Série Vaga-Lume. Antes lia só à tarde, agora prefiro à noite.
nº 30 5ª D 1989	Não gostava de ler, agora estou começando a gostar de ler. Ler aprende palavras novas.	A noite.		Não tenho preferência porque estou começando a ler agora. Médio, porque muito grosso eu enjo de ficar lendo.	Depende.	Fino que seja legal. Comentários de colegas.	Tem bastante diversidade de livros.	
nº 30 6ª D 1990		Gosto de ler.		Grossos, de aventura. Série Vaga-Lume, "Corrida Infernal".			BC comecei a gostar de ler e a gostar.	No final do ano anterior já estava estourando nas leituras, às vezes ficava com medo de não ser a quantidade obrigatória.
nº 31 5ª D 1989	Minha mãe lia para mim e dizia que adorava ler.	Sempre gostei de ler por causa da minha mãe. Gosto de ler porque me sinto personagem na história.	Férias, feriados, fins de semana, horas de folga.	Leio todo tipo de histórias. Médios.	Sou leitor porque gosto de ler. Leio o máximo que posso e sinto-me personagem do livro.	Tem que ser interessante. Só uma vez peguei por um livro por comentários do colega.	Gosto porque gosto de ler.	
nº 31 6ª D 1990				Livros grossos.				Meihorei na quantidade e na diversidade de livros: mais livros grossos e mais do que o pedido.
nº 32 5ª D 1989	Minha mãe e minha irmã leram para mim e me compraram livros.	Leio devagar. Gosto de ler porque ler é uma maneira de aprender várias coisas, conhecer histórias, autores, personagens.	Qualquer hora sem quantidade certa.	Livros finos, não tenho preferência.	Leitora pelo simples fato de ler, apesar de ler há pouco tempo.	Título, autor, capa, comentários.	BC tem bastante diversidade de livros.	No início eu odiava BC, tinha dificuldade de ler e só lia finos.
nº 32 6ª D 1990				Gosto de todos tipos: aventura, policial, mistério, gibis, revistas.		Comentários, folheava o livro antes de pegar, às vezes pela capa (meu hábito).	Já estou mais acostumada. Li por obrigação e comecei a gostar de ler.	Leio mais rápido, mais variado. Já separei vários livros para ler nas férias.
nº 33 5ª D 1989	Sempre gostei de ler porque desde quatro anos ganhei um livro de Natal do meu avô. Meu avô e a escola me ajudaram a saber ler.	No começo, não gostava de ler.	A tarde, à noite, férias ou no clube.	Gibis, férias, médios porque achava mais rápido de ler.	Não sou leitor porque só leio quando posso e não estou cansada.		Gosto porque tenho tempo para ler e porque não tem que estudar, só ler.	

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 33 6ª D 1990		Agora gosto de ler porque é interessante e gostoso.		Grossos porque contam mais dados, a história fica melhor, prende a atenção, você fica ansiosa para chegar ao final.				No começo da 5ª não gostava de ler e lia livros mais finos. Estou lendo mais porque estou gostando cada vez mais de ler.
nº 34 5ª D 1989	Minha mãe lia para mim quando tinha 3/4 anos.	Eu poderia ler mais, mas faço outras coisas em casa. Sentia obrigação de ler. Hoje não é tanto assim. Tem livros que leio e não gosto, mas têm outros que me divirto lendo. Tento ler cada vez mais porque quanto mais leio mais eu me ajudo. Não sou muito de ler, mas também não acho uma coisa horrível. Eu tenho é preguiça.		Finos porque gosto de ler várias histórias em pouco tempo. Gibis: Manda Chuva, Asterix, livros com rimas. Ruth Rocha.	Considero-me um leitor, porque de um jeito ou de outro eu sempre estou lendo.	"Cara" do livro e às vezes, por comentários dos colegas.	Gosto da aula, porque não é cansativa e posso adiantar minha leitura. As aulas de leitura mudaram muito meu relacionamento com os livros.	Propus a ler livros finos, depois li "Gênio do crime", e vi que para minha idade o melhor era ler livros médios. No início me sentia na obrigação de ler. Comecei com finos depois li grossos e adorei.
nº 34 6ª D 1990				Simmel, Marco Túlio Costa, Ruth Rocha, Lobato, Coleção Inspetora. Adoro ler livros de mistério e comédia.				
nº 35 5ª D 1989	Minha mãe e meu pai contavam história para mim, de livro ou de cabeça (antes de eu aprender a ler). Gostava de folhear livros, contar as cores, inventar outras histórias com os mesmos personagens dos livros. Quando aprendi a ler, lia pequenos e finos.	Gosto. Ler é uma forma de comunicação, é sentir, é ver, é ser outra pessoa, é viver. Só sei que se eu disse que já viajei para outro mundo, já voei entre as nuvens e cai de lá de cima, já conversei com várias árvores, ninguém iria acreditar, mas conforme eu leio um livro, eu faço de conta que aconteceu comigo, como se eu fosse um personagem.	Antes de dormir, porque não tem irmão para atrapalhar.	Aventuras. Grossos com poucas ilustrações.	Sou leitora porque gosto de ler e leio bastante.	Comentários dos colegas. Sempre pego aqueles que os alunos pegam mais.	A aula de leitura é a melhor da semana: ver todos aqueles livros parece até brincadeira, fico com vontade de ler tudo.	Nas 1ª e 2ª séries gostava de livros de bichinhos, daqueles que a história passa na floresta.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 36 5ª D 1989	Minha mãe e meu pai liam para mim. Mas quando aprendi a ler, achei uma delícia ler sem eles. Quando era pequena (3/4 anos) eu achava que quando íamos à escola, os professores colocariam uma fórmula mágica nos olhos da crianças e elas iam se acostumando até saber ler rápido.	Adoro ler livros, é ótimo passatempo. Os livros não são só páginas com letras, mas sim uma história para divertimento. Os livros ensinam a viver. Eu adoro os livros, são páginas que acompanham minha vida até o fim.		Todos.	Sou leitor porque quem lê livros passa a ser leitor.			Melhorei muito desde o início do ano: finos, médios, grossos. Os finos foram perdendo a graça e tentei começar a ler médios.
nº 36 6ª D 1990		Sempre gostei de ler.		Não gosto de ler por obrigação, só os livros Interessantes. Jorge Amado, Lígia B. Nunes, Marina Colassanti. Amor, aventura. Livros: "Diário de Biloca", "Na praia da ferrugem", "O gato malhado" e "A andorinha Sinhá".				Agora sei que finos são para crianças. Quando aprendi a ler achava que os grossos eram para adultos. Hoje só leio grossos.
nº 37 5ª D 1989	Desde pequena (não sei quantos anos) minha mãe lia história para mim.	Gosto de ler mas minha leitura poderia ser melhor, só que, às vezes não dá tempo.	Antes de dormir, à noite às vezes, de manhã, horas vagas.	Finos na classe, médios em casa. Comédia, história em quadrinhos, Folhinha Infantil.	Eu não me considero leitora, porque eu não leio muito e prefiro HQ. Não me considero leitora mas sempre vou lendo um livrinho aqui, outro livrinho ali.	Finos e que algum colega já tenha lido. Às vezes sigo comentários do colega porque o gosto pode não ser igual ao meu.	Gosto muito. Acho que é porque gosto de ler. B.C. tem uma boa diversidade.	Se você leu minha história de leitura, por vontade, fique sabendo que gosta de ler pelo menos um pouco.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 37 6ª D 1990		Adoro. Agora não sei se você vai acreditar, porque nem eu acredito mas ler é comigo mesmo.		Lygia Bojunga Nunes "Diário de Biloca" "Diário de um adolescente" Stella Carr. Tentei ler "Edy Lima" e achei toda a coleção da "vaca" um fracasso.	Hoje não tenho dificuldade para ler, apesar de achar difícil leio tudo que eu goste.	Depois que li todos os livros do J. C. Marinho, achei que no mundo não havia mais livro que eu fosse gostar. Então eu fui pegando indicações dos colegas e fui achando os livros legais do mundo. No meio da 6ª série, entrei de novo em pânico porque todos os livros bons eu já havia lido, minha mãe foi à livraria e comprou uns livros bons para mim (ainda bem!!!) "Eu, detetive, no caso do sumiço", "Eu, detetive, o caso do quadro roubado".		Antes só lia por obrigação, já no meio da 5ª comecei a ler médios e grossos. Agora já estourei na B.C. e por isso queria agradecer, a você (se não for a Norma, que estiver lendo, o você é minha professora de Português) porque senão estaria lendo livros finos e por obrigação.
nº 38 5ª D 1989		Adoro ler. É meu passatempo predileto. Puxei meu pai e meu irmão que também adoram ler. Montei uma minibiblioteca com meus livros em casa. Malor barato!		Não tenho preferência: grossos, médios, finos. "Goonies".	Sou leitora porque estou bem em leitura. Leio não por obrigação, mas pela volúpia de ler. Eu adoraria participar de uma daquelas aventuras dos Goonies em cavernas, abismos, navios-piratas, bandidos.			
nº 38 6ª D 1990		Adoro ler.		Série Vaga-Lume porque tem suspense e aventura. Contos de Fadas; Marina Colassanti, "História sem fim". Livro que contam coisas de minha idade: "Na praia da ferrugem", "Canção para Débora", "Diário de um adolescente", "De repente dá certo".				Quando pequena lia revistas, agora livros grossos. Já comprei para ler nas férias, já que não poderei levar livros da B.C.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 39 5ª D 1989	Minha mãe me incentivou muito na leitura.	Acho gostoso ler. Leio sem obrigação dos meus pais e professores. Quando leio, procuro imaginar a história se passando com minha própria família.	A noite.	Aventuras: "O Vingador da vida", "Millonário instantâneo". Enciclopédias que me ensinam a melhorar o aprendizado das pessoas. Coleção "Agora Você Decide". Não gosto de livros como "Escrava Isaura" e nem finos como "Três porquinhos". Leio qualquer livro.	Me considero um bom leitor. Leio apertado na BC, mas em casa, leio bastante, conto história para meu irmão. Não sou leitor profissional porque leio grossos só à noite.	Uso um critério bem simples: escolho livros que têm autores conhecidos. Pedro Bandeira, Ruth Rocha. Comentários dos colegas me motivam.		
nº 40 5ª D 1989	Minha mãe lia para mim, à noite.	Mais ou menos. agora estou gostando mais de ler, por prazer e não por nota.	A noite. Às vezes de manhã.	Aventuras. Pequenos contos, lendas.	Uma vez você me perguntou se eu me considerava leitor e a partir de agora estou me entusiasmando mais com essa idéia, porque já estou lendo para meu irmão, no lugar de minha mãe que não tem mais tempo.			Agora estou melhor do que no começo do ano, estou lendo livros grossos, em vez de finos que na minha opinião, são muito chatos. Quando começo a ler agora, não consigo parar até o final. Antes para ler um médio demorava 3 horas, o mesmo tempo que agora gasto para ler um grosso.
nº 40 6ª D 1990		Lendo eu aprendi muitas coisas e também conheci outras lendas gregas, aventuras, contos de fadas, contos latino-americanos, diários, romances.		Aventuras. Série Vagalume. João Carlos Marinho. Lobato.	Ler é um passatempo. Antes era uma obrigação, aos poucos, passou a ser válido, a ser divertimento, um passatempo.			

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 41 5ª D 1989	Meus pais toda semana compravam livros para mim. Eu lia as histórias e as achava maravilhosas. Com isso meus pais me levaram ao caminho das florestas encantadas e aos campos das flores mais belas do jardim e elas me perfumavam, pois é assim que eu vejo os livros.	Gosto de ler só que tenho um pouco de preguiça. Mas quando gosto do livro, leio sem parar porque é uma delícia. Eu gosto de me imaginar na história, é um meio de participarmos do conto. Leitura de uma maneira, ou de outra faz a gente crescer, não importa se você leu um ou dez, o importante é que você leu, brincou com as palavras, com as histórias. Para mim, os livros são conjunto de palavras que fazem a imaginação sorrir. São as fantasias do mundo. Porque sem elas, ele é um infeliz. Os livros são as brincadeiras de um coração.	Ler em casa.	Todos livros são bons, menos gibis que já vêm com uma idéia de cena montada. Nem grossos, nem finos, o importante são suas palavras.	Não me considero leitor, nem uma pessoa que não lê. Considero-me uma viajante, desde as mais perigosas aventuras, até as mais tristes histórias de amor. Porque o livro é uma viagem ao mundo da fantasia.	Às vezes pelos comentários porque cada um tem o seu gosto.	Gosto da aula dependendo do livro que pego.	No começo do ano achava tão puxado e para eu ler 7 livros finos era um custo. Achava um absurdo além de ter tantas lições, ter que ler livros. Sabe, na minha outra escola tinha que ler só um livro, a professora dava prova e pronto.
nº 41 6ª D 1990								Já no 2º bimestre da 5ª série me acostumei a ler, no 3º bimestre houve avanço pois li livros grossos. Terminei o ano, estourando a quantidade pedida.
nº 42 5ª D 1989	Minha mãe lia para mim e me mostrava gravuras, quando eu era pequena.	Não gosto de ler. Não leio rápido. Ler é bom para ler melhor e acaba com os erros de português.	Não tenho horário nem época que leio mais.	Só finos e médios. Contos de fadas são mais legais e emocionantes. Comédia, suspense. Percebi o gosto de ler diário e livro de gozação.	Não sou leitor porque não gosto de ler todos os livros que vejo pela frente.	Às vezes vou pelos comentários dos colegas.	Gosto das de leitura.	
nº 42 6ª D 1990								Quando estudava em outra escola, eu não lia. O ano passado eu li mas achava uma chatice. Este ano eu me acostumei com a idéia de ler e estou gostando mais.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gostou de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 43 5ª D 1989	Quando era menor descobri que existia um caderno cheio de letrinhas, que se chamava livro. Minha mãe me contava história com desenhos que me ajudavam a entender a história.	Gosto muito de ler mas leio devagar.	Nas férias. Não tenho preferência no lugar.	Finos, médios. Os grossos, lia até a metade, achava chato e grande.	Não sou leitor porque não leio muito. Leio mais na BC.	Tenho um critério: folheio o livro, vejo se tem ilustração, tamanho, letra, autor, assunto do meu interesse. Gosto dos comentários mas acho que cada um tem um gosto.	BC tem diversidade. Grossos, médios, finos, de diferentes autores, tamanhos de letras.	Cresci muito na leitura, estou gostando de ler grossos, os finos foram ficando sem graça, enjoativos e bobos.
nº 43 6ª D 1990		Leio mais rápido.		Ganymedes José, José Carlos Marinho, Ruth Rocha, Série "Inspetora", Aventura (mais emocionantes, nos envolvem mais). Série Reencontro, Série Vaga-Lume.	Fui me tornando leitora, o que me ajudou a interpretar e produzir textos.	Antes eu escolhia pela capa e desenhos, hoje procuro saber se quem leu gostou.		Consegui mudar meu gosto e arranjei tempo para ler no banheiro, e largar de ver T.V. Desde o ano passado venho crescendo em leitura. Livros que eram impossíveis de serem lidos, agora eu os leio. Terminei por aqui, mas minha história de leitura continua.
nº 44 5ª D 1989	Com minha mãe que lia história das Carochinhas para mim.	Gosto de ler.	Antes de dormir.	Gibis. Minha mãe vive falando que gibi não traz cultura, mas eu prefiro principalmente no frio e quando estou sem sono. Finos.	Não me considero leitor porque não leio muito.		Gosto porque o ambiente é gostoso e quieto.	
nº 44 6ª D 1990		Estou gostando mais porque você se envolve com a história e torce para que tudo saia bem no final.		Série Vaga-Lume: livros fáceis de entender, assuntos interessantes, personagens são crianças e jovens. "Gênio do crime", "Aventura no Império do sol", "Na mira dos vampiros", "Mina de ouro", "O casebre do fantasma".	Agora me considero leitor porque desligo a T.V. para ler.	Um amigo me indicou a Série Vaga-Lume. Li o primeiro livro e adorei e quando vi estava lendo outros grossos dessa coleção.		Em casa, aconteceu uma coisa impossível de acontecer. Eu estava vendo T.V., desliguei a T.V. e peguei um livro para ler (o livro não era obrigatório). Pena ter descoberto os livros da Série Vaga-Lume tão tarde!
nº 45 5ª D 1989	Minha sempre lia livrinhos de história para mim (desde 2 anos).	Gosto de ler desde pequena. Ler pode ensinar muitas coisas e nos levar para outros lugares sem sairmos de casa. Aumenta nossos conhecimentos e distrai.	Nas férias, porque assim não fico só lendo T.V.	Finos.	Sou leitor porque leio muito.	Comentários dos colegas me incentivam.	BC me ajudou muito a gostar de ler e ver a importância da leitura.	Antes gostava de livros de história, agora de aventuras. Estou preferindo os grossos porque assim fico distraído a semana inteira.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 45 6º D 1990				Grossos. "O Mundo perdido" (Conan Doyle), Agatha Christie. Série Vaga-Lume, tem livro da minha idade.	Em 89 eu me considerava um leitor, mas só lia livros finos. Depois percebi que finos não estavam com nada. Agora me considero leitor porque leio livros grossos e interessantes.			
nº 46 5º D 1989	Meus pais e avós sempre me contavam histórias.	Não gosto.	A noite, antes de dormir. Horas vagas, feriados.		Poderia ser melhor na leitura.	Comentários dos colegas.		
nº 46 6º D 1990		Gosto de ler.		Grossos que contam histórias com mais detalhes. Não gosto de contos de fadas, nem livros de fantasia. Coleção: Série Vaga- Lume, Série Inspetora, porque são de suspense, mistério, o detetive sempre consegue desvendar o mistério, o vilão não é quem imaginamos.			BC me ajudou a interessar pela leitura.	Antes não gostava de ler, não mostrava interesse. A partir do 2º bimestre de 89 comecei a ler grossos, com frequência.
nº 47 5º C 1992	Pequena, minha bisavó, minhas avós, meus pais, minhas tias contavam histórias (contos de fadas) para mim e eu achava muito legal e pensava que era realidade, só quando entendi que eram criadas, bolidas pelo autor. Meus pais, avós, tios me davam livros de pano.	Gosto de ler porque é mais jeito de viver aventura, como se estivéssemos entrando na história, vivenciando a história, é tão legal.	Horas vagas.	Grossos porque têm conteúdo mais legal, mais interessante. Aventuras, policial porque me prende. Alguns livros a gente se identifica com os personagens e fica mais fácil de entender o livro.	Sempre tive muito acesso a livros porque mamãe desde pequenina formou minha biblioteca. Desde alfabetizada, me considero leitora.	Tenho facilidade para escolher livros. Começo com título, dou uma olhada no resumo. Depende também do autor.		Leio mais do que ano passado, porque agora gosto mais de ler.
nº 47 6º C 1993		Continuo gostando muito de ler. Antes lia por obrigação, agora por prazer.	Horas livres, fins de semana, feriados.	Policiais e aventura, Série Vaga-Lume.	Ler, na minha opinião, é cultura, inteligência e muito interessante.		Gosto e acho muito interessante, pois estimula os alunos lerem.	Leio bastante, mas só livros que gosto.
nº 48 5º C 1992		Não gosto muito de ler, mas me esforço.		Terror, ficção, aventura, poucas páginas e muita ilustração.	Às vezes me considero leitora, e às vezes acho que passo perto.	Número de páginas, título, assunto.		Tenho aumentado minha quantidade de leitura e a grosseira dos livros.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gostou de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 48 6ª C 1993		Agora estou lendo mais um pouco. Quando gosto do livro, fico lendo toda hora e às vezes até sonho com o livro ou com um personagem do livro.	Mais frequentemente. À noite, quando me concentro e desligo de tudo.	Mudei meu gosto, prefiro livros clássicos, romances, comédias. "O menino do dedo verde".				O ano passado os livros eram chatos, agora estão mais legais.
nº 49 5ª C 1992	Quando era menor ouvia histórias de meus pais, quando ia dormir. Quando a história era de suspense, acabava perdendo o sono. Pegava livros na Biblioteca e minha mãe lia para mim. CCV, Gato de Botas.	Gosto de ler porque quando eu fizer um texto, vou ter mais criatividade, mais idéias.	Quando chego da escola, nos domingos, nas horas vagas.	Policias, mistérios, engraçados (porque eu entro na história), humor.	Não me considero um leitor porque só leio por obrigação os livros grossos. Por mim leria jornal e finos.	Demoro para escolher um livro. Olho o título, se é interessante. Folheio o livro para ver se o título tem a ver com a história e vejo se as ilustrações são interessantes também.		Lia menos, porque não era avaliado. Eu pegava livro na biblioteca mas lia pouco. Queria ler um livro grosso por mês, mas a minha professora não deixa.
nº 49 6ª C 1993			A noite.	Não gosto de suspense porque fazem tanto suspense, acabam a história de repente e eu não entendo. Aventura, eu gosto, porque entro na história e me aventuro junto.			Aula gostosa, porque escolhemos livros para ler. Não gosto de ler na classe, porque é desconfortável.	Estou lendo mais porque entendo melhor a história, entro dentro da história como se eu fosse o personagem.
nº 50 5ª C 1992				Aventura, porque na minha fazenda eu faço muitas aventuras como mexer com bois, andar a cavalo.	Não sou leitor porque leio muito pouco.	Letra, tanto de páginas.		Li mais livro que os anos anteriores porque agora gosto mais de ler.
nº 51 5ª C 1992	Minha história de leitor começou quando meus pais iam história antes de dormir, eu sentia que cada história tinha um sentido e um título.	Eu adoro ler para compensar minha dificuldade de escrever. Ler é super legal.	Noite, viagem.	Livros policiais ou de mistério, com muita ação. Lobato.	Já me considero um leitor porque leio rapidamente, entendo facilmente o texto.	Escolho Série Vaga- Lume porque trazem na orelha uma propaganda em quadrinhos da história que se desenvolve no livro.		Leio mais porque agora gosto de ler.
nº 51 6ª C 1993		Sempre gostei de ler. Leitura é fonte de conhecimento da humanidade.	Qualquer hora.	Mistérios, pois não consigo parar de ler.			Gosto porque temos espaço para ler. E quem não pode comprar livros, pode pegar emprestado.	

nº aluno/ série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 52 5ª C 1992	Quando criança eu adorava que me contasse histórias. Minha tia Lúcia sempre contava história e eu ria, ficava atenta. Primeiro livro lido, 5 anos, "Branca de Neve e os 7 anões".	Gosto de ler mas depende do livro. Gosto porque desenvolve a leitura, fica sabendo o que o autor imagina, para que ele fez o livro.	Quando chove, não tenho nada para fazer. Quando me dá vontade.	Aventuras com vários acontecimentos e sem muitos detalhes, porque eu fico mais curiosa para ver o fim. Amizade, mistério.	Quando estou lendo me considero leitor porque vejo a história acontecer, eu me sinto dentro do livro vendo tudo que está acontecendo.	Pelo título, pela grossura, pelos tipos que eu gosto.		Li mais este ano porque estou gostando de ler e achando os livros interessantes.
nº 52 6ª C 1993			Noite, porque o sono chega mais rápido.	Comédia e drama. Não gosto de mistério, porque acho enjoativo.			Gosto porque podemos escolher nossos livros. Aula divertida.	
nº 53 5ª C 1992	Quando criança eu costumava ouvir histórias de minha mãe, minha nona (avó) e de uma empregada que eu gostava muito. Eu gostava muito que contassem história para se ter um sono gostoso e me sentia alegre por isso. Livros que me marcaram: "Peter Pan", "Zero zero aliste".		Deitado, na cama, no sofá, na T.V. Só que não gosto que me perturbem.	Aventuras na mata, na selva: eu me imagino na história, vivendo personagens. Série Vaga-Lume.	Não me considero leitor, porque não sou fanático por livros.	Pego o livro que me chama a atenção, principalmente série Vaga-Lume, que são muito interessantes, depois folheio para ver se é bom.		Gosto mais de ler agora porque estou me interessando mais. Leio também porque sou obrigado para não tirar nota baixa, não ficar de castigo, não levar bronca.
nº 53 6ª C 1993			Final de semana, que é meio sossegado.	Continuo gostando de aventuras.			Gosto. Este ano está melhor porque os livros são melhores e dão mais emoção para ler.	Estou melhor, lendo mais rápido, principalmente quando me interessa pela leitura.
nº 54 5ª C 1992	Quando pequeno minha avó, meu pai, minha mãe contavam histórias para mim, eu pedia para eles trocarem os nomes dos personagens colocando gente da família.	Depende da história.	A noite, de manhã.	Aventura, terror pois são emocionantes. Ação e policial. Série Vaga-Lume, Cachorrinho Samba. Não gosto de livros de letras pequenas porque arde o olho para ler.	Não me considero leitor porque só leio se considerar bom. E só leio se não tiver nada para fazer, eu não tenho hábito de ler.	Grossos. Coleção: Série Vaga-Lume, Cachorrinho.		Leio mais do que antes porque odiava, só lia por obrigação. Estou acostumado a ler, agora.
nº 54 6ª C 1993							Gosto porque ficamos lendo, não precisamos escrever. É uma aula descontraída e aprendemos novos conhecimentos.	Estou melhor do que o ano passado, estou me ligando mais na história e mais rápido. Leio menos, agora, porque tenho menos tempo.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 55 5ª C 1992	Meu pai contava histórias de livros ou criadas por ele. Na metade eu já dormia. Manuseio: primeira vez em livro de plástico. Primeiro livro: 1ª série.	Não gosto de ler porque acho cansativo, enjoativo, ocupa meu tempo que podia estar usando para outra coisa mais interessante.	A noite porque é única hora que não tenho nada para fazer.	Livros policiais porque tem um pouco de aventura e um pouco de comédia.	Não sou leitor porque só leitor gosta de ler e comentar o livro lido e dedica uma boa parte de seu tempo lendo, também gosta de ler vários tipos de livros e eu não.	Como não sou leitor eu não consigo escolher um livro pelo título ou autor, eu leio se colegas ou professor recomendam.		Estou lendo menos porque antes ia à livraria e escolhia e lia, agora não tenho também opções.
nº 55 6ª C 1993		Estou adorando ler pois é uma forma de estudo gostoso e que distrai.	De manhã.				Gosto porque a gente adianta a leitura e relaxa.	
nº 56 5ª C 1992	Meu pai, minha mãe, minha avó, minha madrinha me contavam história. Eu reagia imaginando como eram as cenas da história.	Não gosto de ler.	A noite.	Aventura porque dá mais emoção. Policiais, suspense.	Como leio, considero-me um leitor. Acho que leitor é uma pessoa que lê e tem o hábito de ler.	Procuro um livro que goste, interessante e que ainda não li.		Leio mais porque tem mais exigência.
nº 57 5ª C 1992	Minha mãe gostava muito de ler e por isso comprava livros e começava a contar histórias para mim e para meus irmãos. Adorava ver figuras.	Quando estou lendo me interesso pelo livro e chego até a viver junto com os personagens da história.	A noite, nas férias porque ajuda a passar o tempo.	Aventura, mistério porque prende a atenção. Esportes. Às vezes, começo a ler e o assunto não é do meu interesse, perco a motivação e desisto de ler. Não gosto de romance. Série Vaga- Lume: gosto.	Não me considero leitor porque tenho interesse para leitura, mas só leio o que é pedido.	Procuro aquele com ação, suspense, mistério.		Como a escola insistia muito na leitura comecei a gostar de ler. Antes lia finos, agora procuro grosseiros, com histórias interessantes e não tenho pressa de acabar logo. Um dos motivos para eu ler mais, por obrigação, exigência dos professores.
nº 57 6ª C 1993		Não gosto muito de ler, só leio por obrigação.	Finais de semana, horas vagas.	Série Vaga-Lume. Adoro aventuras, sinto-me dentro da aventura. Suspense, porque a gente quer saber o final, na maioria das vezes o assassino.	Ler é bom, pois lendo com toda a certeza aprendemos a falar português.		Gosto, porque é um bom momento, me divirto muito, pois muda o clima de trabalho, embora eu não goste muito de ler.	Não houve grande mudança. Este ano leio mais rápido e entendo melhor o que leio. Não tenho muito tempo para ler.
nº 58 5ª C 1992	Quando pequena gostava da coleção que vem com o livro e a fita do gravador. Minha mãe, minhas tias, meus avós, meus padrinhos liam para mim. Adorava "Patinho feio" e "Bela Adormecida".	Não gosto de ler porque não tenho paciência.	Horas que não faço nada.	Finos e médios. Aventura. Amor.	Às vezes me considero leitora porque gosto de um livro, compro a coleção inteira.	Título e se é engraçado. Quando não gosto largo no meio mesmo.		Não gosto mas li mais do que o ano anterior. Agora já gosto mais porque os livros têm ficado legais.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 58 6ª C 1993			Leio quando estou cansada ou de manhã.	Romance.			Gosto porque é um momento reservado que tenho para ler, sem compromissos com tarefas.	Estou gostando mais de ler, porque este ano, os livros estão mais legais.
nº 59 5ª C 1992	Primeiro livro lido: 1ª série: "A arara cantora". Minha avó, meu pai, às vezes minha mãe me contavam a história "Chapéuzinho Vermelho", eu ficava com medo, mas dormia logo.	Mais ou menos, porque tem livros que são chatos.	À noite, quando não tenho nada para fazer.	Engraçados porque a gente se diverte, mistérios porque a gente tem que descobrir os mistérios, aventura. Livros que não são complicados de ler.	Não sou leitor porque não gosto de ler e depende do livro.	Autor e por comentário de amigo que diz que é bom.		Leio mais porque tenho que ler, para não ser prejudicado na nota.
nº 59 6ª C 1993				Comédias, cartas, diários.			Gosto porque na BC a gente aprende a gostar de ler e aprende coisas novas.	Estou gostando mais de ler. Leio mais de 5 grossos por bimestre.
nº 60 5ª C 1992	Minha mãe e a babá contavam, liam livros. Eu gostava muito e pedia para contar mais. Sete anos, primeiro livro: "A centopéia e seus sapatinhos".	Gosto de ler porque leitura é importante e motivo de lazer.	À noite.	Aventura porque fico ansiosa para ver o final. Grosso e de aventura sempre.	Leitora pois leio livros.	Vejo o autor, o nome do livro, aspecto e o que traz atrás.		Atualmente leio mais do que antes, porque parece que quando crescemos nos interessamos mais pelos livros.
nº 60 6ª C 1993			Manhã, noite, no carro, nas horas vagas.	Aventura, policial porque nos prende até o final.			Gosto, porque a gente conhece mais livros, os dos colegas.	Igual o ano passado, porque gosto de ler.
nº 61 5ª C 1992	Minha mãe me contava história, de tudo quanto é jeito e eu pedia mais até dormir. Livros de panos desde o berço.	Não gosto de ler porque muita letra me enjoa.		Prefiro livro com bastante figura e letras bem grandes.				
nº 62 5ª C 1992	Meus pais sempre liam histórias: contos de fadas. Eu ouvia e via os desenhos. Sempre pedia para lerem mais de uma história. Primeiro livro: 7 anos: "Menino Polt", A. M. Machado.	Gosto de ler.	Tenho tempo, quando precisa.	Suspense, aventura, mistério, revistas de histórias em quadrinhos e sobre pescas.				

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 63 5ª C 1992	Quando pequeno, minha mãe me contava história, eu dormia. Maior eu queria contar de volta para minha mãe. Seis anos, li o primeiro livro, li várias vezes e o tenho até hoje.	Adoro ler, porque me distrai. Eu me interessso pelo que os outros pensam e suas idéias.	Qualquer lugar, qualquer hora.	Policial, terror, ficção científica, aventura, comédia, história de fatos reais. O que mexe com meu coração e imaginação: comédia e terror.	Leio também: jornais, revistas, histórias em quadrinhos. Sou leitor. Agora tenho mais ritmo para ler porque quanto mais ler, mais velocidade você tem.	Eu não escolho pelo nome, nem pelo desenho na capa, nem pelo comentário. Eu vejo tudo sobre a história, se me deixa ansioso, eu vou logo pegando para tirar o suspense da minha cabeça logo.		Leio o mesmo também que no ano anterior.
nº 64 5ª C 1992	Meu avô contava história. Li "Coleção O Gato e o Rato". Primeiro livro que peguei foi livro de pano bem colorido e bem feito, eu mordida e escondia.	Gosto de ler.	Banheiro, no sofá, viagem.	Livro de casa mal- assombrada e de ação.				
nº 64 6ª C 1993			Antes de dormir, horas vagas, quando acorda.	Aventuras, detetives, suspense.			Gosto porque dá mais oportunidade de escolher o livro, que eu gosto e os colegas indicam livros bons de se ler.	Melhorei este ano, não gostava de ler, achava os livros chatos. Agora leio e acho interessantes.
nº 65 5ª C 1992	Bebê, com fraldas, via livros de panos. Meu avô, minha mãe me contavam histórias para eu dormir. História que mais gostava: "Branca de Neve e os sete anões". nem dormia, queria ouvir várias vezes. Primeiro livro lido: "Chapéuzinho Vermelho".	Sempre gostei bastante de ler. Se estou lendo e não me interessso, paro no mesmo instante. Desde pequena sempre senti vontade de ler e parecer gente grande. Leitura é uma coisa gostosa que tranquiliza e passa o tempo de maneira diferente.	Noite, antes de dormir para ser mais tranquilo e gostoso.	Aventura, mistério, deixam a gente super ansiosa para o final. Romance.	Leitora porque leio bastante livro e me aprofundo e viajo nas histórias que leio. Leio também o que me vier na frente. Quando começo a ler não quero mais parar.	Capa e seu título. Se me interesse leio um resumo sobre ele.		Minha leitura vem aumentando principalmente por causa da B.C. Meu gosto foi mudando, hoje não gosto de ler contos de fadas.
nº 65 6ª C 1993		Adoro ler.	A noite, de manhã.	Continuo gostando de suspense, romance.			Gosto, este ano é uma delícia, porque podemos adiantar nossa leitura e pedir e dar sugestões de leitura para os colegas. Aula descontraída, diferente e mais quieta.	Adoro ler e a cada ano que passa tenho mais vontade de continuar as minhas leituras. Este ano tenho lido mais que o ano passado, porque gosto e sinto prazer em ler. Não mudei o gênero. O que me ajudou na agilidade para ler o livro foi dividir meu tempo durante a semana.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 66 5ª C 1992	Mais ou menos 4 anos li "Tamanhos e formas". A noite minha mãe me contava histórias.	Adoro ler porque mexe com minha criatividade.	Nos momentos calmos, fins de semanas, na rede.	Aventura, romance, terror.				
nº 66 6ª C 1993		A noite, antes de dormir, porque o sono vem mais depressa.					Gosto porque podemos escolher o livro e treinar a leitura.	Estou mais ou menos com os livros, ando com preguiça de ler. Leio menos.
nº 67 5ª C 1992	Minha mãe, meu pai, minha vó, meu vô me contavam sempre as mesmas histórias, porque eu sempre queria as mesmas. Eles inventavam na hora com finais felizes e engraçados. Com dois anos mexia livros de plástico, pano e de papel da minha irmã. Primeiro livro na 1ª série.	Ler é importante não só para viver informado, como também é um passatempo, é gostoso de fazer. Gosto muito de ler. Às vezes, sonho que aconteceu comigo o mesmo que os personagens.	A noite, de manhã, à tarde, no banheiro, no ônibus, sempre que tenho tempo.	Mistérios, felizes, suspenses, aventura.		Título, capa. Se por aí me interessa, dou uma folheada nele e se me interessa, eu leio. Às vezes, vejo o resumo atrás. Também, vejo letra, número de páginas (quando estou com preguiça).		Quando termino de ler fico sempre feliz. Leio mais por ser interessante e por obrigação.
nº 68 5ª C 1992	Pequena: minha avó contava fatos estranhos que aconteceram com ela. Quatro anos li: "O dia em que o Mico Leão chorou".	Eu adoro ler, é tão imaginativo.	Calmos, no meu quarto. Livros de terror. Eu prefiro gente por perto porque tenho medo.	Horror, aventura, fatos reais. Livros bem detalhados com palavras bem difíceis. Série Vaga- Lume. Agatha Christie.	Leio todo tipo de livros. E depois da minha professora eu sou a que mais lê livros na escola.	Título e assunto.		Tenho lido mais do que os outros anos porque a BC me dá mais opções.
nº 69 5ª C 1992	Primeiro livro lido: "O bichinho da maçã". Meus pais liam e contavam histórias para mim. Sempre pedia para eles repetirem.	Gosto muito de ler e me interesse pelos livros que leio. Sempre achei que ler é uma maneira prática para se passar o tempo. Agora substituo atividades pela leitura.	Manhã, final de tarde.	Aventuras, humorísticos.	Não sou leitor porque não leio tanto, eu não tenho tanto tempo para tanto livro.	Peço opinião para várias pessoas. Leio o resumo.		Antes eu não gostava de ler porque não me interessava pelo livro que lia. Só na 5ª comecei a me interessar. Antes lia por obrigação e agora por vontade própria.
nº 69 6ª C 1993			Manhã, fins de semana.	Série Vaga-Lume, aventura, suspense.			Gosto, porque a aula é descontraída, diferente, dá oportunidade de ler livros novos.	Estou indo bem com a leitura este ano, mas é o mesmo ritmo do final do ano passado.
nº 70 5ª C 1992	Minha mãe me contava e eu imitava os personagens e ria. Primeiro livro lido: "Lucinha e sua bolsinha".	Gosto de ler livros porque livros me trazem mensagens boas e ruins.	A noite, sábados, domingos.	Suspense porque é mais fácil imaginar os personagens, trama, local. Aventura porque parece que a gente está dentro da história.	Mais ou menos leitor porque leio só os livros obrigados e uns fininhos para passar o tempo.	Título, se é grosso, ilustração.		Eu leio porque é um dever da escola.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 70 6ª C 1993			Horas vagas, à noite.	Histórias árabes ("Mil e uma noites" e "Ali Babá"). Suspense.			Gosto, porque eu posso ler a aula inteira.	Estou lendo mais livros grossos (de quase 200 páginas).
nº 71 5ª C 1992	Meus pais, meus avós, padrinhos, empregada me contavam história. Manuseel livros de pano.	Gosto de ler porque reconheço os fatos, hipóteses e coisas fantásticas.	A noite, antes de dormir.	Mistério, comédia, esporte, aventura (mais fáceis e prendem atenção).	Não sou leitor porque não tenho vontade de ler.	Capa, título, número de páginas.		
nº 71 6ª C 1993			Noite.	Mesma preferência do ano anterior. Série Vaga- Lume.				Estou lendo mais, acho os livros mais gostosos de ler.
nº 72 5ª C 1992	Minha mãe, e vez em quando minha madrinha contavam história de ninar. Eu dormia ou repelia as palavras ditas por elas, batendo palma e rolando de felicidade na cama. Primeiro manuseados foram os livros com discos.	Sou fanático porque leio livros grossos desde 9 anos.	Horas vagas, à noite, de manhã, férias, feriado.	Mistério, porque tenho que descobrir o final, como se participasse dele. Aventura, como se entrasse em uma enrascada e me metia com gente perigosa. Falavam sobre animais.	Sou leitor, porque leio revistas, jornais, livros e tudo que é do meu interesse.	Título (se é interessante), pelas gravuras e pelo assunto.		Se estiver muito cansado e o livro não for do meu gosto, não tenho a mínima vontade de ler. Este ano estou lendo mais porque na BC faço uma leitura maior e diferente.
nº 72 6ª C 1993			O melhor momento para eu pegar embalo é quando estou interessado na leitura, quando não estou com problemas daqui, ou dali.	Gibis, artigos de revistas, livros. Mistério, aventura. Adoro o tipo que entra na história e tenta resolver o conflito do livro.			BC me ajudou a melhorar a convivência com a leitura. No primário, eu não lia muito. Eu gosto desta aula, porque ela ajuda a ter interesse pela leitura, conforme você vai lendo, lendo, lendo e você se acostuma a ler.	A minha convivência está melhor, acho a leitura mais fácil. Li dois livros grossos de uma vez só.
nº 73 5ª C 1992	Quando pequena escutava histórias sobre Jesus, Deus, Maria, os apóstolos: minha tia. Eu me enchia de medo de ir para o inferno. Mas minha tia sabia tirar o medo enchendo minha cabeça de fantasia. Eu sempre quis ler, até que cheguei o dia: entrei na cozinha com um livrinho amarelo e comecei a ler para minha mãe. Foi tanta alegria, dava pulos, ligamos para minha avó, minha tia, meu avô.	Não gosto muito de ler, mas como preciso, escolho um livro bom.	Leio todos os dias porque não tenho o que fazer.	Livros de aventuras, porque me imagino dentro da história. João Carlos Marinho.	Não me considero uma leitora porque não gosto de ler de verdade.			Odeio ler livro que não estava a fim.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro preferir? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 73 6ª C 1993			Como no ano passado: à noite.	De amor. Coleção "Tramas e Transas".			Super gostosa.	Estou relacionando melhor, pois não estou deixando para ler na última hora.
nº 74 5ª C 1992	Primeiro livro lido: "Bela Adormecida". Minha avó e minha mãe iam para mim.	Ler é bom para aprender novas palavras e novas coisas.		Livros grossos com letras grandes. Aventura.	Boa leitora, pois estou descobrimo mais livros, lendo mais rápido livros mais volumosos.	Capa, resumo.		Este ano estou me interessando mais pela leitura porque estou descobrimo mais livros.
nº 74 6ª C 1993			A noite, me acalma antes de dormir.	Clássicos, aventura, fino, grosso, médio.			Gosto porque é um horário para ler quando não se tem tempo.	Acho que de tanto ler, agora pego um livro e começo a me aprofundar, até livro clássico. Acho que de tanto ler está virando um hábito e estou gostando mais. Numa manhã li dois livros grossos.
nº 75 5ª C 1992	Dois anos lia livros de gravuras e perguntava aos meus pais o nome das figuras. Primeiro livro lido: "O sapato do coração".	Gosto de ler porque se distrain, é gostoso, esquecemos de problemas da escola. É uma diversão e passa o tempo.	Lugar silencioso e calmo, no meu quarto, na cama, durante o dia, à noite.	Aventura, comédia, médio porque não é cansativo e nem enjoativo.	Sou leitora.	Título bom, interessante, mais de 100 páginas. Aparência boa, letra mais ou menos grande. Figuras na capa e dentro do livro.		Este ano leio mais porque me peguei na leitura, aprendi que ler é gostoso, e porque a professora manda.
nº 75 6ª C 1993		Ler é agradável a qualquer hora.	Qualquer hora: de dia, de noite, viagem.	Série Vaga-Lume. Mistério e suspense: gosto muito.			Aula importante porque intima a gente a ler, a gostar de ler e a se dedicar à leitura e se apegar ao livro.	Poderia ter lido mais, mas não quis neste bimestre.
nº 76 5ª C 1992	Meu pai geralmente contava história (não lia), minha mãe também. Primeiro livro que mexi: BC.	Adoro ler, gostoso, legal, todos os elogios que posso imaginar.	A noite, para dormir.	Livros alegres, felizes, todo tipo: aventura, suspense, amor, perigo. Não gosto de livros tristes e de terror.	Sou leitora porque leio mais.	Indicação de colega, ou capa. Folheio o livro para ver o tamanho da letra e número de páginas.		
nº 76 6ª C 1993		Continuo gostando de ler.	Continua à noite.	Meu gosto mudou. Antes gostava de aventura. Agora gosto de amor, romances, tramas. Acho que é porque minha cabeça mudou. "Reinações de Narizinho", "Para gostar de ler".			BC ficou mais legal com mais livros.	Leio a mesma quantidade.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 77 5ª C 1992	Manuseei com 1 ou 2 anos, mas me lembro com 5 anos de um livrinho que misturava quando mexia (minha tia me deu). Primeiro livro lido foi escrito para mim: "A minhoca e o pintinho". Meu avô me contava muitas histórias em forma de canção, inventadas por ele.	Não gosto muito de ler. Só leio quando precisa.		Aventuras, ação, mistério, suspense. Estes 4 tipos me fazem querer ler mais, eu fico sorrindo e com o coração a mil.				
nº 78 5ª C 1992	Minha mãe contava histórias, eu vibrava, dormia, manuseei livros de pano.	Um pouco porque me dá "sono e preguiça".	A noite, antes de dormir.	Livros com letras médias, ilustração porque são mais fáceis de ler. Aventura, mistério porque dá vontade de saber o fim.	Sim porque leio livros.	Nome, grossura.		Leio mais porque os livros estão melhores.
nº 78 6ª C 1993		Quando pego um livro gostoso e interessante me esqueço da vida.	Antes de dormir.	Romance, aventura.			BC dá mais opções de leitura.	Estou aprendendo a curtir livros descobrindo que posso ver lugares, pessoas, situações através deles.
nº 79 5ª C 1992				"Éramos seis", engraçados, mistérios, tristes, aventuras.	Sim, sou leitor porque leio cada vez mais.	Título, autor, comentários, pessoas, olho dentro do livro, ilustração, tamanho de livros, número de páginas.		Cada vez leio mais.
nº 79 6ª C 1993		Quando leio é como se estivesse vendo tudo se passar, quando o personagem fica nervoso eu também fico, fica alegre, eu também; quando fica triste eu choro.	Horas vagas: antes de dormir, feriados, fins de semana, ônibus.	Adoro livros grossos, pois me apego neles. Aventura, romance, mistério, Marcos Rey; autor do livro "Hook" (Jerry Brooks).	Adoro ler, quando crescer, vou ser escritora para adolescentes como Marcos Rey.		Gosto porque é um cantinho só nosso para ler, para conhecer novos livros e em silêncio. É hora de sentar, ir para dentro do livro, ir para outro mundo. Nesta aula eu esqueço da vida e me infilto no livro e depois não quero mais sair.	Estou me relacionando bem com os livros. Li mais livros grossos neste bimestre.
nº 80 5ª C 1992	Meu avô me contava histórias.	Gosto de ler porque a gente pega mais prática na leitura aprende coisas interessantes e é divertido.	Gosto de ler quando estou sozinha.	Livros que façam rir, livros de aventura, drama.			Gosto da BC, porque as aulas são interessantes, dão chance para ler e mais ocupação.	

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você le?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 80 6º C 1993								Continuo gostando de ler e entendo tudo que leio.
nº 81 5º C 1992	Minha mãe.	Gosto de ler porque aprende-se coisas novas.			Sim, porque leio livros, pelo menos um por mês.			
nº 81 6º C 1993						Gosto porque tenho mais tempo para ler.		O ano passado eu lia mais, agora estou meio perdida. Mudei o tipo de livro que eu lia.
nº 82 5º C 1992	Quando era pequena, meus pais e minha avó eram as pessoas que mais contavam para mim. As que mais contavam era "Branca de Neve", "Cinderela", etc.	Ler é interessante e os livros nos deixam mais criativos. Quando pequena não gostava de ler, mas agora gosto.			Sou leitora porque gosto de ler.	Lendo o resumo da história na capa do livro, pelo título.	BC faz com que eu aprenda a gostar de ler.	Lia menos na outra escola, apenas um por bimestre.
nº 82 6º C 1993							Adoro BC, pois tenho tempo só pra mim e meus livros.	Modifiquei muito, hoje leio muito mais.
nº 83 5º C 1992	De vez em quando me contavam histórias. Minhas tias, irmã, pai e outras.	Gosto muito de ler, me distraio entro para um mundo diferente: castelos, bosques. Quando estou triste, vou ler porque esqueço de mim e sinto as emoções dos personagens.	Não tenho horário fixo, leio antes de dormir, quando estou livre.		Sim, eu sou leitora. Ler é gostoso de se fazer, porque nós vivemos outra vida, passamos por outra vida. Quando eu leio, eu choro, rio, me divirto e só agora percebi isso.	Por sugestões de colegas ou pela capa.		
nº 83 6º C 1993							Acho ótima, porque não precisamos comprar livros. Queria mais tempo para ler, porque, às vezes, temos de parar, morrendo de curiosidade.	Agora eu sei que jamais ninguém saberá tudo. Quando lemos, aprendemos muito, quero exercer o que aprendi e a escrever corretamente. Eu quero ser inteligente, cheia de mistérios, quero apreciar coisas boas, por isso eu leio.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 84 5ª D 1992	Minha mãe lia para mim quando pequena ou inventava histórias. Quando aprendi a ler, eu não me interessava mais por livros.	Gosto de ler porque conheço novas histórias.	Leio nas horas vagas ou quando dá vontade.	Aventuras, porque quando estou lendo parece que as estou vivendo. Os primeiros livros que mais gostava: "Chapéuzinho Vermelho" e "Dicionário Walt Disney". Coleção Gato e Rato. Prefiro livros engraçados e alegres, porque não gosto de histórias tristes.	Não me acho leitora, demoro muito para ler.	Para escolher um livro sempre leio aqueles pedacinhos (resumo), olho a capa, figuras.	Agora com a BC estou me interessando mais a ler.	No ano passado eu não gostava muito de ler, porque lia devagar e assim a leitura ficava cansativa.
nº 84 6ª D 1993			Fins de semana e nas aulas B.C., pois é tranquila e silenciosa.	Variados tipos.			Gosto das aulas porque são silenciosas. Tenho muitas opções de ler.	Interesso-me mais pelas leituras, não mudei gosto nem horário. Leio mais rápido.
nº 85 5ª D 1992	Meu pai me contava na cama eu me sentia parte da história. Três anos, peguei um livro pela primeira vez.	Desde pequeno, gosto de ler.	À noite, todos os dias.	Aventura, policial, suspense.	Considero-me um leitor de tanto ler.	Pelo título.		Hoje leio mais livros, não sei porque.
nº 85 6ª D 1993		Continuo adorando ler.	Agora leio à noite, mais ou menos 40 páginas. Leio também de manhã.	Continuo gostando do mesmo tipo, só que introduzi romance e ação.				
nº 86 5ª D 1992	Quando manuseei um livro pela primeira vez tinha 3 anos, ele era de pano, tinha figuras de animais. Sete anos, na alfabetização meu primeiro livro lido foi "O ursinho que ia sempre pescar". Mãe e tia me contavam histórias da Coleção Disney, elas liam e me mostravam figuras, eu me sentia feliz e achava que era um personagem das histórias e pedia a elas que não parassem.	Não gosto muito de ler, prefiro brincar.	À noite, ao acordar.	Finos, porque sou um pouco preguiçoso. Aventuras, suspense e ficção porque são mais interessantes. Não gosto de romance porque às vezes conta de uma pessoas que se apaixona por outra, isto não me interessa.	Não me considero um leitor pois acho que ser leitor é uma pessoa que gosta muito de ler, que lê bastante livro, eu não sou assim, leio mas não sou muito fã de leitura.	Escolho pela aparência: nome do livro, tamanho da letra, número de páginas e capa.		Este ano estou lendo mais, porque os outros anos achava chato ler.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 87 5ª D 1992	Quando pequeno, minha avó contava muitas histórias para eu dormir, quando cheguei ao pré-vestibular comecei a ler e ver livros pequenos. Primeiro livro: "Lúcia já vou indo".	Gosto muito de ler, eu leio muitos tipos de livro, porque isso me ajuda a estudar e a aprender novo vocabulário (novas palavras).		Aventura, porque gosto de ver lutas, florestas. Histórias em quadrinhos porque acho engraçado.	Sou mais ou menos leitor porque leio mas não muito. Gosto de sair de um livro e ler uma revistinha.	Escolho por indicação de colegas, pela capa, número de páginas, leitura no finalzinho (resumo).	Com a BC estou lendo mais porque há muitos livros legais, tais como "Guerra de campeon", "Perigos no mar", "Hora da luta".	Leio mais que nos anos anteriores porque há muitos livros na BC.
nº 87 6ª D 1993		Leio à noite.		Continuo gostando mais de aventura.				
nº 88 5ª D 1992	Minha mãe e meu pai liam para mim. Quando minha mãe lia para mim e meu pai inventava histórias. Eu gostava muito, mas quando meu pai inventava história eu ficava com medo. Primeira vez que manuseei um livro, era pequeno antes de entrar para a escola.	Gosto mais ou menos de ler porque depende do tipo de livro.	A noite, antes de dormir, ou de manhã, quando não tenho muita tarefa.	Aventuras, porque são emocionantes.	Não me considero um leitor, porque leio só os livros necessários. Quando eu criar o hábito de ler, espero ser um leitor de verdade e ler pelo prazer da leitura.	Olho a capa, o nome e procuro saber se alguém já leu o livro e peço informação.		Este ano leio mais do que antes porque sou obrigado para a aula de Português. Eu acho bom a gente ser obrigado no começo porque a gente depois cria o hábito de ler.
nº 88 6ª D 1993				Continuo gostando de aventura.			Não gosto de ler na aula de BC, porque é muito barulho.	Modifiquei um pouco, agora leio com mais vontade.
nº 89 5ª D 1992	Quando eu era pequena minha mãe contava histórias mas só de vez em quando, eu gostava e queria mais. Não me lembro quando manuseei o livro.	Gosto de ler porque me sinto bem e acho gostoso.	Na hora de dormir, e quando não tenho nada para fazer.	Mais de aventuras e gosto também de suspense e romance.				
nº 89 6ª D 1993							Gosto das aulas, porque é uma hora que consigo ler, com atenção.	Não ando lendo muito, desde o ano passado, porque não tenho tempo e tenho preguiça.
nº 90 5ª D 1992		Não gosto muito de ler.		Aventura e comédia porque são emocionantes.	Não me considero leitor porque não gosto de ler muito e não é qualquer livro que eu leio.	Título ou capa.		
nº 91 5ª D 1992				Aventuras.	Considero um leitor porque leio bastante.	Título ou autor.		Hoje leio mais que antes porque a BC me incentivou.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 91 6ª D 1993			Leio nas horas vagas.				Gosto porque posso ler mais.	Sim. Leio mais rápido e entendo os livros.
nº 92 5ª D 1992	Quando eu era pequeno, meus pais me contavam muitas histórias e eu me sentia muito bem porque me relaxava e eu gostava quando eles mostravam figuras. A primeira vez que toquei um livro eu tinha meses, e o primeiro livro que li foi no Jardim II.	Gosto muito de ler porque olho os livros interessantes e aprendo muito com eles, aprendo novo vocabulário.	Sempre que não tenho nada para fazer eu leio.	Aventura e suspense pois me divirto.	Considero-me um leitor porque me sinto bem lendo.	Escolho pelos comentários, que vêm atrás do livro, na contracapa. Quando não há comentário, escolho pela capa ou lendo uma parte do livro.		Este ano estou lendo mais porque estou me interessando mais.
nº 92 6ª D 1993			Leio nos horários livres.	Estou tentando variar gêneros.			Gosto, porque posso ler mais e é um ambiente descontraído.	Sim. Leio mais e com mais frequência.
nº 93 5ª D 1992	Quando pequeno me contavam histórias. Para falar a verdade todo mundo (que seja meu parente) contava histórias para mim. Eu adorava quando me contavam histórias, eu ficava paralisado, prestando atenção nela. Segundo minha mãe eu li meu 1º livrinho com 3 anos de idade.	Adoro ler porque me sinto no meio do livro.	A noite, na cama porque é mais excitante!	Eu gosto de ler todo tipo de livro, porque quando eu leio não ligo para o tipo de livro, pois adoro ler. Apaixonado, suspense, policial.	O ano passado eu me considerava leitor, só que este ano eu não me considero, porque estou lendo pouco.	Quando é da Série Vaga- Lume eu olho atrás da capa. Olho na capa e vejo se o título me interessa. O livro tem que ter mais de 100 páginas.		Estou lendo menos que o ano passado.
nº 93 6ª D 1993		Aprendi a gostar de ler.		Estou lendo todos da Série Vaga-Lume.	Ler é muito bom!		Gosto pois aprendemos a gostar de ler.	Eu não modifiquei minha relação com os livros: leio o mesmo tanto e do mesmo jeito.
nº 94 5ª D 1992	Há 3 anos atrás li meu 1º livro "A coroa do rei". Meu pai me contava histórias, toda noite bem devagar e eu me sentia feliz. Até que um dia meu pai me deixou pegar um livro e achei legal.	Sim, mas depende do livro.		Aventura, histórias em quadrinhos, suspense, enigma e desafios.	Leitor é aquele que lê alguns livros por mês, e é o que eu faço.	Pela Coleção e pelas indicações de pessoas.		Tenho lido mais porque descobri que é um dos prazeres que temos e não podemos desperdiçar e aprendemos muito com isso.
nº 94 6ª D 1993			A noite.				Aulas boas porque os livros são relaxantes e divertem.	Sim, eu modifiquei, leio mais à noite.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 95 5ª D 1992	Quando pequena, ouvia comentários à noite. Minha mãe lia vários livros, contava histórias que a avó contava para ela. Eu ficava só imaginando a história, ficava muito feliz quando a história acabava bem. Com 2 anos ficava vendo as figuras dos livros.	Gosto de ler, mas livros finos e gibis. Porque você entra na história como se fosse o personagem principal e estivesse vendo tudo. Leio finos e gibis porque me acostumei a ler pouco e tenho preguiça de ler.	A noite, porque é a hora que me dá mais vontade.	Finos e gibis. Eu gosto muito de ler gibis, mas isto não é para minha idade. Dos livros da minha idade prefiro policial.	Não me considero uma leitora porque leio pouco.	Capa, pela número de páginas, resuminho nas contracapas.		Não tenho lido muito mas pretendo ler.
nº 95 6ª D 1993			A noite, no ônibus, fins de semana.	Romance do que aventura.				Tenho lido mais. Agora leio um livro num dia do final de semana (domingo).
nº 96 5ª D 1992	Até que eu aprendesse a ler como leio hoje, eu primeiro folheava, via, rasgava livros. Desde pequena (um ano) eu folheava livros de pano. Mamãe lia e inventava histórias para mim. Com sete anos, aprendi a ler e eu comecei a ler histórias para mamãe. Primeiro livro "A minhoca viajante".	Estou feliz pois hoje em dia leio muito mais livros que antigamente. Aprendi a gostar de ler, pois com eles viajo sem sair do lugar, me distraio e me educa, e me dá ânimo, levanta o astral. Gosto muito de ler, acho um ótimo passatempo.	Nas horas vagas, e antes de dormir ou viajando.	Livros de casos, diários, cartas, "tempos antigos", gibis. Os de suspense e caso, tento desvendar o mistério, os diários são engraçados. Histórias em quadrinhos e até aqueles que me fazem chorar. Esses livros me abrem o apetite de ler.	Hoje me considero leitor porque não leio só por obrigação, também por diversão	Leio o resumo atrás do livro, título, capa, e "quando alguém recomenda não é de se largar".		
nº 96 6ª D 1993			Se há tempo vago, corro para ler. Antes de dormir pelo menos um trecho, me satisfaz.	Tenho meus autores preferidos: Pedro Bandeira e Alvaro Cardoso. Continuo gostando de suspense e aventura.			BC me ajudou muito, sem ela meu gosto não ia despertar.	É difícil acreditar que podemos mudar o gosto pela leitura. Antes nem livro bom eu tinha, agora leio um por fim de semana. Talvez a mudança seja pelo tipo de livro: gosto do romance-juvenil.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 97 5ª D 1992	Meu pai me contava "Os três porquinhos". Ele me contava fazendo gestos e batendo na cama. Eu gostava muito. Dois anos peguei pela primeira vez, um livro. O primeiro livro que eu li "Os três porquinhos". Eu gostava também que tinha até o disco.	Gosto muito de ler porque me faz passar o tempo e me faz dar sono.	À noite antes de dormir, nas horas vagas.	Terror porque prende a atenção do leitor.		Título, capa, número de páginas, ilustração e tamanho letras.	Não me considero leitor, mas às vezes me considero porque gosto de ler e leio bastante.	Li mais livros este ano que os anteriores (mais ou menos 7 livros) agora 21 livros.
nº 97 6ª D 1993							Gosto, são aulas legais e divertidas.	Estou lendo menos, não gosto muito de ler mais. Não gosto mais de livros de terror.
nº 98 5ª D 1992	Quando pequena, minha mãe contava histórias todos os dias antes de dormir e de vez em quando inventava. Eu me sentia atraída por um mundo mágico. Não sei quando manuseei um livro, mas deve ser um livro que minha mãe havia lido, tentando interpretar sala diferente. Minha primeira leitura foi quando tinha meses porque lia livros que havia só desenhos. Em holandês, não em português.	Adoro porque me sinto em um mundo mágico de alegria.	Leio na minha cama e no ônibus. Em outros lugares não entendo bem o que leio.	Suspense, mistério, porque me entregam a ler para descobrir os segredos que contam.	Leitor é aquele que sabe escolher um livro interessante, sem olhar só o título. E também aquele que lê muito. Por isso não sou leitor.	Escolher um livro é difícil porque precisa ter capa interessante, não mais que 200 páginas, título.		Li mais que os anos anteriores, porque eu não gostava de ler.
nº 98 6ª D 1993			À noite, dez minutos antes de dormir, depois me dá sono. Fim de semana.	Continua aventura, mas começo a gostar de drama.			Aula de B.C. é boa porque a gente descansa, parte para a aventura do livro e adianta a leitura 50%.	Antes lia mais porque tinha menos que estudar.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 99 5ª D 1992	Quando pequeno minha mãe me contava muitas histórias antes de eu dormir de um jeito muito engraçado. Eu me sentia muito feliz porque eu não sabia ler e ela lia para mim. Minha mãe me contava que quando eu tinha 2 anos ela me deu um livro de pano.	Eu gosto de ler mas só livros bons porque eu fico sabendo mais das coisas.	À noite.	Aventuras, porque eu me divirto muito, ficção.	Eu me considero leitor porque sei ler, gosto de ler livro.	Escolho por comentário, pelo autor, lendo o prefácio ou dou uma folheadinha.		Eu tenho lido mais este ano que no ano passado para ganhar nota na aula de Português e porque estou começando a gostar de ler.
nº 99 6ª D 1993							Gosto desta aula porque dá mais tempo para ler.	Eu modifiquei a minha leitura quanto ao gênero e quantidade de livros.
nº 100 5ª D 1992				Suspense, aventura.	Não sou leitor porque leio muito pouco.		Escolho pela capa, pelos amigos, dando uma folheada.	Tenho lido mais livros porque a professora pede.
nº 100 6ª D 1993							Gosto porque são silenciosas.	Não modifiquei minha relação com os livros. Não leio mais, tento variar um pouco, mas é difícil, não tenho horário para ler.
nº 101 5ª D 1992	Meu pai me contava histórias e eu me sentia bem, mas meio confuso. O meu pai me contava histórias dos dois tigres brancos que queriam ser pintados, um listrado de amarelo e preto e o outro de preto e amarelo. Só quando cresci mais eu percebi que eles eram iguais, ele me contava oralmente. Na 1ª vez que manuseei a Bíblia, era muito pequeno.	Gosto de ler porque é legal ler livros interessantes. Também porque podemos ficar informados de alguma coisa.	Manhã e noite.	Gibis, mistério, suspense. Gibis porque é engraçado. Suspense porque tem aqueles casos de morte e depois aparece detetive e investiga o caso. Mistério você não quer parar de ler. Aventura porque deixa a gente com emoção e dá vontade de ler.	Eu me considero um leitor, agora, porque leio muito.	Capa do livro, às vezes perguntando para amigo e dificilmente pelo autor do livro.		Eu já estou melhorando minha leitura. Estou lendo mais que os outros anos, porque antes eu pegava um livro para ler e não tinha vontade de ler.
nº 101 6ª D 1993		Eu continuo gostando de ler.		Estou variando os tipos porque quero ver como os outros livros são.			A aula é boa porque ajuda quem não gosta de ler.	Leio a mesma quantidade, que eu acho boa.
nº 102 5ª D 1992	Minha mãe contava histórias para mim ou eu ouvia rádio.	Eu gosto de ler só alguns tipos de leitura.	Manhã, noite.	Aventura, gostei de "Aventuras de Huck".	Não me considero leitor porque só leio médios, livro grosso me enjoa.	Capa, pela grossura (não pode ser grosso) e título.		Este ano estou lendo mais do que os anteriores.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 102 6ª D 1993								Estou lendo mais e mudei os tipos de livros.
nº 103 5ª D 1992	Com um ano minha mãe me comprou um livro de plástico para eu brincar na banheira. Minha mãe me contava histórias para eu dormir, ela inventava ela enchia de aventuras, então eu ficava bem acordada, como eu não dormia minha mãe punha bastante detalhes, eu não aguentava e dormia. Minhas professoras também contavam na classe, iam livros, e eu e meus colegas ficavam com as bocas abertas que nem bobos (toda criança adora história). Com 7 anos comecei a ler a Coleção O Gato e o Rato. Minha mãe quando ia no supermercado eu ia junto e ela comprava para mim. Enquanto minha mãe fazia compra, eu já ia lendo.	Adoro ler porque aprendemos muita coisa nele (novas palavras, vocabulário, expressões, ganhamos mais idéias para fazer texto, personagens).	Noite, de manhãzinha, fins de semana, horas vagas, na escola.	Livros humorísticos, de aventura. Ziraldo, Lobato, Lygia B. Nunes. Não gosto de livros muito compridos e cansativos. Lobato é comprido, mas não é cansativo, porque a linguagem é fácil de entender, de imaginar, mesmo sendo antiga. Série Vaga-Lume. Não gosto de romance, drama, tragédia.	Considero-me uma leitora porque leio bastante e quase todos os dias.	Escolho pelos resumos que têm atrás nas "orelhas" do livro, comentários, capa, nome, folheando tento imaginá- lo.		Nos anos anteriores não lia livros grossos mas agora estou me prestando mais à leitura e me dedicando mais.
nº 103 6ª D 1993		Continuo gostando de ler os mesmos tipos de livro.						Mudei, minha leitura anda diminuindo, o meu tempo diminuiu, fico com preguiça de pegar o livro.
nº 104 5ª D 1992	A primeira vez que manuseei um livro de plástico no banho (3 anos).	Ler me dá ânimo. Adoro ler porque faz bem para tudo. É como virar no céu azul ou no fundo do mar. Com os livros minha mente viaja mais, me sinto em um mundo de ilusão. Eu me ponho dentro da história e sonho a noite inteira.	A noite, às vezes de manhã.	Aventura, suspense, Lobato.	Não me considero uma leitora pois leitor é o que gosta de ler tudo e eu só gosto de ler o que é parecido comigo.	Título e comentário, resumo na capa.		Leio mais que antes por causa da BC.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
--------------------------	--	--------------------	------------------------------	--	----------------	---------------------------------------	---	---

nº 104 6ª D 1993			Leio o tempo todo, a mãe pede para parar.				Gosto BC porque é descontraída e gostosa.	Mudei muito: leio mais, com mais facilidade e mudei o gênero.
nº 105 5ª D 1992	Minha mãe me contava história trocando os nomes dos personagens, eu ria muito e me sentia feliz. Primeiro livro: Pé- Legrino e Pé-trônio de Ziraldo.	Gosto de ler porque leitura é interessante e me distrai.	Horas vagas, quando tenho vontade.	Suspense, aventura, humor por serem legais e envolventes, mistério. Eu fico com vontade de viver aventura igual.	Eu me considero um leitor porque para mim ler é qualquer coisa, livro, jornal, e eu faço isto regularmente.	Assunto, ou nome ou capa, ou por recomendação de algum colega e amigos.		Leio mais porque esta escola pede mais leitura.
nº 105 6ª D 1993			A noite, fins de semana.				Gosto, só que não gosto que ninguém converse.	O mesmo; leio 1 a 5 livros por bimestre.
nº 106 5ª D 1992	Minha mãe me contava histórias para eu dormir. Lia ou tirava da cabeça. Contava mais contos de fadas e lendas, e eu me sentia personagem. Li a primeira vez no pré, o primeiro livro foi ABC Cartilha. Bem pequenininha, o primeiro livro que peguei eu o destruí, pois adorava ele.	Adoro ler porque dá sensação de ansiedade. As vezes relaxo, outras vezes fico mais nervosa. Gosto de ler também porque se aprende. Enfim, nasci para gostar de ler.	Nas horas que tenho tempo e que me dá vontade. Gosto de ler deitada, em cima da cama ou sofá.	Humor, aventura. Mas gosto de qualquer tipo. Os de aventura são melhores porque a cada momento acontece uma coisa, e posso imaginar o que vai acontecer.	Considero-me leitora porque leio revistas, livros, gibis, jornais.	Pelos comentários de pessoas que já leram ou pelo resumo na capa do livro.		Leio mais porque a professora deste ano pede para lermos 500 páginas mais ou menos por bimestre.
nº 106 6ª D 1993			Leio pouquinho todo dia de noite.	Leio qualquer tipo. Série Vaga-Lume.			Gosto, leio nas aulas de BC, que são gostosas, diferentes.	Continuo lendo a mesma média da 5ª série, por causa dos meus horários e o que a professora pede.
nº 107 5ª D 1992	Minha mãe tem duas bibliotecas e quando vou lá eu leio bastante. Minha mãe contava história de um livro que ela tinha. Com 2 anos eu pegava o livro e rasgava, com 3 olhava os desenhos, com 5 já lia.	Gosto muito de ler porque distraí e melhora o vocabulário.	Em casa, nas horas vagas.	Aventura, porque deixa a gente querendo saber o que vai acontecer depois. Grossos, porque são mais explicados. Série Vaga-Lume.	Eu achava que leitor é o que lia, lia, lia jornais, livros, revistas, mas eu acho que leitor é o que lê na medida certa e daí eu me considero leitor.	Título, a série, número de páginas, e o que não li ainda.		
nº 107 6ª D 1993		Talvez não goste mais de ler, porque é obrigação. Enjoei de ler, perdi a curiosidade.		Odeio aventuras, e livros de terror. Fernando Sabino, Álvaro Cardoso, Lygia Bojunga Nunes.			Gosto das aulas mesmo não querendo ler, porque me junto com as amigas e me sinto mais alegre e com ânimo melhor. Por isso tenho vontade de pegar um livro.	Tenho lido menos do que a 5ª série. Eu li livros maravilhosos e agora não acho nenhum que me interesse.

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você lê?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 108 5ª D 1992	Quando pequena, minha mãe me contava história para eu dormir e eu pedia para ela contar outra vez. Manuseei com 5 anos e li primeira vez com 7.	Gosto muito de ler. É meu passatempo preferido.	Quando acordo, coberta na cama.	Livro grosso, comédia, aventura, romance, tudo misturado.	Leitor é uma pessoa que já muito e gosta de livros de suspense, romance, aventura, comédia, terror, suspense.	Título.		Estou lendo mais que os anos anteriores.
nº 108 6ª D 1993			A noite, nas horas de folga.	Não mudei. Gosto agora: Alvaro Cardoso, Pedro Bandeira, livros grossos. Série Vaga-Lume.			Acho ótima, tem bons livros.	Continuo lendo muito.
nº 109 5ª D 1992					Considero-me leitora porque leio mais.	Capa, lendo o resumo de história atrás da capa, e lendo o começo do livro.		Leio mais que os anos anteriores, porque nesta escola nós podemos escolher nossos livros.
nº 109 6ª D 1993		Adoro ler.						Leio sempre mais do que a professora pede. Antes lia só de vez em quando, agora leio todo dia.
nº 110 5ª D 1992				Suspense, "Enigma da TV".	Ótima leitora, todo mundo acha e eu também.	Comentário de uma amiga.		Esta escola me incentivou a ler mais.
nº 110 6ª D 1993				Continuo gostando de livros de aventura, ficção e mistério.			Não gosto muito da BC como no ano passado.	Ano passado eu lia mais, porque tinha mais tempo.
nº 111 5ª D 1992	Pequena: minha mãe, meu pai, meus 2 irmãos, sempre me contavam historinhas, eu ficava no colo, eu ficava com sono e dormia. Papai me levava para cama. Primeira série: primeiro livro "Curiosidade premiada".	Não gosto, só gosto quando eu escolho o livro para mim mesma.	De dia porque de noite eu tenho um pouquinho de medo.	Terror, porque gosto de coisas de monstro e demônio, fico assustada, sei que é mentira, mas acho super legal. Romance é lindo: beijinhos para todo lado, namoricos, cartas.	Não sei se sou leitora porque às vezes gosto de ler, às vezes não.	Quando vou à loja do meu pai escolho um livro para ler. Olho se é terror, romance, número de páginas, tamanho da letra.		
nº 111 6ª D 1993			À noite e nas B.C.	Antes lia finos, agora leio mais grossos.			A aula é jóia, porque quanto mais lenos, mais adquirimos cultura, conhecimento, vocabulário.	Ano passado eu lia mais, porque tinha mais tempo.
nº 112 5ª D 1992	Com um ano, meus pais me contavam histórias. Eu pegava os livros e ficava "lendo" para mim mesma. 1ª série li o 1º livro "O pato e o sapo".	Não gosta de ler livros recomendados pela professora, apenas escolhidos por ela mesma.	Férias, feriado, à noite (antes de dormir).	Aventura, comédia, não gosto de policial.	Sou leitor pois leio vários livros e quando começo, não paro.	Pela capa, título.		

nº aluno série ano	Com quem você se interessou pela leitura?	Você gosta de ler?	Qual período que você le?	Que livro prefere? (motivações, características do objeto)	Você é leitor?	Como você escolhe livros para ler?	Biblioteca de Classe Metodologia de Ensino	Mudanças de comportamentos e atitudes
nº 112 6ª D 1993				Continuo com a mesma preferência.				Leio mais do que o ano passado. Gosto mais de ler e presto mais atenção.
nº 113 5ª D 1992	Meu pai contava histórias conhecidas sem ler e parecia que eu estava vendo ao vivo. Era super jólí! 1º livro manuseado foi de plástico com 10 meses. 1ª série li o 1º livro: "O vento".	As vezes gosto, às vezes não porque acho monótono.	Nas horas vagas.	Aventura, suspense, pesquisa científica, gibis, humorísticos.	Leitor porque leio um pouquinho cada dia e fiquei fã de vários livros que antes nem sequer eu me aproximava deles.	Pelos meus amigos, pelo resumo, pelo traço (ilustração, título).		Li mais do que os anos anteriores porque aprendi a gostar de ler.
nº 113 6ª D 1993		Gosto de ler.						Leio mais e mudei os tipos de livros. Não mudei horário.

BILIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fanny, *O estranho mundo que se mostra às crianças*, SP, Summus, 1986
- ABRAMOVICH, Fanny, *O mito da infância feliz*, SP, Summus, 1988
- AGUIAR, Vera T. e outros, *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1912
- BANDEIRA, Pedro, *O fantástico mistério de feiurinha*, SP, FTD, 1986
- BARDIN, Lawrence, *Análise do conteúdo*, Lisboa, Edições 70, Distribuição Br., 1981
- BARTHES, Roland, *O humor da língua*, Lisboa, Edições 70, 1984
- BETTELHEIM, Bruno, *A psicanálise dos contos de fadas*, RJ, Paz e Terra, 1978
- BOSI, Ecléia, *Cultura de massa e cultura popular: leitura das operárias*, SP, Vozes, 1978, 4ª edição
- BRAGATTO F., Paulo, "Os livros criam asas", in *Anais do 5º COLE*, Campinas, ALB, 1985
- BRANDÃO, Helena H.N., *Introdução à análise do discurso*, Campinas, Ed. Unicamp, 1993, 2ª edição
- CALVINO, Ítalo, *Se um viajante numa noite de inverno*, RJ, Nova Fronteira, 1982
- CATÁLOGO, *Coleções Veredas*, SP, Editora Moderna, 2º semestre de 1993
- CATÁLOGO, *Série Vaga-Lume*, SP, Editora Ática, 2º semestre de 1993
- CERVANTES, Miguel de, *Dom Quixote de la Mancha*, SP, Abril Cultural, 1978
- CHARTIER, Roger, "Chartier vê revolução na história de leitura", in *Folha de São Paulo*, caderno Mais, 28-11-93
- CHARTIER, Roger, *A história cultural entre práticas e representações*, RJ, Ed. Bertrand Brasil S.A., 1988
- COSTA LIMA, Luis (org.), *A literatura e o leitor*, RJ, Paz e Terra, 1979
- DARNTON, Robert, *Edição e sedição*, SP, Companhia das Letras, 1972
- DEMO, Pedro, *Avaliação qualitativa*, SP, Cortez, 1987
- EAGLETON, Terry, *Teoria da literatura: uma introdução*, SP, Martins Fontes, 1990
- FILIPOVSKI, Ana M., "Atividades com texto em sala de aula", in *Leitura em crise na escola*, ZILBERMAN, Regina (org.), Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, 5ª edição
- FLAUBERT, Gustave, *Madame Bovary*, SP, Abril Cultural, 1970
- FOLHA DE SÃO PAULO, "Paulistanos dizem não ter o hábito de ler por falta de tempo", in *caderno Mais*, 02-01-94
- FOUCAMBERT, Jean, "O que a escola precisa saber (e fazer) para formar leitores" (1ª parte), in *Revista Nova Escola* nº 64, março, 1993a
- FOUCAMBERT, Jean, "O que a escola precisa saber (e fazer) para formar leitores" (2ª parte), in *Revista Nova Escola* nº 65, abril, 1993b

- FOUCAMBERT, Jean, *O leitor em questão*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994
- FRANCO, Maria Laura, "Estudo de caso no falso conflito que se estabelece entre análise quantitativa e qualitativa", in *Educação*, vol. 7, SP, PUC SP, 1986
- FREIRE, Paulo, *A importância do ato de ler*, SP, Cortez, 1993
- FREITAG, Barbara, *O indivíduo em formação*, SP, Cortez, 1994
- FREITAG, Barbara, *Política educacional e indústria cultural*, SP, Cortez, 1989, 2ª edição
- GENZBURG, Carlos, *O queijo e os vermes*, SP, Companhia das Letras, 1992, 5ª edição
- GERALDI, João W. (org.), *O texto na sala de aula. (leitura e produção)*, Campinas, UNICAMP / Cascavel, ASSOESTE, 1984
- GISSONI, Helena, "Quem lê sabe mais", in *Desfile nº 297*, Ed. Bloch, junho 1994
- GNERRE, Maurizio, *Linguagem escrita e poder*, SP, Martins Fontes, 1985
- KENSI, Leila T.S., "Leitura como paixão", in *Anais do 6º COLE*, Campinas, ALB, 1987
- KHÉDE, Sônia Salomão (org.), *Literatura infanto-juvenil, em gênero polêmico*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986
- LAJOLO, Marisa, *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, SP, Ática, 1993
- LAJOLO, Marisa, *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*, SP, Ática, 1984
- LISPECTOR, Clarice, *O primeiro beijo e outros contos*, SP, Ática, 1994, 9ª edição
- LOBATO, Monteiro, *Dom Quixote das crianças*, SP, Brasiliense, 1962, 14ª edição
- LUNA, Sérgio, "O falso conflito entre tendências metodológicas", in *Metodologia de pesquisa educacional*, SP, Cortez, 1989
- MACHADO, Ana Maria, "Prá que presta uma menininha?", in *O mito da infância feliz*, ABRAMOVICH, Fanny (org.), SP, Summus, 1984
- MAGNANI, Maria do Rosário, *Leitura, literatura e escola*, SP, Ed. Martins Fontes, 1989
- MAINGUENEAU, Dominique, *Análise do discurso*, Campinas, Pontes, 1989, 2ª edição
- MARTINS, Joel, *Metodologia da pesquisa educacional*, SP, Cortez, 1989
- MOSCOVICI, Serge, *A representação social da psicanálise*, RJ, Ed. Zahar, 1984
- NASCIMENTO, Admiliane Loyola, "Livro, por que te quero", in *Leitura, teoria e prática*, ano 6, nº 09, Porto Alegre, Mercado Aberto, Associação de Leitura do Brasil, junho 1987
- NUNES, José Horta, *Formação do leitor brasileiro. Imaginário da leitura no Brasil colonial*, Campinas, Unicamp, 1994
- ORLANDI, Eni Pulcinelli e outros, *Leitura perspectivas interdisciplinares*, SP, Ed. Ática, 1988a
- ORLANDI, Eni Pulcinelli, *Discurso e leitura*, Campinas, Cortez, 1988b
- PACHECO, Elza Dias, "As práticas de ensino no contexto das linguagens verbais e não-verbais: a T.V. na sala de aula como estratégia curricular", in *Anais do 8º COLE*, Campinas, Ed. Unicamp, 1992
- PERROTTI, Edmir, "Hábitos de leitura / Hábitos de luxúria", in *Anais do 6º COLE*, Campinas, ALB, 1987

- RENSI, Leila T.S., "Leitura: como caso de paixão", in *Anais do 6º COLE*, ALB, 1987
- SALINGER, J.D., *O apanhador no campo de centeio*, RJ, Ed. do Autor, 1989, 10ª edição
- SCLIAR, Moacyr, "A função educativa da leitura literária", in *Anais do 8º COLE*, Campinas, Ed. Unicamp, 1992
- SILVA Jr, Celestino Alves, *A escola pública como local de trabalho (tese de livre docência)*, Araraquara, UNESP, 1990
- SILVA, Ezequiel Theodoro, "Biblioteca escolar: da gênese à gestão", in *Leitura em crise na escola*, (org.) Regina Zilberman, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, 5ª edição
- SILVA, Ezequiel Theodoro, *Leitura e realidade brasileira*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, 3ª edição
- SILVA, Ezequiel Theodoro, *O professor e o combate à alienação imposta*, SP, Cortez, 1989a
- SILVA, Ezequiel Theodoro e outros, "Partilha e conflito das interpretações - um caminho para o desenvolvimento da linguagem do leitor infantil", in *Leitura e desenvolvimento da linguagem*, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1989b
- SILVA, Ezequiel Theodoro, *Os (dez) caminhos da escola: traumatismos educacionais*, SP, Cortez, 1990a
- SILVA, Ezequiel Theodoro e ZILBERMAN, Regina (org.), *Literatura e pedagogia. Ponto e contraponto.*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990b
- SILVA, Ezequiel Theodoro, *Magistério e mediocridade*, SP, Cortez, 1992
- SILVA, Lilian Lopes, *A escolarização do leitor*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986
- SIMSON, Olga de Moraes Von (org.), *Experimentos com histórias de vida*, SP, Vértice, Ed. Revistas dos Tribunais, 1988
- SMOLKA, Ana Luiza B., "A atividade de leitura e o desenvolvimento das crianças: considerações sobre a constituição de sujeitos leitores", in *Leitura e desenvolvimento da linguagem*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989
- SOARES, Magda Becker, "As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto", in *Leitura perspectivas interdisciplinares*, SP, Ed. Ática, 1988
- SOARES, Magda Becker, *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, SP, Ed. Ática, 1986
- ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa, *Um Brasil para crianças*, SP, Global, 1986
- ZILBERMAN, Regina, "Leitura: porque a interdisciplinaridade?", in *Leitura, perspectivas interdisciplinares*, SP, Ática, 1988a
- ZILBERMAN, Regina, *A leitura e o ensino de literatura*, SP, Contexto, 1988b
- ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro (org.), *Leitura: perspectivas interdisciplinares*, SP, Ática, São Paulo, 1988c
- ZILBERMAN, Regina, *Estética da recepção e história da literatura*, SP, Ed. Ática, 1989
- ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro (org.), *Literatura e pedagogia. Ponto e contraponto.*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990
- ZIRALDO, *A bela borboleta*, SP, Melhoramentos, 1983